

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

ANA PAULA YOSHIOKA

**A RolêFeira em Araraquara (SP): trabalho criativo,
empreendedorismo e movimento social**

SÃO CARLOS – SP

2022

ANA PAULA YOSHIOKA

**A RolêFeira em Araraquara (SP): trabalho criativo,
empreendedorismo e movimento social**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, como parte dos requisitos à obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Jacob Carlos Lima

SÃO CARLOS – SP

2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Sociologia

Folha de Aprovação

Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Ana Paula Yoshioka, realizada em 25/02/2022.

Comissão Julgadora:

Prof. Dr. Jacob Carlos Lima (UFSCar)

Profa. Dra. Livia de Tommasi (UFABC)

Prof. Dr. Felipe Rangel Martins (UFSCar)

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os profissionais que compõem o Programa de Pós Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos. Aos professores e professoras que contribuíram em minha formação, em especial ao meu orientador Prof. Dr. Jacob Carlos Lima. Sua generosidade intelectual, gentileza no trato e nas palavras e o constante encorajamento foram fundamentais nesse processo.

Agradeço a Profa. Dra. Maria Chaves Jardim pelas contribuições no exame de qualificação, a Profa. Dra. Maria Lívia Tommasi por aceitar nosso convite para compor a banca de defesa e ao Prof. Dr. Felipe Rangel por contribuir desde o início dessa pesquisa com apontamentos, reflexões e críticas pertinentes, por estar presente na qualificação e na defesa dessa dissertação.

Agradeço aos colegas do LEST pelas sugestões, indicações de leitura e, principalmente, pela “terapia coletiva”.

Agradeço ao coletivo Rolê e aos demais expositores e expositoras por disporem de seus tempos para colaborar com as entrevistas. Fabiana, Graziela e Maria Eduarda, Beatriz, Bruna, Camila, Cláudia, Hermano, Janine, Kamila, Lívia, Neusa, Pedro, Raissa, Vitor, meu muito obrigada.

Agradeço a minha mãe e ao meu pai, Joana e Antônio, por me ajudarem com tarefas cotidianas, a minha irmã Cassiana por acreditar, a minha filha Maria Cecília pelas trocas, inclusive acadêmicas, pelo apoio, afeto e por acreditar. Obrigada por compreenderem as faltas e ausências, por terem paciência e amor. Aos meus amigos e amigas que de perto ou de longe vibraram positivamente, obrigada pela parceria.

Agradeço ao Ettore por estar presente no início dessa trajetória, apoiando e refletindo comigo, a Ayra por estar presente de maneira afetuosa mesmo de longe, ao Vinícius pela leitura do texto e pelos valiosos apontamentos.

Agradeço a minha terapeuta, Patrícia, por ajudar a me levantar e continuar seguindo.

Um agradecimento especial a Marina pela escuta atenta, por pensar junto, por me lembrar todo dia de tudo o que vivi até aqui, por não me fazer desistir, pelos risos e choros durante todos esses anos, por “botar fé” e me ajudar na fé. Agradeço a Talitha por segurar minha mão e me puxar quando empacava, pela objetividade necessária para me ajudar a organizar a bagunça de ideias e sentimentos, especialmente nesse momento final, por todo amor e cuidado. Marina e Talitha, que sorte ter vocês em minha vida.

Por fim, agradeço também ao Sistema Único de Saúde, assim como todos os centros e núcleos de pesquisa que possibilitaram o desenvolvimento da vacina contra COVID-19 que vem salvando infinitas vidas. Viva a ciência!

RESUMO

Esse estudo teve o objetivo de entender como os empreendedores e empreendedoras criativos que estão inseridos num contexto de feiras criativas percebem a si e o trabalho que desenvolvem, quais os desejos e afetos acionados, em que medida suas subjetividades e os valores por eles defendidos estão empregados nos resultados dos seus trabalhos e de que maneira justificam o ato de empreender. As transformações na cultura do trabalho instrumentalizadas pela racionalidade neoliberal, que estimula a ação criativa e o discurso empreendedor, corrobora para a construção da figura desses “empreendedores de si” inseridos na chamada economia criativa. Para alcançar tais objetivos, a RolêFeira, feira criativa que ocorre em local público na cidade de Araraquara-SP, foi utilizada como objeto. A partir de observação de campo, de entrevistas com as mulheres que compõe o coletivo Rolê e demais expositores e expositoras que participam da feira foi possível levantar dados que nos ajudou a responder nossos questionamentos acerca da maneira como os sujeitos incorporam o discurso empreendedor e seu poder de ação frente aos imperativos do modo de reprodução do capital. Em acordo com o "novo espírito do capitalismo", o trabalho torna-se projeto de vida dos sujeitos que o veem como meio de sanar suas necessidades subjetivas, permitir a vivência de seus estilos de vidas e identidades, mesmo que ao custo de arcarem com os riscos contido no trabalho autônomo e a perda de direitos trabalhistas.

Palavras-chave: Trabalho criativo. Autoempreendedorismo. Subjetividade. Movimento de feiras criativas.

ABSTRACT

The aim of this study was to understand how creative entrepreneurs who are inserted in a creative fairs context perceive themselves and the work done by them, what desires and affections they are triggered about, to what extent they employ their subjectivities and values in their work results, and how they justify entrepreneurship. Transformations in the work culture instrumentalized by neoliberal rationality, by stimulating creative action and entrepreneurial discourse, corroborate the construction of these "self-entrepreneurs" figure, inserted in the so-called creative economy. The RolêFeira, a creative fair that takes place in a public area in the city of Araraquara-SP, was used as an object of study. Based on observations with interviews with women who organize the Rolê collective group and other exhibitors who participate in the same fair, it was possible to collect data that helped to answer questions about the way individuals incorporate the entrepreneurial discourse and its power of action against the capital reproduction mode imperatives. In accordance with the "new spirit of capitalism", work becomes the life project of the individuals who see it as a way to meet their subjective needs and to allow them to live their lifestyles and identities, even at the cost of carrying risks contained in the autonomous work and loss of labor rights.

Keywords: Creative work, self-entrepreneurship, subjectivity, creative fairs movement

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Praça Faveral onde ocorre a Rolêfeira.....	19
---	----

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1. Reunião do Talk Rolê, em 2019.....	21
Imagem 2. Reunião do Talk Rolê, em 2019.....	22
Imagem 3. Atividade cultural na Rolê Feira, em 2019.....	23
Imagem 4. Atividade cultural na Rolê Feira, em 2019.....	23
Imagem 5. Atividade cultural na Rolê Feira, em 2019.....	24
Imagem 6. Atividade cultural na Rolê Feira, em 2019.....	24
Imagem 7. Atividade cultural na Rolê Feira, em 2019.....	25
Imagem 8. Atividade cultural na Rolê Feira, em 2019.....	25
Imagem 9. Atividade cultural na Rolê Feira, em 2019.....	26
Imagem 10. Atividade cultural na Rolê Feira, em 2019.....	27
Imagem 11. Atividade cultural na Rolê Feira, em 2019.....	27
Imagem 12. Atividade cultural na Rolê Feira, em 2019.....	28

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Perfil dos expositores.....	35
Quadro 2. Dados sobre os empreendimentos.....	36
Quadro 3. Perfil das fundadoras e organizadoras da RolêFeira.....	37
Quadro 4. Perfil dos empreendimentos das fundadoras da RolêFeira.....	37
Quadro 5. Motivações e metas a partir das perspectivas dos trabalhadores.....	51

LISTA DE SIGLAS E ABREVIACÕES

CLT - Consolidação das Leis do Trabalho

CPFL - Companhia Paulista de Força e Luz

FCLAr - Faculdade de Ciências e Letras da Unesp de Araraquara

FIRJAN - Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro

INSS - Instituto Nacional do Seguro Social

MEI - Microempreendedor Individual

MinC – Ministério da Cultura

UNEB - Universidade Estadual da Bahia

UNESP - Universidade Estadual de São Paulo

PIB - Produto Interno Bruto

SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

SESC - Serviço Social do Comércio

Sumário

1. Introdução.....	13
2. Operacionalização da pesquisa	18
2.1 O campo.....	19
2.2. Conhecendo expositoras e expositores.....	28
2.3. As organizadoras	32
3. O movimento de feiras criativas e o empreendedorismo	38
3.1 O rolêfeira	41
4. Economia criativa e o desejo de inventar	56
4.1 Cultura e criatividade como estratégia de desenvolvimento	59
4.2 A pandemia e a suspensão das feiras criativas	61
5. Racionalidade neoliberal: subjetividades reconhecidas?.....	64
5.1. Novas referências, medos antigos: entre o prazer do trabalho e sua instabilidade... 	70
5.2. Criando saberes e habilidades	76
5.3 O tempo e sua gestão	81
6. Construindo a visão empreendedora	86
7. Apontamento finais	95
8. Referências	99

1. INTRODUÇÃO

O trabalho por conta própria, lido na atualidade como empreendedorismo, sempre esteve presente no meu círculo familiar e social. Parentes e amigos exerciam suas atividades profissionais de maneira autônoma e algumas coisas me chamavam a atenção, especialmente as motivações que os levaram a serem autônomos e a relação que estabeleciam com o tempo. Pude perceber que o tempo produtivo e o de descanso misturavam-se, assim como eram misturados muitas vezes o espaço da casa e do trabalho, não havendo uma definição precisa sobre tempo e espaço. No dia a dia do trabalho existia grande flexibilidade entre tempo produtivo e o tempo de descanso, o que passava a ideia de que estavam o tempo todo envolvidos com suas atividades produtivas e, simultaneamente, havia uma percepção de terem conquistado a liberdade em gerenciar o próprio tempo.

A partir dessa observação surgiu uma questão: o que faz com que o trabalhador autônomo, ou mesmo aquele trabalhador sem nenhum vínculo formal, sinta que a possibilidade de gerenciar o próprio tempo é melhor que a pretensa segurança de um emprego formalizado? Ao indaga-los durante conversas triviais, as respostas sempre se direcionavam, ora para o lado da necessidade ou mesmo da falta de opções, ora por não ter patrão, ser “livre” para fazer o que bem entender, ou ainda motivações de ordem subjetiva. Entre essas últimas, diziam sentir que o trabalho que desenvolviam dava sentido as suas vidas e às vidas de quem tinha contato ou consumia o produto desse trabalho.

O trabalho como meio de realização pessoal é mais perceptível entre aqueles que desenvolvem trabalhos de ordem intelectual, artística e artesanal. Essas atividades, a partir dos anos de 1990, passaram a integrar a chamada “economia criativa” e seus atores classificados como empreendedores criativos. Em tese, esses empreendedores estariam motivados pela criação ou difusão dessas atividades que pressuporia uma “liberdade” de criar e empreender, ou seja, autônomos e desvinculados da relação salarial.

Os termos “economia da cultura” e “economia criativa” passaram a integrar o léxico econômico do neoliberalismo do final do século XX em diante e tornaram-se um ramo de atividade próprio, percebido como um dos mecanismos de desenvolvimento econômico e social no mundo e também no Brasil (MICHETTI; BURGOS, 2016).

Ainda que seja uma noção em disputa, por economia criativa entende-se o conjunto de negócios e atividades que tem sua centralidade nos processos intelectuais geradores de valor, que abrange funções ligadas à arte, artesanato, gastronomia, cultura popular, moda, design, mídia, tecnologia de informação e arquitetura, principalmente. Parte significativa são

desenvolvidas de maneira informal e temporária, assim como as mais estáveis que se encontram formalmente no trabalho autônomo, pode camuflar a precariedade presente nas extensas jornadas de trabalho com ganhos futuros e incertos. Em muitos casos, há um envolvimento da ordem dos afetos, ou seja, a dedicação tende a ser total e o trabalho torna-se um projeto de vida. (BENDASSOLI, 2009; FLORIDA, 2011; HOWKINS, 2013; REIS, 2006).

As transformações concebidas pelo neoliberalismo no que diz respeito a individualidade e subjetividade (BOLTANSKI; CHIAPELO, 2009; DARDOT; LAVAL, 2016) e o cenário de desemprego crescente, da precariedade dos empregos existentes, a partir de continuas reformas trabalhistas que flexibilizam a jornada de trabalho e eliminam direitos sociais, podem ser vistos como fatores que encorajam a busca por autonomia real (ROSENFELD, 2004) e pela construção de si, de uma identidade que, em teoria, se concretizaria na estruturação de um trabalho percebido como autônomo. Nesse quadro, os trabalhadores e trabalhadoras criativos estariam mais adaptados às transformações e exigências da nova cultura do trabalho, no que diz respeito a polivalência, a flexibilização e o auto-empresariamento (LIMA, 2010; MACHADO da SILVA, 2002). Podemos afirmar que essa sempre foi a condição laboral dos criativos.

O objetivo desta pesquisa foi entender como os chamados “empreendedores criativos” percebem e justificam sua autonomia frente ao mercado de trabalho, como elemento, de certa forma, emancipador no sentido de autorrealização. A percepção de que o trabalho ganha significado quando realiza desejos e afetos fica mais evidenciada sobretudo entre os jovens. A estabilidade das carreiras tradicionais não é mais ambicionada pela maioria deles, seja porque estão deixando de fazer parte do horizonte de possibilidades no novo padrão de reprodução do capital ou por não enxergarem nelas meio de realização pessoal. Nesse sentido, a perspectiva do autogerenciamento mostra-se importante como fator que propiciaria uma liberdade de escolha na atividade a que se dedicam.

Temos como recorte, trabalhadores e trabalhadoras que participam de feiras de economia criativa nas quais comercializam os trabalhos realizados em seus domicílios. A experiência dos sujeitos envolvidos no movimento de feiras independentes e criativas permite analisar aspectos centrais do “novo espírito do capitalismo”: o auto empreendedorismo, a inventividade, a adaptabilidade e a mobilidade, tidas como características ideais dos trabalhadores (BOLTANSKI, CHIAPELLO, 2009).

Esse tipo de feira se espalha pelo estado de São Paulo¹, capital e interior, assim como em outras regiões do país². Escolhemos o município de Araraquara, interior do estado de São Paulo, pois dentre as cidades da região é a que apresenta o movimento mais expressivo desse tipo de feira e, dentre elas, a RolêFeira, por manter frequência de realizações e por apresentar de forma crescente o número de expositores (as) e visitantes. A RolêFeira, que reunia cerca de 70 expositores³ de segmentos variados inseridos na economia criativa, é resultado da organização coletiva de trabalhadoras criativas que expunham em outras feiras, mas que queriam desenvolver um projeto de feira em houvesse identificação com os princípios e crenças por elas compartilhados.

O objetivo dessas feiras é fomentar e incentivar o mercado dos pequenos produtores independentes engajados e a intencionalidade de colaborar para a construção de novos modelos de produção e circulação de produtos e serviços e ser além de um espaço de compra, um espaço de convívio e lazer. A proposta é oferecer mais que produtos e serviços, é proporcionar uma experiência, transmitir determinadas ideias e valores, e contribuir para a “construção do gosto” (BOURDIEU, 2006a) e a mudança de comportamento. Para os sujeitos que compõe esse movimento, tão importante quanto o produto é reconhecer nele valores, a história dos produtores neles impressos, pois por meio deles pretende-se disseminar um *ethos*, (BOURDIEU, 2006b), um estilo de vida mais próximo ao ideal de sociedade que desaprova e renuncia ações econômicas desprovidas de valores e preocupações socioambientais.

A questão que norteia esse trabalho é em que medida a ação dos trabalhadores e trabalhadoras criativos que comercializam seus produtos e serviços em feiras criativas e independentes pode ser considerada uma forma de autonomia, de resistência ao modelo econômico hegemônico e de valorização de suas subjetividades? Para responder esse questionamento central faz-se necessário responder algumas outras perguntas: I) Quais são as causas defendidas e os valores concretamente impressos nos produtos e serviços elaborados por esses sujeitos?; II) Quais as estratégias e respostas desses trabalhadores e trabalhadoras frente

¹ Levantamento feito pelo núcleo de pesquisa e inteligência de mercado da São Paulo Turismo e o observatório de turismo e eventos da cidade de São Paulo apontou 46 organizadores de feiras de economia criativa e lojas colaborativas na cidade de São Paulo. A maior parte desses eventos e dessas lojas está inserida na região central e oeste, em bairros como Vila Madalena, Jardins, Pinheiros, Vila Mariana, lugares em que comumente transitam a classe média. Outro dado relevante é que quase 70% dos empreendedores que expõem seus trabalhos nessas feiras e lojas enquadram-se na categoria de microempreendedor individual

² Feira de Economia Criativa e Cidadania da UNEB. Disponível em: <<https://portal.uneb.br/noticias/2019/12/14/feira-de-economia-criativa-reune-mais-de-300-empreendedores-no-centro-historico-de-salvador/>>. Acesso em 29 de out. de 2020.

Feiras em Porto Alegre: Tô na Rua, Feira Me Gusta, Brick de Desapegos e Bpspoa. Reportagem aborda seus retornos após a pandemia: < https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/economia/2020/10/763471-porto-alegre-tera-feira-de-economia-criativa-aberta-ao-publico-em-novembro.html>. Acesso em 29 de out. de 2020.

³ Esse número corresponde à média das últimas edições realizadas no final de 2019, antes das restrições devido à pandemia de COVID 19.

a instabilidade do mercado?; III) Em que medida se consideram criativos e/ou empreendedores?; IV) A noção de autonomia manifestada em seus discursos está concretamente presente em suas possibilidades de escolha?; e V) Quais motivações justificam sua opção por trabalhar por conta própria em atividades alternativas?

Nossa hipótese é a de que a construção da conduta e, em certa medida, criticidade ao trabalho criativo, por parte dos trabalhadores e trabalhadoras, seriam reflexos das mudanças culturais do capitalismo, instrumentalizadas pela racionalidade neoliberal em que os desejos, subjetividades e afetos externalizados pelos sujeitos integram as novas relações de trabalho e de controle, incorporando o *ethos* individualista manifesto pelo empreendedorismo de si próprios. Em outros termos, esses trabalhadores - criativos e alternativos, conformam-se a uma situação de instabilidade permanente de suas condições de trabalho naturalizada como própria do tipo de atividades que desenvolvem e por acreditarem que seus trabalhos carregam os valores que defendem. Ou seja, um trabalho que explicita valores éticos e políticos, mas que desconsideram os aspectos precarizantes que trazem consigo. Nesse aspecto, autonomia ou liberdade terminam se constituindo em conformação às condições existentes

O texto está assim organizado:

Além da introdução, que buscou contextualizar o tema de pesquisa, questões norteadoras e hipótese, a dissertação se estrutura em mais cinco capítulos, mais as considerações finais.

No primeiro capítulo demonstramos como a pesquisa foi operacionalizada e o instrumental metodológico utilizado. Descrevemos o campo, as edições da RolêFeira observadas, seguida da apresentação dos entrevistados que expõem seus trabalhos na feira, suas trajetórias de trabalho anteriores e o caminho percorrido até chegar na atividade que desenvolvem.

No segundo capítulo contextualizamos historicamente o surgimento das discussões acerca da economia criativa e sua entrada no Brasil por meio de políticas públicas, assim como a tentativa de conceitualizar esse setor e a própria noção de criatividade. Também levantamos a discussão sobre como a cultura e a criatividade têm sido utilizadas como uma possível estratégia de desenvolvimento social.

No terceiro capítulo trabalhamos as mudanças provocadas pela racionalidade neoliberal na estrutura organizacional da sociedade e psíquica dos indivíduos e como o desejo por liberdade e por ter subjetividades reconhecidas são utilizadas para assentar e justificar essa racionalidade.

No quarto capítulo discorremos sobre a construção da visão empreendedora na sociedade brasileira em especial, problematizando a noção de empreendedorismo como auto emprego.

No quinto e último capítulo discutimos o movimento de feiras criativas, demonstrando sua especificidade em relação a outros formatos de feiras, o discurso e motivações das organizadoras da RolêFeira, e dos seus expositores.

Por fim, encerramos com as considerações finais, resultados e percepções alcançadas ao longo dessa caminhada.

2. OPERACIONALIZAÇÃO DA PESQUISA

Ainda que o trabalho formal assalariado nunca tenha atingido a maioria dos trabalhadores no país, existia um horizonte, uma expectativa de formalização que viria junta com direitos sociais, ao menos para aqueles mais qualificados, dentro dos padrões almejados e que estivessem em regiões de mercado mais dinâmico. Com o processo de reestruturação produtiva e as reformas trabalhistas que o seguiram a partir dos anos 1990, esse horizonte perdeu o brilho e tornou-se cada vez mais inacessível. Ou o trabalhador assume uma postura empreendedora ativa, inventiva, inovadora, propositiva, como difundido e incensado por órgãos governamentais, empresariais e a grande mídia ou fica à deriva (SENNETT, 2009) em um mar de informalidades e precariedades⁴.

O ideário do empreendedorismo foi se impondo como solução ao desemprego dos trabalhadores reestruturados, aos desempregados crônicos e mesmo para os não formalizados, além de uma alternativa de “formalização” para o imenso contingente que sobrevive na informalidade. Essa mudança resulta das transformações capitalistas do período no qual as propostas de bem-estar social ou mesmo do socialismo na busca de maior justiça social foram consideradas obsoletas. O chamado discurso único do neoliberalismo aparecia como vitorioso incontestado. Essas alterações políticas-econômicas e mesmo culturais, despertaram em mim, desde a graduação, o interesse em entender de que maneira essa construção ideológica alterou a forma como as pessoas se relacionam com o trabalho.

A ideologia do empreendedorismo propaga o trabalho autônomo como forma de redução dos custos empresariais. Frente ao desemprego crescente, e a ausência de trabalhos formais, a informalidade torna-se sinônimo de empreendedorismo por necessidade, mas agora glamourizado pela “liberdade” que, em tese, ofereceria. Uma parcela de jovens trabalhadores tem demonstrado enxergar vantagens no “trabalho autônomo”, mesmo que para isso tenha que abrir mão de direitos garantidos pelo trabalho regulamentado sob a CLT. Ao menos foi o que me parecia ao ver surgir o movimento de feiras criativas em Araraquara.

Ao ocupar praças e outros locais públicos para realização das feiras, o movimento de feiras criativas, em certa medida, alterou a dinâmica e sentido desses espaços, as feiras tornaram-se o “rolezinho” de jovens e adultos escolarizados e com estilo de vida mais alternativo. Enquanto frequentadora, logo notei que em toda feira havia muitos rostos conhecidos, isso porque, assim como eu, muitas pessoas também circulavam em todas as feiras

⁴ É nessa década que o Brasil vive a abertura de capitais e é também o momento em que o Sebrae se desvincula da administração pública e torna-se uma instituição privada sem fins lucrativos, o SEBRAE, importante entidade para o crescimento e fortalecimento do empreendedorismo nacional.

que compunha o movimento, era o principal local de encontro, de estabelecimento de redes, de lazer, além das compras e vendas. Dentre esses rostos conhecidos, muitos eram amigos e amigas do período de graduação e de cursos em espaços culturais da cidade que estavam ali comercializando seus produtos, o que facilitou minha entrada no campo.

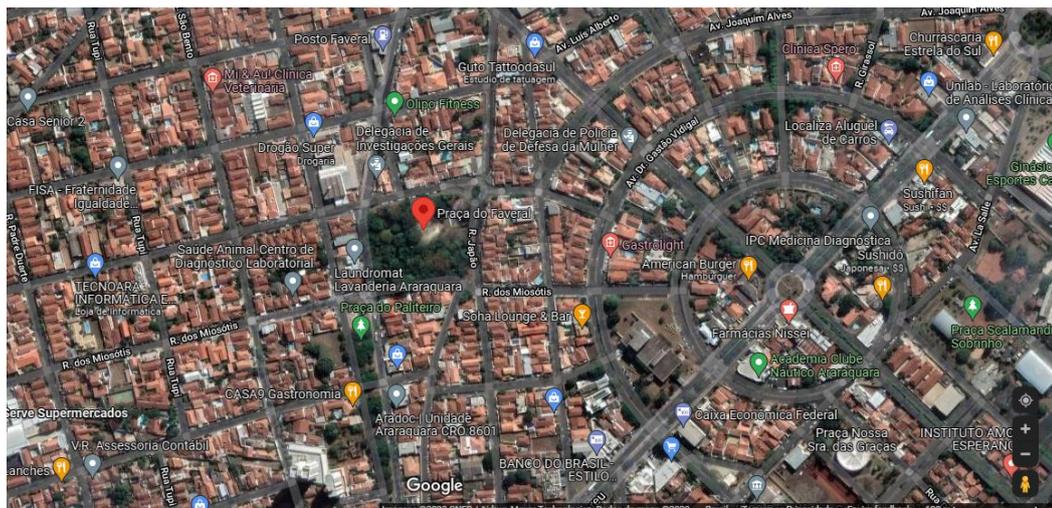
As primeiras observações do movimento de feiras e as conversas informais com expositores e expositoras, teve um caráter exploratório e me permitiu construir o problema de pesquisa. Das várias feiras que surgiram na cidade a partir de 2016, a que mais expandiu em termos de espaço de realização, de expositores e de público foi a RolêFeira. Também é a que mantém melhor diálogo com o poder público local, viabilizando sua execução.

Com base nesse primeiro contato, a abordagem adotada para o desenvolvimento dessa pesquisa foi qualitativa efetivada por meio de levantamento de dados observáveis no campo empírico e informações contidas nas redes sociais onde são divulgados os trabalhos das pessoas que expõem na feira, assim como no site do coletivo Rolê⁵. Também foram realizadas entrevistas semiestruturadas com as organizadoras da feira e algumas expositoras e expositores.

2.1 O campo

Minhas idas a campo ocorreram quando a feira, antes itinerante, fixou-se na Praça Faveral⁶, localizada em região central da cidade e com área aproximadamente de 12.600,00m².

Figura 01: Praça Faveral onde ocorre a RolêFeira



Fonte: Google Maps.

⁵ Site disponível em: <<https://portalrole.org/>>. Acesso em 18 de jul. de 2020.

⁶ Pintura na praça do Faveral. <<https://www.comunicararaquara.com.br/artista-retrata-simbolos-de-araraquara-na-praca-faveral/>>. Acesso em 27 de jun de 2021.

Realizada aos domingos, a feira ocorria num intervalo de dois meses entre uma edição e outra⁷ e reunia em média 70 expositores. Iniciava-se por volta das 15h e seguia até às 22h. A preparação, disposição das mesas para os expositores, montagem do palco e do espaço das oficinas e instalação de iluminação começava ao menos três horas antes de estar aberta ao público.

A primeira feira que acompanhei ocorreu em junho de 2019. Essa edição da feira reuniu 67 expositores de diversos segmentos: culinária, cosméticos, acessórios, joalheria, bebidas, moda, decoração, papelaria, ilustrações, serviços, etc. No decorrer do evento houve uma oficina de fantoches voltada a adultos e crianças, uma aula experimental de forró, um cortejo intitulado “Auto da folia do boi”, propondo um resgate da folia de reis e do bumba-meu-boi, exposição de xilogravuras e ilustrações. Como encerramento das atividades, um show de forró com uma banda da cidade.

Em agosto de 2019, o coletivo promoveu o “Talk Rolê”⁸, um encontro de três dias de atividades e debates na área externa do Museu Ferroviário, no Centro de Referência e Resistência LGBTQIA+ e no Palacete das Rosas⁹. A proposta foi a de discutir temas acerca da promoção e ampliação das economias criativa, solidária e colaborativa e promover maior autonomia e autossuficiência aos microempreendedores e artistas locais. Outros aspectos importantes trazidos foram a necessidade de repensar práticas de consumo e a criação de meios para formar uma sociedade mais integrada e plural.

Na programação do primeiro dia foi chamado ao evento uma representante do SEBRAE e a coordenadora da pasta de economia criativa e solidária da Secretaria Municipal do Trabalho e do Desenvolvimento Econômico para discutirem os rumos do empreendedorismo nessa esfera da economia criativa. Em seguida, a proposta foi a de debater estratégias para promover a expansão da cultura e da arte local, como projetar a cena dos artistas da cidade.

No segundo dia, o debate se deu sobre como ser criativo em tempos burocráticos. Houve uma troca de experiências de como conciliar o fazer artístico e uma visão empreendedora. Nesse mesmo dia, mulheres, representantes da comunidade LGBTQIA+¹⁰ e

⁷ Tempo necessário segundo as organizadoras, que também são expositoras, para que os expositores se inscreverem, para que fosse feita a seleção dos mesmos, para pensar a temática que seria abordada na edição e para convidar osicineiros e atrações musicais

⁸ Programação do evento em parceria com o coletivo Quadro Urbano foi divulgado no site da Prefeitura Municipal de Araraquara. Disponível em: < <http://www.araraquara.sp.gov.br/eventos/agosto/17-08-vamos-falar-de-ocupacao-com-movimentos-sociais-e-atividades>>. Acesso em: 04 de nov. de 2021.

⁹ Originalmente construído para ser sede do Clube Araraquarense, em 1925, tornou-se patrimônio da cidade e hoje é sede da Secretaria Municipal da Cultura e da Fundart.

¹⁰ A nomenclatura LGBTQIA+ compreende pessoas homossexuais, bissexuais, transexuais, queer, intersexuais e outras expressões de gênero e sexualidade.

da comunidade negra expuseram as dificuldades que esses grupos enfrentam para se inserirem no mercado de trabalho e como têm conseguido ascender e ocupar os espaços, apesar das dificuldades.

Os temas debatidos no terceiro dia foram variados. No início da programação, um grupo de capoeira fez uma apresentação aberta ao público interessado em participar. Na sequência, houve três rodas de conversas: uma com representantes do Movimento pela Humanização do Parto em Araraquara e do Centro de Referência Ambulatorial de Saúde Mental Adulto, CRASMA, outra com trabalhadoras da Acácia, cooperativa de catadores de materiais recicláveis, e representantes da AMCA, Associação de Mulheres Camponesas em Ação do assentamento Bela Vista, e a última com o coletivo de dançarinos e performers, Casixtranhas.

Os movimentos sociais, além de outras pautas abordadas ao longo desse ciclo de atividades, demonstraram que se tratam de temas ainda bastante marginalizados e pouco discutidos entre a comunidade, por isso a ideia segundo as organizadoras foi dar visibilidade a esses debates e possibilitar a construção de uma rede de apoio. Segundo as organizadoras, quanto mais pessoas se conectarem e compartilharem suas experiências, seus projetos, a fim de demonstrar seus potenciais e os pontos a serem explorados, maior a valorização das demandas desses movimentos, o crescimento da economia local e a promoção do desenvolvimento socioeconômico.

Foto 1: Reunião do Talk Rolê, em 2019.



Fonte: FRANCO, Maiara di. **RolêFeira**. 22 nov. 2019. Facebook: @rolefeira.
Disponível em: <https://www.facebook.com/rolefeira/>. Acesso em: 28 out. 2021.

Foto 2. Reunião do Talk Rolê, em 2019.



Fonte: FRANCO, Maiara di. **RolêFeira**. 22 nov. 2019. Facebook: @rolefeira. Disponível em: <https://www.facebook.com/rolefeira/>. Acesso em: 28 out. 2021.

A feira ocorreu no quarto dia para encerrar o ciclo de atividades. Nessa edição reuniram-se 73 expositores, houve oficinas de brinquedos de madeira e de lambe-lambe¹¹, aula experimental de adestramento de cães, intervenção circense e discotecagem como atração musical. Ao longo da feira ainda foram arrecadados alimentos para abastecer a “geladeira comunitária”, projeto criado para atender à população em situação de rua¹².

A edição, realizada em outubro de 2019, comemorou os dois anos de existência do evento, que contou com duas apresentações musicais, uma com um grupo feminino de maracatu e outra com uma banda de blues. Das atividades, uma oficina de bambolê para crianças e uma vivência/exposição com um fotógrafo que compartilhou sua experiência de viajar a América Latina de bicicleta.

¹¹ Pôster fabricado artesanalmente utilizando técnicas de impressão como a serigrafia, estêncil, xilogravura e outros, com temáticas artísticas, publicitárias ou políticas.

¹²<<https://www.acidadeon.com/araraquara/cotidiano/regiao/NOT,0,0,1441269,role+feira+reune+73+expositores+para+mais+uma+edicao+na+praca+do+favela.aspx>>. Acesso em: 14 de out. de 2020.

Foto 3. Atividade cultura na Rolê Feira, em 2019.



Fonte: FRANCO, Maiara di. **RolêFeira**. 22 nov. 2019. Facebook: @rolefeira. Disponível em: <https://www.facebook.com/rolefeira/>. Acesso em: 28 out. 2021.

Foto 4. Atividade cultura na Rolê Feira, em 2019.



Fonte: FRANCO, Maiara di. **RolêFeira**. 22 nov. 2019. Facebook: @rolefeira. Disponível em: <https://www.facebook.com/rolefeira/>. Acesso em: 28 out. 2021.

Foto 5. Atividade cultura na Rolê Feira, em 2019



Fonte: FRANCO, Maiara di. **RolêFeira**. 22 nov. 2019. Facebook: @rolefeira. Disponível em: <https://www.facebook.com/rolefeira/>. Acesso em: 28 out. 2021.

Foto 6. Atividade cultura na Rolê Feira, em 2019



Fonte: FRANCO, Maiara di. **RolêFeira**. 22 nov. 2019. Facebook: @rolefeira. Disponível em: <https://www.facebook.com/rolefeira/>. Acesso em: 28 out. 2021.

Foto 7. Atividade cultura na Rolê Feira, em 2019



Fonte: FRANCO, Maiara di. **RolêFeira**. 22 nov. 2019. Facebook: @rolefeira. Disponível em: <https://www.facebook.com/rolefeira/>. Acesso em: 28 out. 2021.

Foto 8. Atividade cultura na Rolê Feira, em 2019



Fonte: FRANCO, Maiara di. **RolêFeira**. 22 nov. 2019. Facebook: @rolefeira. Disponível em: <https://www.facebook.com/rolefeira/>. Acesso em: 28 out. 2021.

Em dezembro de 2019 aconteceu a última edição do evento de forma presencial, antes que entrássemos no período de isolamento em decorrência da pandemia do coronavírus. O encontro reuniu expositores de diversos segmentos, como nas edições anteriores, e também uma oficina de artes plásticas voltada ao público infantil, onde as crianças desenvolveram colagens com elementos naturais como folhas, flores e frutos, uma oficina de macramê e uma intervenção com pernaltas e malabaristas. Nesse encontro ocorreu uma roda de conversa sobre economia solidária e economia criativa com a Coordenadora Executiva de Trabalho e Economia Criativa e Solidária da Prefeitura Municipal de Araraquara.

Nessa e nas outras três edições anteriores que pude acompanhar aconteceu um evento de arte performática visual, também conhecida como *live painting*¹³, em que artistas desenvolveram pinturas nas áreas internas e externas da quadra de esporte da praça que abriga a RolêFeira¹⁴. A intervenção fazia parte de um projeto de revitalização da praça. Tanto essa ação como todas as aulas e oficinas realizadas nas quatro edições do evento em que pude acompanhar, foram subsidiadas com recurso proveniente das inscrições dos expositores paraparticiparem do evento e de verbas municipais.

Foto 9. Atividade cultura na Rolê Feira, em 2019



Fonte: FRANCO, Maiara di. **RolêFeira**. 22 nov. 2019. Facebook: @rolefeira. Disponível em: <https://www.facebook.com/rolefeira/>. Acesso em: 28 out. 2021.

¹³ Forma de arte performática visual, na qual os artistas desenvolvem uma pintura ao vivo, geralmente ao som de discotecagem ou show.

¹⁴ Pintura na Praça Faveral. <<https://www.comunicaararaquara.com.br/artista-retrata-simbolos-de-araraquara-na-praca-faveral/>>. Acesso em 27 de jun de 2021.

Foto 10. Atividade cultura na Rolê Feira, em 2019



Fonte: FRANCO, Maiara di. **RolêFeira**. 22 nov. 2019. Facebook: @rolefeira. Disponível em: <https://www.facebook.com/rolefeira/>. Acesso em: 28 out. 2021.

Foto 11. Atividade cultura na Rolê Feira, em 2019



Fonte: FRANCO, Maiara di. **RolêFeira**. 22 nov. 2019. Facebook: @rolefeira. Disponível em: <https://www.facebook.com/rolefeira/>. Acesso em: 28 out. 2021.

Foto 12. Atividade cultura na Rolê Feira, em 2019



Fonte: FRANCO, Maiara di. **RolêFeira**. 22 nov. 2019. Facebook: @rolefeira. Disponível em: <https://www.facebook.com/rolefeira/>. Acesso em: 28 out. 2021.

2.2. Conhecendo expositoras e expositores

Por meio de colegas que costumam expor nessa feira cheguei ao coletivo responsável por sua realização. Numa das edições, tive a primeira conversa com Fabiana, uma das três principais organizadoras na época. Falamos um pouco sobre o histórico do movimento e sobre os motivos que as levaram a se juntar e iniciar esse projeto. Algo que foi acentuado na fala dela e que me chamou bastante atenção foi a questão do engajamento. Contou-me que ela e as demais organizadoras, Graziela e Maria Eduarda, expunham em outras feiras, mas desejavam construir um espaço mais alternativo, que reunisse grupos com afinidades de visão de mundo, expositores que demonstrassem em seus produtos e serviços preocupação com causas sociais e ambientais.

A fala de Fabiana ajudou-me a delimitar o que buscava entender sobre essas pessoas e sobre o trabalho que desenvolvem. Ou seja, parecia que a motivação daqueles sujeitos ao iniciar um negócio não se limitava a obtenção de uma renda, havia a preocupação em divulgar valores nos quais acreditavam. Nessa conversa, ela confirmou um aspecto que havia percebido ao

frequentar a feira, refiro-me à rotatividade entre os expositores para que mais pessoas pudessem utilizar o espaço para divulgação e comercialização de seus produtos.

Sendo assim, para a realização das entrevistas foi considerada não a frequência de participação, como pensara inicialmente, pois como a procura excedia o número de expositores que a feira comporta, havia um rodízio entre eles. Busquei encontrar pessoas com produtos de segmentos variados. As perguntas contidas no roteiro de entrevista, além de tentarem traçar o perfil racial, geracional e socioeconômico dos interlocutores, buscaram também compreender a trajetória de trabalho desses sujeitos, as motivações que os levaram a iniciar um trabalho autônomo, em que medida esse trabalho se enlaça aos seus estilos de vida e como se entendem a partir do trabalho que desenvolvem.

A seguir farei uma breve apresentação dos mesmos. Os nomes aqui referenciados são todos verdadeiros e seus usos foram previamente autorizados. As três primeiras entrevistas foram feitas com pessoas já conhecidas por mim que me introduziram no campo. Foram os meus “porteiros” (GONDIM; LIMA, 2006). Isso permitiu aferir a capacidade do roteiro de perguntas em extrair as informações desejadas.

A primeira foi com casal de amigos, Claudia e Pedro, responsáveis pelo Quitutes Veganos, negócio de comidas, salgados, pães, patês e molhos veganos. Ambos são meus conhecidos da época de graduação. Pedro é licenciado em Ciências Sociais e Claudia em Letras. A entrevista ocorreu numa das salas do Centro de Referência Afro, espaço que sedia um cursinho popular no qual os dois são professores voluntários. Iniciaram esse trabalho com alimentos ainda na faculdade, por volta de sete anos atrás. Segundo eles, por dois motivos: para terem alguma renda e para que outras pessoas veganas pudessem se alimentar sem pagar valores exorbitantes por isso, especialmente após o fechamento do restaurante universitário no campus da FCLAr¹⁵. Oriundos da classe trabalhadora, eles sentiam que o veganismo parecia algo distantedas pessoas mais pobres, daí o desejo de colaborar para mudar essa concepção. Isso os motivou a criar o Quitutes Veganos e, como ambos nunca tiveram emprego formal com registro, trabalhar de forma autônoma não era algo distanciado de suas realidades.

Beatriz me recebeu na casa em que vive com o marido, local que também abriga seu ateliê, situada em condomínio fechado próximo ao maior shopping da cidade. Publicitária, começou a vislumbrar ter um negócio próprio ainda na faculdade. O universo da moda já era algo do seu interesse, mas não as tendências da moda, algo que ela julga como problemático pela necessidade constante de novos insumos e por sua rápida descartabilidade. Seu desejo era

¹⁵ O restaurante da UNESP, da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, encerrou suas atividades em 2014 para reformas e desde então não reabriu.

conseguir produzir roupas de modo mais artesanal e sustentável. Pautando-se no princípio da sustentabilidade, vem estruturando a JanGaia, nome de seu empreendimento, desde 2017.

As entrevistas com Pedro, Claudia e Beatriz foram as únicas que aconteceram presencialmente. Devido ao contexto pandêmico que se instalou no Brasil a partir de março de 2020, em decorrência do vírus da COVID-19, as demais entrevistas, inclusive com as responsáveis pela RolêFeira, ocorreram virtualmente. Realizamos os “encontros” por meio de vídeo-chamadas. Tal recurso tecnológico se mostrou como a única possibilidade existente para dar continuidade com a parte empírica da pesquisa, já que o isolamento social foi a principal medida de combate ao vírus segundo aos principais órgãos de saúde mundiais.

Essas entrevistas apresentaram maiores ou menores problemas em relação ao formato virtual, especialmente as primeiras, que exigiu uma adaptação ao modelo virtualizado, dos entrevistados e meu, além dos problemas das redes sobrecarregadas das operadoras de internet. Nas últimas houve mais estabilidade nas redes e maior familiaridade ao formato, tornando a conversa fluida. Irei apresenta-las na ordem em que foram realizadas.

A primeira delas foi com Vitor, músico, ilustrador e xilogravurista, também conhecido de longa data. Devido à instabilidade da internet, foi uma entrevista bastante complicada, em que as falas precisaram ser repetidas ao ponto de haver a necessidade de o contato ser retomado em outro momento para sanar alguns pontos que não foram possíveis de entender corretamente naquela primeira tentativa.

Há cerca de um ano e meio, após fazer um rápido curso de xilogravura na Casa da Cultura da cidade, iniciou o Piruá, seu projeto como ilustrador e gravurista, concomitantemente a outros trabalhos ligados a arte que já desenvolvia anteriormente. Para Vitor, as artes visuais são mais uma maneira dele expressar ideias e valores nos quais acredita. Suas gravuras retratam temas do folclore brasileiro, divindades de religiões de matriz africana, autores das ciências sociais e da literatura como Karl Marx, Lenin, Maya Angelou, Franz Kafka, Albert Camus, entre outros.

A escolha dos demais entrevistados teve como critério contemplar todos os seguimentos presentes na feira, sendo eles: culinária, moda, acessório, decoração e serviços. Por meio da conta do coletivo Rolê no *Instagram* fiz uma pré-seleção de alguns expositores e expositoras dos diferentes seguimentos, estabeleci contato utilizando a mesma rede social e, após a primeira conversa, selecionei aqueles que melhor colaborariam com meu objetivo de coletar perspectivas de representantes de cada um dos seguimentos para assim tentar construir uma imagem dos trabalhadores e trabalhadoras que expõem na feira.

Ao longo da conversa com Bruna e Hermano, os dois se revezavam para dar atenção à filha, Gaia, que ficou no ambiente todo o tempo. Ela, formada em administração, e ele, em biologia, abandonaram seus empregos formais e iniciaram um “empreendimento familiar”, como caracterizam o Raízes de Gaia, com produtos e serviços no segmento dos cosméticos, da aromaterapia e do artesanato. Ambos vendiam alguns artigos artesanais; tecidos decorativos em *tie dye*¹⁶, colares difusores, colares e brincos em pedras, artigos de decoração que remetem ao universo místico e hippie conciliado ao trabalho assalariado. Contudo, foi após o nascimento da filha que decidiram abandonar o emprego e se dedicar apenas ao negócio. Segundo eles, era uma maneira de estarem mais presentes na criação da filha.

Nessa entrevista apareceu muito a necessidade de desenvolver um trabalho que permitisse a vivência de um estilo de vida menos acelerado e mais conectado com a natureza, em seu uso e cuidado, em que fosse possível adotar práticas meditativas e a busca por alinhamento energético e evolução espiritual. Esse discurso aparece principalmente nas falas de Bruna, um reflexo de seus estudos. Pouco antes de deixar o trabalho assalariado, conta ter feito alguns cursos do que se entende por terapia holística, no caso aromaterapia, *thetahealing*¹⁷ e *reiki*¹⁸, e passou a fazer atendimentos, ampliando a rentabilidade do negócio.

Na fala de Raissa, estudante do curso de Ciências Sociais e idealizadora da Hamburgano, o desejo de difundir o veganismo e demonstrar que se trata de algo acessível foi bastante demonstrado, pois ainda há a crença, dentre as pessoas que pensam em abandonar o consumo de produtos animais, de que se trata de um estilo de vida oneroso. Vegetariana há alguns anos, desenvolveu uma série de produtos veganos, em especial lanches e doces, e passou a produzi-los e comercializa-los nos horários intercalados com os compromissos da graduação.

Lívia, estudante de pedagogia, começou a bordar em 2015, mas somente em 2018 o bordado torna-se trabalho ao criar a Barrarrosa. Selecionada por meio de edital da Fundação Memória, vinculada à prefeitura de São Carlos, ministrou um curso de bordado durante o segundo semestre de 2018. A partir dessa experiência começou a vislumbrar trabalhar apenas como artesã.

Também no ramo do bordado estão Camila e Kamila. O trabalho como artesã surgiu despreziosamente, mais como uma distração que gera algum rendimento. Ambas têm ensino

¹⁶ O termo em inglês significa “amarrar e tingir”. Trata-se de uma técnica popularizada no Ocidente nos anos de 1970 e que consiste em amarrar um tecido e tingi-lo com diversos pigmentos.

¹⁷ Conjunto de técnicas terapêuticas que buscam trabalhar os níveis espirituais e energéticos no intuito de tratar traumas e bloqueios por meio de meditação induzida.

¹⁸ Terapia integrativa reconhecida pelo Organização Mundial da Saúde (OMS) que tem o intuito de equilibrar partes do corpo físico, mental e emocional por meio da transmissão de energia das mãos do terapeuta aos pontos do corpo ligados aos chakras básicos.

superior – Camila é biblioteconomista e servidora pública estadual e Kamila é formada em Tecnologia da Informação e trabalha em uma universidade particular. Na fala de ambas há muito entusiasmo em relação a expor nas feiras por se sentirem inseridas em um movimento em que acreditam, o da valorização da economia local, embora se mantenham em seus empregos formais.

Após trabalhar por trinta anos na área administrativa hospitalar e se aposentar, Neusa decidiu fazer da costura, que era hobby, um novo trabalho. Aqui mais uma vez não foi a necessidade material o principal motivador para iniciar um trabalho autônomo, e sim a vontade de trabalhar com algo que se gosta. Num ateliê adaptado em um dos quartos de sua casa, Neusa produz bolsas, carteiras e necessários, em geral feitas com tecidos nacionais, como buscou enfatizar, que são comercializadas nas feiras e na loja colaborativa¹⁹ de uma de suas filhas. Questionada sobre a escolha por matérias-primas nacionais, argumenta que é uma maneira de tentar garantir a procedência dos produtos, ter maior segurança de que não são oriundos de trabalho análogo à escravidão e de que seu tingimento não solte resíduos, sendo assim menos poluente.

Janine, formada em design de produtos, percebeu que o mercado de trabalho era bastante instável para profissionais de sua área, com poucos trabalhos formais e muitos trabalhos eventuais por projeto. Esse modelo de trabalho, segundo ela, não trazia segurança, nem permitia traçar planos futuros, devido a imprevisibilidade dos ganhos. Diante disso, e sem perspectiva de conseguir um trabalho formal assalariado em sua área, decidiu empreender. Desde 2013 vem desenvolvendo alguns trabalhos artesanais, sem muito foco no início, com produtos bastante variados. No entanto, início de 2020, após ganhar um concurso promovido por uma grande empresa de feltro, seu trabalho ganhou mais direcionamento e profissionalismo. Hoje, sua produção é voltada ao público infantil, abarcando desde produtos decorativos a brinquedos interativos e educativos em feltro.

2.3. As organizadoras

As entrevistas seguintes, apesar de também apresentarem alguns problemas técnicos devido à instabilidade das redes, tanto minhas como as das entrevistadas, foi bem mais fluida que as anteriores. Por se tratar das organizadoras da feira, não poderia correr o risco de perder nenhuma informação. Assim, optei por retomar alguns pontos posteriormente por meio de

¹⁹ Um espaço físico em que alguns pequenos ou microempreendedores, geralmente de segmentos variados, comercializam seus produtos mediante uma taxa paga ao responsável pelo espaço.

mensagens via *WhatsApp*. Como já estabelecera alguns contatos com Maria Eduarda, Graziela e Fabiana durante a realização das feiras, a entrevista já era do conhecimento delas, o que tornou mais fácil a interação.

Ainda que tenha começado a trabalhar antes mesmo da maioridade, Maria Eduarda nunca teve um trabalho formal e registrado. Transitou por várias ocupações, das artes aos cuidados terapêuticos, até descobrir qual tipo de atividade gostaria de desenvolver: biocosméticos e produtos terapêuticos. As artes passaram para uma posição de menor importância para que ela pudesse se voltar ao aprendizado e aperfeiçoamento daquilo que fazia sentido naquele momento e, assim, estar em condições de desenvolver um trabalho autogerido em que pudesse conciliar o atendimento de terapias integrativas, *reiki* e terapia com florais, com a produção de cosmético e artigos de higiene pessoal naturais com menor impacto ambiental.

Mesmo estando apreensiva em consequência dos cancelamentos das feiras presenciais, devido ao risco de contaminação com a COVID 19, Maria aceitou participar da entrevista naquele momento mesmo, em meados de maio de 2020, pois segundo ela não sabia quando estaria com mais tempo. Estava naquele momento muito atarefada com a criação de uma página que serviria de vitrine para os expositores apresentarem e venderem seus produtos, numa espécie de “feira online”. Ainda que buscasse responder a meus questionamentos, as falas sempre cambiavam para tratar a questão atual da pandemia e da necessidade de “resignação inventiva” que, melhor explicado por ela, seria aceitar que nesse momento era necessário reinventar as maneiras de promover os produtos e de acessar o público.

Graziela durante a graduação em publicidade e propaganda, como forma de conseguir algum dinheiro, criou um blog sobre beleza e moda e nele divulgava com detalhes os produtos de uma grande empresa de cosmético. Era uma forma de atrair as clientes. Após o término da graduação ficou alguns meses procurando trabalho até conseguir cuidar do *marketing* digital de uma clínica de estética. Além de trabalhar sem registro por quase um ano, ainda tinha que cumprir uma série de funções que não diziam respeito àquilo para que foi contratada. Ao sair desse emprego, pela dificuldade em encontrar trabalho em sua área, acabou indo trabalhar como vendedora em loja de departamento. Ao longo dos dois anos que esteve lá, esforçou-se para ser direcionada para a área de marketing da loja, mas sem sucesso. Frustrada com as tentativas malsucedidas, começou a trabalhar na oficina de soldas especiais de seu pai. Foi nesse momento que surgiu o desejo de iniciar um negócio próprio em que pudesse, de alguma maneira, inserir os conhecimentos adquiridos em sua formação acadêmica.

Há cerca de dez anos Fabiana começou a trabalhar com artesanato e há seis montou seu ateliê em um dos cômodos da casa que mora com a mãe. Antes do ateliê, que veio no mesmo

momento em que terminava o curso técnico em *design*, conciliou o artesanato a trabalhos formais e registrados. Ela conta que em um de seus trabalhos registrados, na biblioteca de uma universidade particular da cidade, não sentia tanto o peso de exercer um trabalho repetitivo e nada inventivo porque estava em meio a livros, conseguia ler. Mas em seu último emprego, como recepcionista num consultório médico, sentia-se desmotivada, constatando que estava adoecendo psicologicamente. A demissão foi o que faltava para dedicar-se exclusivamente ao artesanato, para abrir seu ateliê, o Relicário *Craft Design*, e começar a dar aulas de costura criativa e *patchwork*²⁰. Ao longo da conversa foi possível constatar sua emoção por ter conseguido encarar o medo que tinha de não estar mais empregada sob regime celetista e poder se dedicar a um trabalho em que ela pudesse “levar um carinho, que fosse algo muito pessoal, um abraço mesmo”.

Abaixo segue uma tabela com alguns outros aspectos para melhor caracterizar os sujeitos da pesquisa.

²⁰ Técnica que une retalhos de tecidos com cores e estampas para formar uma composição geométrica ou um desenho.

Quadro 1: Perfil dos expositores.

Nome	Idade	Cor	Estado civil	Número de filhos	Escolaridade	Escolaridade da mãe	Escolaridade do pai	Situação da moradia	Negócio
Pedro	28	Branca	Casado	0	Ensino superior completo	Ensino médio	Ensino superior	Alugada	Quitutes veganos
Claudia	31	Branca	Casada	0	Ensino superior completo	Ensino médio	Ensino superior	Alugada	Quitutes veganos
Beatriz	27	Branca	Casada	0	Ensino superior completo	Ensino fundamental	Ensino médio	Própria	Jangaia
Vitor	34	Branca	Casado	1	Ensino superior completo	Ensino fundamental incompleto	Ensino fundamental incompleto	Alugada	Piruí
Bruna	30	Branca	Casada	1	Ensino superior completo	Pós-graduação	Ensino superior	Alugada	Raiz de Gaia
Hermano	29	Branca	Casado	1	Ensino superior completo	Ensino fundamental	Ensino médio	Alugada	Raiz de Gaia
Raissa	23	Branca	Solteira	0	Ensino superior (cursando)	Ensino médio	Ensino médio	Alugada	Hamburgano
Livia	24	Negra	Solteira	0	Ensino superior (cursando)	Ensino fundamental	Ensino fundamental	Alugada	Barrarrosa
Camila	31	Branca	Solteira	0	Ensino superior completo	Ensino superior	Ensino médio	Própria	Catavento
Kamila	26	Branca	Solteira	0	Ensino superior completo	Ensino médio	Ensino fundamental	Própria	Catavento
Neusa	58	Branca	Casada	2	Pós-graduação	Ensino Médio	Ensino médio incompleto	Própria	Bilicabiê
Janine	32	Branca	Casada	1	Ensino superior completo	Ensino Médio	Ensino superior	Própria	Dona Cleo

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Quadro 2: Dados sobre os empreendimentos.

Negócio	Segmento	Situação do negócio	Faturamento	Renda familiar	Exerce outra atividade remunerada?
Quitutes Veganos	Alimentação	Informal	2 a 3 salários mínimos	2 a 3 salários mínimos	Não
Jangaia	Vestuário/acessório	Formal	1 a 2 salários mínimos	3 a 4 salários mínimos	Não
Piruí	Gravuras/ ilustrações	Informal	até 1 salário mínimo	2 a 3 salários mínimos	Sim
Raiz de Gaia	Acessório/decoração/ serviços terapêuticos	Informal	3 a 4 salários mínimos	3 a 4 salários mínimos	Não
Hamburgano	Alimentação	Informal	até 1 salário mínimo	1 a 2 salários mínimos	Não
Barrarrosa	Bordado	Informal	Até 01 salário mínimo	2 a 3 salários mínimos	Sim
Catavento	Bordado	Informal	Até 2 salários mínimos	Acima de 5 salários mínimos (Camila)	Sim
				3 a 4 salários mínimos (Kamila)	
Bilicabiê	Bolsas e acessórios	Informal	Entre 01 e 02 salários mínimos	Acima de 5 salários mínimos	Sim
Dona Cléo	Decoração e brinquedos educativos	Formal	Entre 02 a 03 salários mínimos	Entre 4 a 5 salários mínimos	Não

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Quadro 3: Perfil das fundadoras e organizadoras da RolêFeira.

Nome	Idade	Cor	Estado civil	Número de filhos	Escolaridade	Escolaridade da mãe	Escolaridade do pai	Situação da moradia	Negócio
Maria Eduarda	28	Branca	Casada	0	Ensino superior cursando	Ensino Médio	Ensino Superior (incompleto)	Alugada	Flores.Seremos
Graziela	29	Branca	Solteira	0	Ensino Superior	Ensino Fundamental	Ensino Fundamental (incompleto)	Cedida	Amor Retrô
Fabiana	35	Branca	Solteira	0	Ensino Médio	Ensino Fundamental	Ensino Fundamental	Alugada	Relicário

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Quadro 4: Perfil dos empreendimentos das fundadoras da RolêFeira.

Negócio	Segmento do negócio	Situação do negócio	Faturamento	Renda familiar	Exerce outra atividade remunerada?
Flores.Seremos	Biocosméticos e produtos terapêuticos	Informal	2 e 3 salários mínimos	3 a 4 salários mínimos	Não
Amor Retrô	Brechó	Informal	2 e 3 salários mínimos	2 e 3 salários mínimos	Sim
Relicário	Artesanato (costura criativa)	Informal	1 e 2 salários mínimos	2 e 3 salários mínimos	Não

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

3. O MOVIMENTO DE FEIRAS CRIATIVAS E O EMPREENDEDORISMO

As feiras enquanto fenômeno social vêm desde a Antiguidade e ultrapassam a importância econômica. Além de servirem como espaço de compra e venda de mercadorias, são também espaço de sociabilidade e executam o papel de disseminar conhecimentos, hábitos e cultura entre os povos. Hoje são vários os tipos de feiras existentes, mas independente da proposta, apresentam como principal objetivo a troca de mercadorias, de serviços e de saberes. Por elas circulam pessoas diversas, mas com necessidades próximas.

As chamadas feiras criativas, feiras que reúnem expositores com propostas inovadoras, culturais e que tem a criatividade como principal insumo, foram assim nomeadas a partir do debate sobre economia criativa no país em meados dos anos 2000. Apresentam uma concepção diferenciada das feiras habituais, com conceitos alternativos, na contramão da lógica de produção e consumo em massa, e que também não se assemelham às feiras de artesanato mais tradicional que expressa a cultura e a sociabilidade de uma dada comunidade (SILVA, 2014). A proposta, segundo o discurso presente nos materiais de divulgação dessas feiras e nas falas dos trabalhadores e trabalhadoras nelas inseridos, é oferecer mais que produtos e serviços variados, oferecer uma experiência, uma troca de saberes. Por isso, esse tipo de feira comumente se organiza de maneira a suscitar momentos de discussões e promover exposições, intervenções artísticas e shows. A proposta é ser um espaço de vendas, cultura e entretenimento.

Esse formato e proposta de feira ganha essa nomenclatura, criativa, recentemente, mas não se trata de algo de fato inovador. Desde 1994, o Mercado Mundo Mix apresenta uma proposta semelhante, de dar espaço para novos artistas, estilistas, artesãos, design que apresentassem trabalhos inovadores. Inspirada em feiras estrangeiras como o *Camdem Tower* e a *Portobello Road* em Londres, a *El Rastro* em Madri, a *Marche Aux Puces* de Paris e a *Free Markets* de Nova York, o Mercado Mundo Mix surge “como um tipo peculiar de arranjo de mercado, pioneiro no Brasil, e o seu modelo de organização serviu de inspiração para inúmeras outras feiras e Bazares de formatos similares” (BOTH, 2006). Organizada em formato de feira-evento no contexto urbano de São Paulo em 1994, foi construída paralelamente a outro movimento preconizador de tendências que foi o Festival Mix Brasil²¹.

Assim como a feira que analisamos nesse estudo, o Mercado Mundo Mix foi idealizado e criado por um grupo de amigos que buscavam um espaço onde grupos como os LGBT²² e os

²¹ Festival de produção audiovisual que promovia visibilidade às questões relacionadas à diversidade sexual.

²² A nomenclatura LGBTQIA+, que compreende as pessoas *queer*, intersexuais, assexuais e outras expressões de gênero e sexualidade é algo mais recente.

frequentadores de festas eletrônicas pudessem frequentar e expor seus trabalhos (BOTH, 2006). Pessoas de diferentes regiões do país têm buscado organizar-se em formas autogestionárias e colaborativas para construir feiras como essa, utilizando como principal ferramenta de articulação as redes sociais, especialmente o *Facebook* e *Instagram*. As redes sociais são utilizadas para encontrar pessoas com o mesmo intuito criativo e empreendedor, para organizar e divulgar os eventos, como estratégias de marketing e de venda dos produtos e serviços.

Inicialmente mais presentes nas capitais e grandes centros urbanos, logo se espalhou por cidades médias e pequenas. Em geral, essas feiras criativas se constituem de forma espontânea, a partir da mobilização de trabalhadores e trabalhadoras que dispunham de poucas oportunidades de expor e comercializar seus produtos ou que veem nessa iniciativa um modelo mais interessante e atrativo para desenvolverem seus negócios, seja por acreditarem que com essa ação estariam driblando alguns gargalos econômicos que dificultam ou mesmo inviabilizam o trabalho do pequeno produtor, ou por considerarem ser uma nova via de trocas comerciais, mais responsável social e ecologicamente, que se colocaria como alternativa aos modelos vigentes.

Essas questões aparecem nas propostas temáticas e de discussão de grandes eventos como o Brasil Eco Fashion Week. Na sua terceira edição, em novembro de 2019, reuniu designers e produtores da moda que têm como diferencial a preocupação com a sustentabilidade e com uma cadeia produtiva mais justa. Fruto da idealização de um grupo de estilistas interessados em estimular novos caminhos para a moda e criar um espaço de visibilidade para marcas sustentáveis, o evento, gratuito e aberto ao público, estabeleceu-se em São Paulo e nessa última edição recebeu cerca de sete mil pessoas²³.

A descrição da página salienta tratar-se de um encontro que visa conectar empreendedores, profissionais, estudantes e consumidores que consideram a moda como uma ferramenta de transformação ao estar comprometida com práticas sustentáveis, ecológicas e conscientes. Suas pretensões, no entanto, não se circunscrevem apenas aos pequenos produtores que atuam na chamada *slow fashion*²⁴, pois buscam atingir todo o setor, e outros setores, mudando a lógica de produção e consumo. Uma das pautas do evento foi o crescente número de feiras criativas e colaborativas na cidade de São Paulo e região.

²³ Trata-se de um evento anual da moda sustentável que se organiza em torno do desfile, workshops e palestras, dividido em espaços temáticos e de conteúdos. Mais informações sobre o evento é encontrado em seu site disponível em: <<https://brasilecofashion.com.br/o-evento/>>. Acesso em 26 de out. de 2020.

²⁴ Pequena produção por demanda, que não se pauta nas tendências do mercado e que procura fomentar a economia local. Produção de peças atemporais.

Essas feiras buscam, segundo a descrição em seus portfólios²⁵, reunir diversos produtores independentes de produtos artesanais e inovadores, que se apresentam sob uma lógica consciente quanto à finitude dos recursos naturais. Além de promover o contato direto entre produtores e consumidores, valorizam os pequenos empreendimentos e reforçam a ideia do “compre de quem faz”. Segundo representantes desse movimento no Brasil²⁶, comprar diretamente do produtor daria maiores garantias aos consumidores de que o produto adquirido não é fruto de trabalho superexplorado, mas sim um resultado do labor “de quem ama o que faz”.

O que se vê entre esses jovens dos movimentos de feiras independentes, criativas e colaborativas é o desejo manifesto de apresentar e promover outra referência de produção, circulação e consumo de mercadorias e serviços. Seu intuito é o de propor a reflexão sobre a produção em massa e o impacto socioambiental negativo gerado, além de promover a valorização do trabalho criativo, local, artesanal e engajado. O que está em questão é a intensificação do discurso que contem a ideia de que seria possível criar outro modelo de produção e de consumo que se afaste do modelo capitalista vigente e de suas exigências destrutivas, tanto ambientais quanto humanas, colocando-se, em certa medida, como reação e proposta alternativa.

Alguns autores parecem endossar essa perspectiva. Para Abramovay (2009), uma mudança significativa dos modelos de produção e reprodução socioeconômicos não virá por meio da aposta clássica da apropriação coletiva dos meios de produção, mas sim por meio das transformações radicais dos modelos de produção e de consumo em que se baseiam, modificando a dominação que o mercado exerce sobre a vida das pessoas, ampliando as formas de vida que não se baseiam na lógica do mercado.

A vida, segundo o autor, seria melhor gerida a partir do momento que deixasse de se organizar em torno do mercado, da empresa e da máquina administrativa, e passasse a uma esfera de autorregulação da sociedade civil (ABRAMOVAY, 2009). O que Abramovay parece demonstrar é uma saída que parta dos indivíduos, ainda que posteriormente se torne coletiva. Ao levantar a questão: “produzir e consumir para quê? ”, traz a reflexão de que nossas escolhas são guiadas pelas grandes empresas e corporações e todo o marketing e publicidade que estão por trás delas, mas também abre espaço para pensar que seria possível atuar de forma diferente nesse sentido.

²⁵ Descrição nas páginas das feiras Jardim Secreto; Feira do Bem; RolêFeira; Feira do Meio.

²⁶ É possível dar como exemplo os criadores da Tanlup, que se propõe a colaborar na disseminação da ideia “compre de quem faz” ao criar uma plataforma digital onde fosse possível “abrir” lojas on-line de modo mais simplificado e a baixos custos.

Nos últimos anos, respondendo a uma demanda crescente da sociedade, grandes marcas têm associado suas imagens a causas sociais, como o antirracismo, a anti-homofobia, o anticapacitismo e as causas ambientais para que sejam mais bem aceitas pelos consumidores, no que podemos chamar de ativismo por consumo (DOMINGUES; MIRANDA, 2018). Esses trabalhadores criativos, munidos de certos capitais sociais e culturais, desenvolvem produtos que também se inserem em um determinado ativismo, em uma determinada causa, dando seguimento a essa tendência. Assim, o consumidor, ao acessar um produto que apresenta, em sua composição e produção, a preocupação com questões socioambientais, demonstraria maior percepção crítica sobre o mundo e maior nível intelectual. Essa situação os distingue dos demais consumidores e, de certa maneira, não deixa de se tornar um elemento que traz ganhos afetivos e sociais relacionados à ideia de estar consumindo de forma crítica por se relacionarem com processos menos enquadrados na lógica econômica tradicional.

Bourdieu (2007) discutiu de maneira aprofundada como a questão do gosto e do consumo cultural são socialmente construídas. Em sua visão, o gosto e o consumo cultural estão relacionados com a capacidade que um sujeito social tem de classificar e fazer distinções. Tal capacidade, por sua vez, pode ser utilizada para a compreensão da condição de classe desses sujeitos sociais. A noção de boa vontade cultural, desenvolvida pelo autor ao descrever as características particulares que distinguem a relação das classes médias com a cultura, e que está pautada na passagem de um estado de privação para um estado de pretensão, nos ajudaria no entendimento desse esforço empreendido por esses sujeitos em apropriar-se e inserir em suas criações aspectos considerados por eles muito valiosos por serem representativos da pretensão de mundo que idealizam.

Nesse sentido, a criatividade apresenta-se como matéria-prima fundamental, especialmente num momento de formação de uma nova dinâmica de processos e modelos econômicos inaugurados pela economia criativa, considerada como a grande aposta de desenvolvimento econômico e social, especialmente nos países em desenvolvimento (REIS, 2008). Assim, a aplicação da criatividade individual ou coletiva, de habilidades e talentos, de domínios culturais e cognitivos são exaltados como geradores de riqueza.

3.1 A RolêFeira

Além das feiras dos pequenos produtores rurais que fornecem alimentos vindos dos assentamentos da região, provenientes da agricultura familiar, existe outra feira periódica que

leva o nome de Feira do DAAE²⁷. Há anos, sempre aos domingos, cerca de dez expositores de artesanato e de alimentos se agrupam num espaço próximo à concha acústica da praça. Área arborizada com playground e chafariz, numa região nobre da cidade, próxima do estádio Arena da Fonte. O público que ali circula é em geral composto por famílias com crianças, que vão utilizar o espaço com brinquedos, ou pessoas interessadas nas atrações musicais do projeto municipal “Choro das Águas”, ou seja, a maioria não está ali exatamente por conta da feira.

Para que a prefeitura conceda um espaço para o expositor é preciso cumprir com uma série de exigências quanto ao tipo de produto comercializado: produtos não alimentícios devem ser inteiramente feitos à mão²⁸: brinquedos de madeira, peças em tricô e crochê, utensílios e objetos feitos a partir de material reciclável, como papelão e garrafas pet. No caso dos produtos alimentícios, para conseguir o aval de utilização do espaço é preciso ainda obter um alvará da vigilância sanitária, mas nem tudo é fruto de produção própria, sendo alguns produtos industrializados, como os refrigerantes e sucos, por exemplo.

Esse tipo de feira estaria enquadrada no que se entende por economia solidária. Ainda que existam algumas aproximações entre as feiras de economia criativa e as feiras de economia solidária, as diferenças permitem que sejam consideradas fenômenos distintos. Ambas são compostas por produtores independentes que assumem os riscos e encargos do trabalho, quer dizer, que por vezes deixam de buscar pelos direitos sociais vinculados ao assalariamento formal, e que apresentam um modo de produção e distribuição alternativo, porém os empreendimentos de economia solidária apresentam alguns pilares que não são encontrados nas atividades de economia criativa.

De saída, a principal diferença que podemos apontar é a de que a economia solidária é caracterizada pelo incentivo à posse coletiva e a autogestão em cooperativas ou associações em que a produção é realizada por todos. Ainda que haja o objetivo de venda, a ideia do lucro é questionada, pois teoricamente não há a exploração de uns sobre os outros. Um dos objetivos centrais é promover uma experiência de trabalho que seja libertadora e uma sociedade economicamente mais igualitária. Entre as cooperativas há uma rede de ajuda mútua, sendo a Unisol – União e Solidariedade das Cooperativas e Empreendimentos de Economia Social no Brasil e a Anteag – Associação dos Trabalhadores em Autogestão e Participação Acionária exemplos de como esses trabalhadores se organizam para dar suporte aos cooperados iniciantes ou para colaborar nos processos de ocupação de fábricas falidas (OLIVEIRA, 2008; PIRES, 2010). Além da presença de autogestão e cooperativa, outra característica recorrente é a

²⁷ Empresa que oferece serviços de abastecimento de água e coleta de esgoto no município de Araraquara.

²⁸ O uso de máquina de costura, por exemplo, na fabricação do produto já o desclassifica.

situação de vulnerabilidade das pessoas que se associam em empreendimentos solidários e, por isso, a necessidade de ações por parte do poder público para viabilizá-los e/ou mantê-los.

Em Araraquara, temos alguns exemplos de empreendimentos que foram iniciados ou mesmo coletivos formados por meio da aprovação de Orçamento Participativo, como é o caso da “Padoka”, padaria e cozinha solidária criada no Assentamento Monte Alegre. Isso porque a economia solidária se apresenta como uma estratégia de organização social e de desenvolvimento socioeconômico local na agenda de políticas públicas. Desde 2001, a política pública de economia solidária do município vem sendo desenhada e “atualmente assume um papel importante na promoção de programas e ações que buscam a inclusão social e produtiva, o combate à fome e o resgate da cidadania, por meio da geração de renda, de forma coletiva e participativa” (PAIVA, SILVA, 2020, p. 137). A presença do poder público é marcante nas iniciativas de economia solidária, algo que é mais difuso nos empreendimentos de economia criativa.

A distinção entre economia solidária e economia criativa não é evidente para grande parte dos sujeitos que compõe o movimento de feiras criativas e também parece não estar bem delimitada pelo poder público, visto que dentro da Secretaria do Trabalho e Desenvolvimento Econômico do município, as discussões sobre economia criativa e economia solidária estão alocadas numa mesma coordenadoria. Em relação aos sujeitos que compõem o movimento de feiras criativas, ao serem questionados sobre o que distingue as duas formas de atividade econômica, as respostas foram imprecisas, demonstram não saber ao certo como diferenciá-las. Apesar de não saberem distingui-las muito bem, a fala de Fabiana apresentou pontos que ajudam na distinção da economia solidária da economia criativa. Em seu entendimento:

[...] na economia solidária aparece muito das instituições por trás²⁹. Está mais ligado aquele artesanato feito para adquirir uma renda paralela, feita em geral por mulheres para somar a renda familiar. É a economia criativa é muito mais que isso. [...] Os produtos da economia criativa são mais elaborados, a gente queria mesmo tirar esse aspecto de que o artesanato é a florzinha de chita. Porque é muito difícil, o artesanato foi colocado nisso, ou da pessoa que precisa aumentar uma renda e por isso faz qualquer coisa, ou na pessoa que tem muito tempo livre e acaba fazendo essas coisas manuais para passar o tempo [...]. Por exemplo, vou falar de uma coisa que tá aí há milênios, o crochê. É superfácil fazer crochê, tapete de crochê, mas hoje tem gente fazendo semijoias, bijuteria. Quando a gente fala em reutilizar material, daí tem aquela tampa da caixa de pizza que eu posso pintar, colocar um tecido legal e virar um artigo de decoração, ou eu posso utilizar como matéria-prima para algo totalmente diferente, daquele material eu posso fazer um relógio, ele já não é mais a tampa de papelão decorada, ele é matéria-prima, então, o desenvolvimento intelectual, de técnica é maior. (Fabiana, 2020).

No universo da economia criativa o artesanato tem recebido tratamentos e roupagens inovadoras por parte dos produtores, o que tem feito da produção artesanal uma realização tão

²⁹ Aqui ela se refere às ONGs, aos sindicatos.

interessante e sofisticada quanto as outras práticas que compõem o setor. É a expressão mais popular da economia criativa, inclusive porque o empreendimento artesanal, dentre as atividades que compõem o setor criativo, é aquele que se mostra mais fácil de ser iniciada em termos de investimento. Hoje é fonte de renda para aproximadamente oito milhões de pessoas que movimentam cerca de R\$ 50 bilhões todos os anos no país³⁰. Nesse sentido, o discurso de Fabiana pode ser entendido como o esforço de apresentar a economia criativa apartada da economia solidária, pois, essa é vista de maneira depreciada por produzir, em termos de artesanatos, produtos menos elaborados.

A busca por construir um novo tipo de feiras veio, então, não apenas do fato de que as exigências para participar das feiras até então existentes acabavam por limitar a possibilidade de conquistar espaço de divulgação e venda para grande parte dos artesãos, artistas e demais trabalhadores criativos da cidade, devido aos seus produtos não se encaixarem nos pré-requisitos, como aqueles da Feira do DAAE, por exemplo. Para além dessa limitação burocrática, o próprio formato da feira não condizia com a proposta de trabalho dos artistas, artesãos e designers locais, havia um desejo de construir um espaço com outros tipos de trocas.

Desse modo, em meados de 2015, alguns artesãos manifestaram a necessidade de criar novos espaços e arranjos sociais de mercado em formatos mais alternativos, que comportassem propostas menos tradicionais, que reunissem pessoas interessadas em comercializar e consumir produtos criativos, não convencionais, artesanatos modernos, que apresentassem autenticidade e singularidade, que não se trata de mera reprodução.

Alguns dos entrevistados, que estão trabalhando de forma autônoma há mais tempo, afirmaram que participar do início desse movimento foi importante para consolidarem seus trabalhos, para sentir mais segurança no que faziam, por terem a oportunidade de atuar em espaços que melhor dialogam com seus propósitos e por estar em contato com outros trabalhadores na mesma condição de trabalho. Pedro e Cláudia, que já trabalhavam de forma autônoma com alimentos, lembraram que foi devido a participação em uma feira que escolheram o nome “Quitutes Veganos” para o empreendimento.

A primeira feira que a gente participou foi a que a gente escolheu o nome, porque não tinha um nome... foi a Feira Convida. (Cláudia, 2020).

Uma das organizadoras falou que tínhamos que ter uma página no Facebook divulgando nossos produtos. Daí tivemos que pensar num nome pra página e pro nosso trabalho. (Pedro, 2020).

³⁰ Dados apresentados no boletim da secretária-executiva do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços em abril de 2018, que apresentavam as ações públicas previstas para as micro e pequenas empresas, em especial àquelas voltadas ao artesanato. Informação disponível em: <<http://www.mdic.gov.br/index.php/component/content/article?id=3201>>. Acesso em: 26 de out. de 2020.

Parte das pessoas que organizou a Convida fez a Feira do Meio. E nessa que consolidou o Quitutes. (Pedro, 2020).

Feira Convida, Feira do Meio, Feira do Pôr do Sol, Feira do Botânico foram algumas das que surgiram de 2015 a 2019. Fabiana, Graziela e Maria Eduarda expuseram em quase todas. Contam que por melhor que fossem as vendas sentiam que faltava algo, a experiência em si não trazia total satisfação. As reclamações giraram em torno da falta de estrutura e organização e a falta de proposta dos eventos, o que prejudicava a consolidação do movimento de economia criativa. O que pode ser atestado nessa fala de Fabi: “participava de algumas feiras, mas era muito ruim. Ficava no sol o dia inteiro, muitas vezes chegava e ninguém para recepcionar, pra falar onde seria seu espaço, onde ficaria a mesa, enfim, isso começou a me irritar”.

O desejo de fazer algo para alterar aquela realidade já existia, mas de início não sabia ao certo como viabilizar mudança, por isso Fabiana pensou em algo mais exequível:

A ideia inicial era fazer um “chá das cinco” aqui em casa mesmo e chamar um grupo de artesãs para expor, mas meu psicólogo no meio da terapia falou: eu tenho um café e lá tem um espaço, não é muito grande, mas cabe uma quantidade de pessoas. (Fabiana, 2020).

A proposta a deixou muito entusiasmada, mas logo percebeu que sozinha não seria fácil reunir pessoas para expor e organizar o encontro. Como já conhecia Graziela de outros eventos, contou a proposta:

Falei e ela topou, mas disse que talvez só nós duas, não conseguiríamos organizar tudo, o melhor seria se fossemos em três. Então ela me disse que final de semana passado ela estava em outra feira com a Maria Eduarda e que estavam falando disso inclusive, de que estavam insatisfeitas, que gostariam de fazer algo. Ótimo! A feira acabou, conversamos nós três. A Maria Eduarda sugeriu que ao invés de fazermos um “café das cinco” estruturássemos como uma feira mesmo (Fabiana, 2020).

A RolêFeira teve, então, sua primeira edição em outubro de 2017 no estacionamento de um café na região central da cidade e contou com 15 expositores, uma oficina de turbantes e um sarau com recitação de poesias ao final do dia. Para as três idealizadoras da feira, além da exposição e comercialização, era importante que fosse um evento de entretenimento e de cultura, um espaço de disseminação cultural e de lazer.

A proposta inicial da RolêFeira era ser itinerante com edições que ocorreriam em intervalos médios de dois meses. Realizou-se em espaços públicos e privados, mas mantendo o conceito de ser uma “feira evento”, ou seja, uma feira que além dos expositores incluí intervenções artísticas e oficinas culturais, promovendo o diálogo entre expositores e desses com os frequentadores. As relações ali estabelecidas têm potencial para aumentar o capital cultural dos envolvidos devido à troca de saberes e experiências, e quando ocorre do expositor

ou expositora não levar acompanhante, precisa contar com a ajuda dos demais para se afastar da banca quando necessário, o que ocorre de forma natural e gentil. A relação solidária, de ajuda mútua ocorre entre os expositores e das organizadoras para com esses.

Todos os entrevistados falaram sobre como a “energia” da RolêFeira proporciona uma experiência mais satisfatória. Lívia, que vive e estuda em São Carlos, cidade próxima a Araraquara, compara as poucas experiências de feiras existentes lá com a cena de feiras em Araraquara. Contou que a única feira em que sentiu mais conexão foi a Sanca Veg, feira ocorrida na estação ferroviária em abril de 2019:

Essa feira foi bem legal, mesmo tendo chovido bastante no dia eu vendi bem. Foi bem gostoso de participar dela porque tinham pessoas mais com acara do que eu faço, mais cara da RolêFeira. Mas em Araraquara, diferente daqui, parece que as pessoas já têm o hábito de consumir de feira de rua. [...] Aqui não há uma cultura de comprar de quem produz. Diferente de Araraquara, [...] acho que falta um pouco de protagonismo, mas pensando aqui, acho que falta ajuda do poder público, pensando aqui agora, o apoio da prefeitura é algo que deve ser levado em conta (Lívia, 2020).

Ou seja, a contrapartida do poder público é necessária para viabilizar a existência das feiras. Ainda que as diretrizes e as estratégias de ação não tenham sido reformuladas após o período de vigência do Plano Nacional da Secretaria de Economia Criativa, que foi de 2011 a 2014, algumas localidades parecem se manter alinhadas as suas propostas, o que poderia explicar o rápido crescimento e consolidação do movimento de feiras criativas em Araraquara., assim como a identificação e o reconhecimento entre os sujeitos que colaboraram para a sua construção. A partir dos dados colhidos em campo, em conversas informais com expositores e frequentadores, em entrevistas, como também segundo a observação de signos como vestimentas, acessórios, comportamentos dos expositores e frequentadores, é possível arriscar que em regra, são pessoas pertencentes a um mesmo estrato social, com poder aquisitivo, intelectual e cultural semelhante e isso, permite com que as interações ocorram com mais fluidez e maior integração.

Ao mesmo tempo em que o cenário atual tende a estimular resultados individuais ascendentes e a disputa do protagonismo entre os pares, a cooperação também é incentivada, embora isso nem sempre ocorra. A cooperação se faz mais presente em trabalhos imbuídos de propósito, como é o caso dos trabalhos criativos. Isso porque a formação de redes nesse caso é fundamental para o desenvolvimento das atividades e para obter informações de trabalhos futuros. Mas isso não exclui a competição e a concorrência, houve relatos de “roubo” de ideias entre os expositores, por exemplo, mas concretamente o que predomina é a postura colaborativa e as redes. Para Castells (1999), o estabelecimento das redes é a “nova morfologia social”. Para

se estruturar essa dinâmica de redes é necessária uma mudança substancial das relações produtivas e de normas sociais.

A confiança é um elemento imprescindível nesse caso, tanto a confiança que o trabalhador criativo deve ter em si mesmo e em suas ideias, quanto a confiança que seus investidores e consumidores devem nele depositar. Daí a importância das relações pessoais e as estruturas de redes que elas formam, já que são dessas relações que surgem a confiança e o desencorajamento da má-fé (GRANOVETTER, 2007). A rede social do trabalhador que empreende tem papel importante especialmente no momento subsequente da criação do produto ou serviço.

Por se tratar de algo inovador, os primeiros consumidores acabam sendo pessoas pertencentes à rede social do empreendedor, pois há maior facilidade na realização de transações econômicas quando as partes envolvidas já estabeleceram algumas normas de reciprocidade e confiança. São maiores as garantias de que os negócios serão concluídos, encomendas retiradas e atendimentos realizados, quando o consumidor faz parte da rede de contatos desse empreendedor, ainda que indiretamente. Isso porque inovações por vezes geram resistência ao questionarem aquilo que é tradicional e já conhecido. Nesse caso, “as relações sociais [...] seriam as principais responsáveis pela produção de *confiança*³¹ na vida econômica” (LIMA, 2001, p. 50). Assim, quanto maior e mais durável for a rede e as relações de interconhecimento e de Inter reconhecimento (BOURDIEU, 2007) por ela concebidas, quanto mais diversificada for a rede social na qual o trabalhador estiver inserido (LIMA; CONSERVA, 2006), maiores são as possibilidades de se estabelecer com seu trabalho autônomo. Assim como ocorre com outros capitais, o capital social é um recurso que promove ganhos àqueles que o possuem.

Dessa forma, tão importante quanto o capital econômico disponível para iniciar um empreendimento são as qualidades, as capacidades cognitivas e a postura confiável do empreendedor, assim como as redes que estabelece e “Tais qualificações são capazes de configurar contextos de relações sociais e de trocas econômicas capazes de facilitar a formação de contratos - relações baseadas em confiança - e as relações entre empreendedor e empregados” (MARTES, 2010, p. 257). O mesmo ocorre entre empreendedores e consumidores. É mais esperado que o produto ou serviço atenda as expectativas quando se tem informações sobre quem o produz.

Cerca de um ano depois, a organização da RolêFeira contava com mais três pessoas, além das idealizadoras, e duas pessoas como colaboradores, ou seja, o coletivo Rolê, como foi

³¹ Grifo do autor.

nomeado, passou naquele momento a dispor de oito pessoas para a organização e realização da RolêFeira, que se fixou na Praça Faveral. Nesse local, mais extenso, poderiam receber um número maior de participantes. Assim como toda feira, no momento em que ocorre, a RolêFeira modifica a organização do espaço urbano dando a praça nova função social e nova dinâmica, estabelecendo novas relações sociais (BOECHAT; SANTOS, 2009). Em realidade, ao se fixarem na Praça Faveral, ressignificaram o local que antes não era bem aproveitado pela população por estar deteriorado.

Para o projeto de revitalização artística da praça, o coletivo Rolê fez uma parceria com outro coletivo da cidade, o coletivo Quadro Urbano, para que fossem desenvolvidos murais nas laterais da quadra poliesportiva. Em reportagem, um dos artistas plásticos conta que aceitou a oferta de ajuda das pessoas que vivem na praça, pois era muito o trabalho³². Esse encontro foi algo que caracteriza, segundo o coletivo, a energia e o sentido do que buscam: a valorização do senso de comunidade e valorização das iniciativas coletivas. O fato de a praça abrigar pessoas em situação de rua foi um impeditivo, a princípio, para a liberação de autorização para que a feira fosse ali realizada. Ainda que tenham entendido a preocupação por parte do poder público, para o coletivo as pessoas que vivem na praça fazem parte daquele espaço. Inclusive, as edições da RolêFeira colaboravam com o abastecimento da geladeira comunitária utilizada por essas pessoas.

Para finalizar a empreitada, uma artista plástica que reside em outra cidade foi convidada e prontamente aceitou o convite por gostar da proposta do coletivo e por ser uma oportunidade de ter uma obra em espaço público³³. A arte urbana, ou arte de rua, em suas diversas linguagens, é uma expressão artística que busca aproximar arte e público, o que se confirma na fala dos artistas que realizaram os murais. Vale ressaltar que projeto foi idealizado pelo coletivo Rolê e executado pelos artistas que se dispuseram a colaborar na causa. Por parte do poder público, apenas as tintas foram doadas. Todo o restante dos custos foi provido com o arrecado nas inscrições dos expositores.

O predomínio dado ao Estado e à economia, o aumento da liberdade individual e o fortalecimento da individualidade, elementos característicos das sociedades modernas, tendem a contribuir para o rompimento do elo entre a esfera pública e a privada. Tal rompimento

³² Reportagem veiculada pelo site G1 com título: Cansados de esperar, moradores decidem reformar praças e tapar buracos em ruas da região. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2018/10/23/cansados-de-esperar-moradores-decidem-reformar-pracas-e-tapar-buracos-em-ruas-na-regiao.ghtml>>. Acesso em: 04 de nov. de 2021.

³³ O jornal local entrevistou a artista sobre a experiência. Disponível em: <<https://www.comunicaararaquara.com.br/artista-retrata-simbolos-de-araraquara-na-praca-faveral/>>. Acesso em: 04 de nov. de 2021.

implica na impressão de impotência coletiva e na conformidade da sociedade civil aos ditames do poder público (ANDION; SERVA, 2004). Em grande medida, é possível entender esse episódio que promoveu a ação dos coletivos Rolê e Quadro Urbano e a mobilização das pessoas que vivem na Praça Faveral como uma demonstração do papel da sociedade civil e da força existente nas ações coletivas, um exemplo de não conformidade com a realidade posta e da mobilização coletiva visando o bem público.

Não só o processo de revitalização da praça como a própria RolêFeira são resultados da junção de pessoas com vontade de realização. Fabiana, Graziela e Maria Eduarda desejaram e empenhara-se para que a RolêFeira saísse do plano das ideias por acreditarem que seria um bem não apenas para elas. Ao analisar o processo de desenvolvimento da ideia à realização em seu formato atual, percebe-se que muita coisa foi feita “no amor”. De acordo com Tommasi (2020), dizer que algo foi feito “no amor” significa dizer que houve muito trabalho não remunerado ou mal remunerado porque as pessoas envolvidas acreditavam no projeto e no que ele proporcionaria ao coletivo, ocultando a precariedade vivenciada.

Fundamentada no esquema teórico de Alain Touraine desenvolvido em *Pourrons-nous vivre ensemble? Egaux e différents* (1997), Wautier (2001) apresenta entendimentos e expressões das ações coletivas, a partir da reflexão acerca da mudança e da adoção de alguns princípios, numa tentativa de construir novo paradigma que conseguisse melhor interpretar e explicar os movimentos sociais urbanos atuais. Se tempos atrás identificava-se mais facilmente os anseios e intenções dos movimentos, hoje isso está muito mais diluído e pulverizado, nos desejos e subjetividades dos sujeitos envolvidos, na dificuldade em saber a quem ou ao que se efetivamente se opor, devido a dispersão dos centros de poder, e na dificuldade em encontrar um princípio norteador que articule a totalidade dos anseios dos sujeitos.

Se na sociedade industrial os movimentos sociais visavam a ação política, os novos movimentos surgidos na década de 1970 são apenas sociais, isto é, visando em prioridade influenciar a opinião pública.³⁴ [...] Estas diferenças contextuais na constituição dos movimentos sociais e na sua ação, esta passagem do enfoque político ao enfoque cultural, marcam a diferença entre movimentos sociais e movimentos societais: mais do que um instrumento de pressão política, um movimento societal coloca em questão as próprias orientações da sociedade. (WAUTIER, 2001, p. 43/44).

Com base nisso, aparentemente o movimento de feiras criativas apresenta-se como um movimento societal que propõe a construção de uma “identidade coletiva” não generalizante e a defesa dos sujeitos em relação ao poder exercido pelo mercado. Esses sujeitos articulados em rede concebem novas formas de solidariedades e apresentam novas demandas em termos de

³⁴ Em nota de rodapé a autora explica que “trata-se dos movimentos ecológicos, antinucleares, de defesa do consumidor, ou em prol da liberação sexual (mulheres, homossexuais)”.

direitos, valores. Nesse sentido, a noção de rede aparece como um instrumento utilizado pela sociedade civil para agregar e coordenar os sujeitos, para propor e estruturar modelos institucionais que deem conta da pluralidade de identidades, das necessidades e das manifestações, numa interação entre Estado, instituições e sociedade civil mais congruente, não propriamente contestatório (WARREN; LÜCHMANN, 2004).

A partir de 2018, o coletivo começou a se preocupar em criar identidade para o grupo, uma imagem própria e uma concepção para o evento, assim, passaram a fazer criteriosa seleção dos expositores. Se num primeiro momento isso pode parecer contraditório, já que o movimento de feiras na cidade surge justamente para dar espaços a mais expositores e, uma seleção mais criteriosa caminhará na contramão disso, segundo as organizadoras a ideia é fortalecer um movimento de construção de um novo estilo de vida. Assim, a curadoria da feira passou a usar como critério de seleção a inovação, a criatividade e o modo como os produtos são produzidos, priorizando os trabalhos artesanais que possuam valores ecológicos e sustentáveis e que repensem o modo de consumo. Não há espaço para vendas comerciais de produtos convencionais. Dessa maneira, conseguem reunir um tipo específico de expositores e, como resultado, um público também específico.

Outro aspecto relevante, e que difere a RolêFeira das demais, é em relação a reserva de cotas dedicadas a “empreendedores LGBTQIA+, negres [sic]³⁵ e indígenas e que, segundo o Critério Brasil, se enquadrem nos estratos socioeconômicos D-E com renda domiciliar de até R\$ 708,19”³⁶. Ainda que o valor da inscrição seja acessível, as organizadoras disseram que entendem a dificuldade que algumas pessoas têm, especialmente as que estão começando, em dispor de uma quantia, por menor que ela seja.

Por mais que haja a preocupação por parte das organizadoras da RolêFeira em reservar cota das inscrições para pessoas negras e LGBTQIA+, não há a procura que gostariam. Isso porque participar desse movimento requer um grau de informação que a maioria da população não tem. Pessoas negras e LGBTQIA+ que não estão inseridas em espaços de educação, seja ela formal ou informal, para terem contato e se familiarizarem com a concepção do evento e com as propostas ali “defendidas” terão dificuldade em sentir-se pertencentes a esse espaço. Em relação a isso, Fabiana responde que:

[...] mesmo com o incentivo de não pagarem a inscrição, o número de pessoas negras e LGBTQIA+ é muito pouco, tem pouca procura. Pessoas negras ainda um pouco mais, mas ainda assim são poucas. Teve um grupo indígena que expôs duas vezes e a primeira vez fomos nós que os convidamos. Então, o que a gente faz às vezes é ir

³⁵ Ainda que o uso da linguagem neutra não esteja de acordo com as normas ortográficas, penso que foi uma forma de as coordenadoras, ao formularem as normas de inscrição, demonstrasse estar atentas às mudanças dos tempos.

³⁶ Trecho coletado do formulário de inscrição para participação da RolêFeira.

buscar esses nichos que a gente quer que estejam com a gente. Não porque a gente quer mostrar alguma coisa, mas porque agrega, inclusive para saber sobre outras culturas. [...] Eu acho que não tem tantos artesãos com esses perfis ou que, o que é mais provável porque Araraquara é uma cidade preconceituosa, eles achem que não há espaço para eles. (Fabiana, 2020).

De acordo com as falas das organizadoras, construir um espaço de múltiplas identidades e sociabilidades proporcionaria trocas de saberes e de experiências mais ricas. Entretanto, a identidade do sujeito que expõe e, a partir das observações em campo é possível arriscar de que seja a identidade também de quem pela feira transita, é a mulher branca, na faixa etária dos 20 aos 35 anos, cisgênero, heterossexual, escolarizada, que se enquadra na baixa classe média³⁷.

Boa parte dos expositores que compõe essas feiras demonstra intensa preocupação em divulgar o modo como seus produtos são feitos, a procedência das matérias-primas utilizadas e, principalmente, os valores agregados àquele produto. Seus produtos e serviços têm como enfoque a experiência do consumidor, buscam atender suas necessidades mais singulares. Para isso, precisam acionar capitais simbólicos, sociais e políticos, além do econômico, para conseguir criar e manter seus projetos. Num olhar mais atento é possível perceber que não se trata de pura estratégia de venda, pois muitos desses expositores acreditam fazer parte de um movimento que visa incorporar novos valores às práticas comerciais.

Valores que permeiam a vida dessas pessoas estão presentes no modo de produzir e mesmo no produto em si, sendo fatores que dão sustentação argumentativa e discursiva para a importância daqueles produtos e sua aquisição. Com maior ou menor engajamento, esses sujeitos aproveitam o tempo em que estão junto de outros expositores e o contato com clientes e visitante da feira para falarem sobre suas motivações e seus propósitos.

A partir dos diálogos formais, por meio das entrevistas, e informais, no transcorrer das idas a campo, foi possível perceber alguns princípios padrões. Primeiro, a preocupação em relação aos impactos negativos no meio-ambiente. Mesmo os sujeitos que não apresentam essa questão em seus produtos, isto é, que não comercializam itens que evite o descarte frequente ou com matéria-prima reaproveitada, nas conversas isso vinha à tona as questões do consumismo, da descartabilidade, do modo de produção ou o modo degradante como os seres humanos se relacionam com o biosistema.

Para Pedro e Cláudia a produção de comidas veganas não tem como intenção apenas disponibilizar no mercado um novo tipo de produto. “É uma forma de criar sentido, de trabalhar com algo que faz sentido. Tem apelo afetivo e político”, diz Pedro e reafirma Cláudia. Para

³⁷ <http://g1.globo.com/economia/seu-dinheiro/noticia/2013/08/veja-diferencas-entre-conceitos-que-definem-classes-sociais-no-brasil.html>

ambos, a produção de alimentos veganos é por uma questão antiespecista³⁸, “para criar um modo de vida em que o outro ser não seja uma mercadoria, não seja um objeto de consumo, nem esteja a serviço dos seres humanos”,

Romper com essa dependência, segundo eles, é importante para a conquista de uma soberania alimentar³⁹. Relataram que no início da transição alimentar acharam o veganismo algo elitizado e não acessível às camadas mais pobres da população. No entanto, ao aprofundarem seus conhecimentos sobre o assunto, perceberam que veganismo se transformara em uma mercadoria para as grandes indústrias. A partir disso, sentiram a necessidade de apresentar um “veganismo possível”, no sentido de demonstrar que obter uma alimentação saudável a partir da produção dos agricultores familiares locais, dependendo o mínimo possível das grandes empresas de alimento é algo realizável e acessível. Ao venderem seus produtos estão vendendo também uma ideia e um ideal.

Raissa segue na mesma linha e afirma que mesmo a discussão sobre o consumo excessivo de carnes e derivados, sobre diminuir seus consumos já é relevante. Ela conta com entusiasmo sobre os novos gostos que uma comida vegana pode proporcionar: “[...] todo doce que minha família fazia levava leite condensado, ficava sempre o mesmo gosto, um gosto genérico. A ideia com o Hamburgano não é só me voltar a um público vegano, é fazer com que as pessoas não veganas entendam que existem outros sabores e, também, de que o veganismo, ou mesmo o vegetarianismo, não é caro”.

Essa é uma aspiração dos três, a de colaborar para desfazer a convicção presente no senso comum de que a alimentação vegana tem um custo elevado. “É caro quando você compra produtos industrializados. Ver que era possível fazer comidas gostosas, veganas com baixo custo me motivou. Quero que mais pessoas saibam que é possível”, diz Raissa. De fato, por ter uma produção em baixa escala e utilizar muitos ingredientes orgânicos em sua composição, o produto vegano industrializado tem um valor mais elevado se comparado aos não vegano. O consumo de produtos veganos industrializados é muito comum no início da transição para o veganismo por falta de tempo para o preparo dos alimentos, pelo paladar ainda estar “viciado” com sabores intensos ou por falta de acesso a produtos veganos caseiros.

³⁸ Antiespecismo diz respeito ao movimento que rejeita a teoria especista, que coloca a espécie humano como superior às demais, e se dedica a lutar pela igualdade de todos os indivíduos sencientes. Para os antiespecistas os demais animais não devem existir para servir aos interesses dos seres humanos.

³⁹ Trata-se do “direito dos povos definirem suas próprias políticas e estratégias sustentáveis de produção, distribuição e consumo de alimentos que garantam o direito à alimentação para toda a população, com base na pequena e média produção, respeitando suas próprias culturas e a diversidade dos modos camponeses, pesqueiros e indígenas de produção agropecuária, de comercialização e gestão dos espaços rurais, nos quais a mulher desempenha um papel fundamental” (Fórum Mundial sobre Soberania Alimentar, Havana, 2001).

Por não haver tanta concorrência, os dois negócios tendem a ter uma clientela fixa, maior certeza de venda. Evidente que precisam e querem os ganhos financeiros, mas o vínculo que se estabelece entre produtor e comprador estimula o fortalecimento do veganismo e, para eles, isso é tão importante quanto as vendas. As redes sociais e as feiras cumprem um importante papel para aproximar pessoas com necessidade e interesses em comum.

Usamos muito as redes sociais para falar dos nossos produtos, das coisas que a gente acredita, nossa cara, sabe?! Mas as feiras foram ainda mais importantes para isso da divulgação e de estabelecer contato. Porque lá eu podia conversar com as pessoas, explicar como trabalhamos, como fazemos nossos produtos. Vários clientes que viraram veganos eu reconheço que é muito por esse contato. Oferecer comidas veganas baratas, principalmente para quem está trabalhando formalizado, em trabalho fixo, que acaba tendo menos tempo para preparar sua própria comida vegana, porque tem só uma hora de almoço e porque chega de noite em casa e dedicar-se a isso leva tempo, é viabilizar o veganismo. (Cláudia, 2020).

Quando Graziela deu início ao brechó Amor Retrô o único intuito era o de revender roupas dela e de outras pessoas conhecidas que não estavam mais sendo utilizadas, fazer um dinheiro extra e ainda “abrir espaço no guarda-roupa”. No entanto, ao participar das primeiras feiras locais teve contato com alguns conceitos e ideias como consumismo, moda consciente, *slow fashion*, descarte de resíduos, ambientalismo, entre outros. A partir disso, segundo ela, passou a repensar sua própria forma de agir e de consumir: “percebi que eu era muito consumista e que precisaria começar por mim mesma esse movimento. [...] Mudei a forma como eu mesma consumia. Mudei alguns hábitos, adotei outros e passei a aplicar isso no brechó e nos conteúdos que produzia de divulgação.” (Graziela, 2020). Nesse processo, seu brechó ganhou outro *status*. Hoje, após quase quatro anos de sua criação, passou a ter um propósito.

Eu falo que o Amor Retrô é um empreendimento de consumo consciente da moda. Porque além das vendas das roupas usadas eu estou tornando-o uma marca de venda de produtos sustentáveis, de modo colaborativo, estou indo por esse caminho. [...] Além dos produtos me preocupo com a criação de conteúdos que abordem e discutam essas questões, proponho momentos de rodas de conversas (nas feiras) para ajudar a criar uma prática de consumo consciente dentro da moda. (Graziela, 2020).

Conforme seu relato, os brechós colaboram na extensão da vida útil das peças, reciclando-as ao passarem de um dono a outro, evitando com isso seu descarte precoce, já que a indústria da moda é uma das mais poluentes⁴⁰ e a matéria-prima utilizada pode levar centenas de anos para se decompor. Nesse sentido, sente que colabora para uma mudança nas ações de seus clientes e nos seus estilos de vida. Isso porque, além das roupas, ela ainda comercializa na

⁴⁰ A indústria da moda é uma das grandes responsáveis pela poluição eliminada no meio-ambiente. Informação possível de ser verificada em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-39253994>>. Acesso em: 04 de novembro de 2021, < <https://valor.globo.com/empresas/coluna/industria-da-moda-polui-mais-que-navios-e-avioes-1.ghtml>>. Acesso em: 04 de novembro de 2021.

loja física que abriu recentemente artigos que dialogam com essa ideia de consumo consciente e de sustentabilidade.

Os conhecimentos adquiridos por ela ao longo da graduação em Publicidade são utilizados na propaganda de seu trabalho, em suas contas de *Facebook* e *Instagram*, onde divulga de maneira irreverente e informativa fazendo com que uma atividade pouco valorizada como é a venda de roupas e artigos usados se tornasse algo atrativo. A preocupação com a ambientação para a sessão de fotos com peças disponíveis no brechó e escolha desse material, somada a textos bem-humorados e que abordam alguma discussão bem quista entre os principais clientes fizeram com que seu brechó se diferenciasse e se distanciasse do estereótipo de local de venda de roupas velhas a baixíssimos preços e estimulasse o consumo desse tipo de vestimenta, sapato e acessório.

Do mesmo modo, o gosto pela moda e a preocupação em relação ao impacto ambiental gerado pela indústria de vestuário são propósitos que motivam o trabalho de da também publicitária Beatriz. Sua trajetória enquanto trabalhadora demonstrou desde o início a intenção em alcançar o lugar de empreendedora. Durante a graduação em publicidade e propaganda iniciou um curso de corte e costura com uma modista. Seu tempo se dividia entre a graduação, os dois empregos, no marketing de uma casa noturna e numa agência de publicidade, e a graduação, o que ela retrata como muito desgastante. “Estava meio cansada de quase não ter férias, de não conseguir aproveitar muitas coisas da minha vida e eu já gostava muito dessa área da costura, da criação de roupas”.

No período em que estava trabalhando em um *e-commerce*, após sair do trabalho na casa noturna, percebeu que seria possível iniciar seu negócio:

[...] a ideia era aliar os meus conhecimentos de publicidade aos que eu estava adquirindo ali no *e-commerce* para fazer um *e-commerce* pra mim, uma loja virtual. Foi ali que despertou. Eu tinha essa vontade de empreender, só que de uma forma diferente. Já tinha interesse nesse lance de moda, eu sempre gostei, mas assim, eu não gostava muito da moda em si, das tendências, porque quando se trabalha com tendência é muito descartável. Usou, três meses e já era (Beatriz, 2020).

Terminada a graduação permaneceu trabalhando de maneira formal e tendo as aulas de corte e costura produzindo as primeiras peças. Ao postar em suas redes sociais seus primeiros trabalhos, seus contatos demonstravam estar gostando do resultado. Beatriz percebeu que havia potenciais clientes, mas como vivia num pequeno apartamento dividido com colegas de faculdade faltava-lhe espaço para confeccionar mais peças. Do mesmo modo, não havia recursos financeiros para tal. Somente quando alcançou uma quantia que julgou suficiente pode abandonar o emprego e dedicar-se exclusivamente à construção de seu projeto de trabalho autônomo. A conquista de um espaço que pudesse abrigar seu ateliê, concretizado

após o casamento e construção de sua casa, foi da mesma forma importante.

Conforme avançava em seus estudos, passou a produzir as primeiras peças sob encomenda e as suas criações elaboradas com tecidos descartados. A técnica de *upcycling*, que é utilizar sobras de tecidos e reaproveitamento de roupas para criação de novas peças, atendia aos anseios de Beatriz: produzir roupas e acessórios com menor impacto negativo possível ao meio-ambiente. Outra técnica é a do tingimento natural feito a partir de sobras de cascas ou pedaços de alimentos como cebola, beterraba, açafrão, etc. Alguns tecidos manchados que não serviriam num primeiro momento são coloridos esses com corantes naturais.

No início da entrevista, a preocupação em relação a sustentabilidade foi algo apontado, mas conforme a conversa se estendia, a ênfase dada à ideia de liberdade pareceu superar qualquer outro valor ou anseio: “de eu estar em casa, tomar um café da manhã tranquila, sossegada, já melhora tudo, sabe? Eu acho que em tudo melhorou. A alimentação, quanto eu mesma, emocionalmente, espiritualmente. Consigo me dedicar mais a mim mesma”. Perguntei sobre a dinâmica do tempo, como organizava a produção, buscando inferir se consegue separar o tempo do trabalho do tempo de descanso. Segundo ela, consegue estabelecer às oito horas diárias de trabalho, mas sem ter um horário certo para iniciar. No entanto, sabe que sua demanda no momento⁴¹ não exige mais que isso.

Outro princípio valorado por ela é o de criar roupas unissex. Em uma de minhas observações do campo, presenciei um visitante com o seguinte questionamento: “essa roupa é de homem ou de mulher?”, o que levou Beatriz iniciar um diálogo acerca da neutralidade das roupas e que a elas não caberia tal denominação de gênero. De início o rapaz aparentou incômodo, mas logo pareceu mais amigável e receptivo à ideia.

Pouco depois que ele saiu, ela disse como acha importante essa discussão e que suas peças são uma maneira de tocar no assunto. Esse tipo de situação parece demonstrar que há uma preocupação formativa por parte de quem expõem, de que novas percepções, ou o resgate de saberes esquecidos, são propagados com a intenção de tornarem-se referenciais de outra concepção de mundo. Ao investir na pesquisa e elaboração de brinquedos educativos que estimulam a criatividade e a imaginação das crianças, no caso do trabalho de Janine, na escolha de retratar nomes importantes da literatura e da filosofia e na valorização da identidade brasileira por meio da representação de símbolos culturais, fauna e folclore, como é o caso das xilogravuras de Vitor, esses sujeitos buscam reforçar e propagar um conjunto de ideias dissonantes do pensamento comum à maioria das pessoas.

⁴¹ Essa entrevista foi realizada antes da necessidade de isolamento em decorrência da pandemia. Num contato posterior, a interlocutora nos contou que os pedidos de máscaras forma grandes, levando-a a se dedicar por mais horas do que o habitual.

4. ECONOMIA CRIATIVA E O DESEJO DE INVENTAR

Nas falas de todos os entrevistados aparece a necessidade de trabalhar com “criação” e o desejo de dedicar horas do dia nessa atividade. Outros fatores também foram apontados como elementos impulsionadores para iniciar um trabalho autônomo, como o de ter domínio sobre o próprio tempo, a sensação de liberdade em relação às escolhas, ter o contato direto com os clientes e poder estar mais presente na criação dos filhos.

Destacaram o desejo de criar, de não exercer funções repetitivas, pouco inventivas. De poder, por meio do trabalho, propor inovações, seja no modo de trabalhar, seja no que trabalhar. Assim como também às convicções que os motivam, àquilo que os fazem vivenciar seus trabalhos de maneira comprometida e mesmo entusiasmada. Esse é um perfil frequente entre os trabalhadores e trabalhadoras que se definem como criativos em que o trabalho é visto como importante meio de realização pessoal⁴².

A partir da década de 1990 a economia criativa passa a ser “estratégia de política pública transversal e a despertar atenção por ser potencialmente capaz de unir economia e cultura e prol do desenvolvimento sustentável” (REIS, 2006, p.198). Estudos organizados pelos governos australiano e britânico buscaram demonstrar as potencialidades da criatividade e do capital intelectual, desenvolvidas individualmente ou coletivamente, por meio da união de inteligências como geradores de desenvolvimento e riquezas. Apostando nas oportunidades de trabalho que poderiam ser criadas em diversas áreas como produções artísticas, turismo e tecnologia, a partir de recursos intangíveis como são a criatividade e o intelecto, instrumentos políticos e recursos financeiros foram empenhados para o desenvolvimento das indústrias criativas (REIS, 2006).

O conceito de economia criativa origina-se do termo indústria criativa que, por sua vez, é inspirado num projeto australiano, *Creative Nation*, de 1994, e pode ser entendido como um conjunto de atividades econômicas que dependem do conteúdo simbólico, nele incluído a criatividade, como fator mais expressivo para a produção de bens e serviços. No relatório que lança as diretrizes das políticas públicas de estímulo à área cultural, o então primeiro-ministro australiano afirmava que o nível de criatividade de uma nação determinaria sua capacidade de adaptação aos novos imperativos econômicos⁴³.

⁴² Veja, por exemplo, a tese de Breilla Zanon sobre o “amor” ao trabalho entre trabalhadores da área de informática (Zanon, 2018).

⁴³ *Commonwealth of Australia. 1994. Creative Nation. Canberra: ACT.* Disponível em: <<https://webarchive.nla.gov.au/awa/20031203235148/http://www.nla.gov.au/creative.nation/contents.html>>. Acesso em: 14 de set. de 2020.

A aposta, por parte do governo australiano, foi a de explorar o potencial individual e coletivo em produzir bens ou serviços criativos e, assim, promover o desenvolvimento econômico e a geração de empregos. Imperativos esses que podem ser entendidos como adequados à flexibilização da economia e do mundo do trabalho, aumento dos empregos desregulamentados e a elevação dos níveis de desemprego. Seria uma saída à crise do assalariamento enquanto relação social.

Pouco tempo depois, em 1998, o governo britânico produz o *Creative Industries – Mapping Document*⁴⁴. O documento mapeou as indústrias criativas britânicas e demonstrou suas contribuições para o desenvolvimento econômico do país, nele são listadas treze áreas de atividades que apresentavam similaridades quanto à utilização da propriedade intelectual na produção de bens e serviços. Quanto mais se buscava mapear e entender tais atividades, mais se evidenciava a necessidade de buscar novas maneiras pra inferir de que maneira se daria sua geração de valor e que esse valor não se restringia ao econômico, atingindo também aspectos sociais.

A análise de Reis (2006) sobre a atuação do governo inglês durante o comando do partido trabalhista recém-eleito, demonstra que a aposta nas indústrias criativas foi uma tentativa de lidar com a onda de desemprego resultante da reestruturação produtiva “uma estratégia que conduzisse à recuperação econômica do país e o transformasse em novo polo de atração de negócios e capitais, locais e estrangeiros” (REIS, 2006, p. 205). A força tarefa se deu no sentido de estimular o setor para que este pudesse promover a criação de empregos, a geração de renda, escoradas nos direitos de propriedade intelectual.

Ao falar em atividades da economia criativa, não nos referimos apenas a atividades culturais, e sim todas as atividades que utiliza essencialmente a criatividade, o conhecimento pessoal e as propriedades intelectuais para seu desenvolvimento. Nas palavras dos redatores do *Creative Industries Mapping Document*, todas as atividades:

[...] que têm sua origem na criatividade, habilidade e talento individuais e que têm potencial para a criação de renda e empregos por meio da geração e exploração da propriedade intelectual. Isso inclui propaganda, arquitetura, mercados de arte e antiguidades, artesanato, design, moda, filme e vídeo, software de lazer, artes performáticas, edição, jogos de computador, televisão e rádio (REIS, 2006, p.5).

Essa virada cultural surge “da combinação de dois fenômenos simultâneos: a emergência da sociedade do conhecimento e a transição de valores materialistas para valores pós-materialistas” (BENDASSOLI, 2009, p.11). Ou seja, o aprimoramento e domínio das

⁴⁴ Documento disponível em: < <https://www.gov.uk/government/publications/creative-industries-mapping-documents-1998> >. Acesso em: 05 de set. de 2020.

técnicas de informatização e de comunicação, com a utilização de conhecimento intensivo, permitem um deslocamento da centralidade da economia, do setor industriário ao setor de serviços, com o crescimento dos postos de trabalho altamente qualificados. E mesmo no setor industrial, o conhecimento é o grande diferencial na geração de valor.

As definições de indústria criativa, economia da cultura e de economia criativa não estão fechadas, tampouco a tentativa de agrupar quais atividades pertenceriam a esses setores porque há uma interseção entre os setores (BENDASSOLI, 2009; REIS, 2008). O *Creative Industries – Mapping Document*, recebeu algumas críticas após sua divulgação, dentre elas a de que o documento estaria criando falsas distinções, pois a criatividade e o talento individual estariam presentes em outras áreas e atividades e foram excluídas arbitrariamente. Outra crítica é em relação ao não apontamento sobre o porte das empresas. Microempresas com menos de dez funcionários e grandes conglomerados transnacionais capitalizados são tratados da mesma maneira em termos de geração de riquezas.

John Newbiggin, que foi conselheiro especial do Ministro da Cultura do Reino Unido no período de desenvolvimento das políticas voltadas às indústrias criativas e conselheiro da agência britânica *Creative England*, em artigo publicado pelo instituto *Brish Council*⁴⁵, arrola as críticas feitas ao documento e tenta responde-las. Rebate afirmando que o foco deveria se voltar à geração de empregos do setor que ultrapassava duas vezes mais a taxa básica da economia do Reino Unido como um todo. Possivelmente a hesitação em relação à definição do setor se deva ao fato de a criatividade, algo subjetivo e intangível, estar em seu cerne. A noção de criatividade é discutida por John Howkins (2003), segundo perspectivas variadas, em seu livro “Economia Criativa – Como ganhar dinheiro com ideias criativas”.

Mesmo sem chegar a nenhuma definição consensual Howkins (2003) inicia esse percurso dividindo-a segundo dois estágios. O primeiro refere-se à criatividade como característica humana universal e que estaria presente em todas as sociedades, sejam elas livres ou totalitárias, mais complexas ou menos complexas. Já o segundo estágio, responsável pela criação de produtos criativos, seria encontrado mais facilmente em sociedades industriais ocidentais por darem grande importância ao ineditismo. Não necessariamente o primeiro estágio levaria ao segundo, mas esse inevitavelmente dependerá do primeiro.

As tentativas de definição se agrupam em dois principais blocos: o dos que apostam ser a criatividade uma manifestação do inconsciente, que seria como uma perda de controle da consciência, algo parecido com o sono, e o daqueles que, ao contrário, dizem se tratar de um

⁴⁵ Matéria veiculada no site da *British Council* (site) intitulada “*What is the creative economy?*”. Disponível em: <<https://creativeconomy.britishcouncil.org/guide/what-creative-economy/>>. Acesso em: 02 de jul. de 2021.

estado de superconsciência. Segundo este último, o momento criativo se manifestaria quando a pessoa estivesse extremamente focada e em alerta.

Howkins (2003) recorre às percepções de Carl Gustav Jung (1961 *apud* HOWKINS, 2003, p. 26) sobre processos criativos e seus símbolos para confirmar que o estado de alerta, de consciência elevada, seria um momento de alta tensão emocional, enquanto que o estado inconsciente seria um estado de contemplação, como aquele em que as imagens que se formam como em um sonho. Para o psicoterapeuta, a criatividade seria a liberação de “energia-tensão”, ou seja, concordava com a perspectiva de ser resultado de um processo racional e consciente. O potencial criativo estaria presente em todas as pessoas, pois seria o resultado de várias conexões estabelecidas pela mente, como num tear, e de que a autoconsciência teria papel importante no processo criativo. A diferença é que nem todos conseguem desenvolver tal potencial⁴⁶.

Apresentadas as tentativas de caracterização da criatividade, Howkins (2013) propõe existir “três condições essenciais para todos os tipos de criatividade: personalidade, originalidade e significado” (HOWKINS, 2013, p. 28). Personalidade porque são as pessoas e não as coisas que são criativas, ou seja, são pessoas dotadas de visões e referenciais que desenvolvem processos criativos. Isso não quer dizer que a criatividade só possa ocorrer de modo individual e autossuficiente, pois muitos processos desenvolvem-se de modo coletivo, em diálogo e troca. Quando se fala em algo original, não é o mesmo que dizer que esse algo tenha que ser inteiramente novo, nunca antes visto, nem criado, algo único. A originalidade pode estar na coisa em si ou no modo com que ela é produzida, em suas melhorias, mas nem personalidade e nem originalidade serão suficientes se não houver um significado. Esse significado não necessariamente precisa ser dado ou entendido por todos, mas precisa fazer sentido para o ser criativo.

4.1 Cultura e criatividade como estratégia de desenvolvimento

Nos últimos anos, a ideia de utilizar a cultura e criatividade como mecanismos de desenvolvimento econômico e social tornou-se comum no mundo e também no Brasil (MICHETTI; BURGOS, 2016). No ano de 2004, aconteceu em São Paulo a XI Reunião da Conferência das Nações Unidas sobre o Comércio e o Desenvolvimento. Nela, representantes internacionais anunciaram o potencial da economia criativa como estratégia de

⁴⁶ Schumpeter (1982), em certa medida diz o mesmo ao referir-se ao empreendedorismo como ação social voltada a mudança. Todas pessoas teriam o potencial criador e inovativo, mas nem todas desenvolvem esse potencial.

desenvolvimento. No ano seguinte, o então embaixador brasileiro e também secretário geral da UNCTAD (Conferência das Nações Unidas sobre o Comércio e o Desenvolvimento), Rubens Ricupero, juntamente com o ministro da cultura na época, Gilberto Gil, articularam para que o Fórum Internacional das Indústrias Criativas ocorresse no Brasil (REIS, 2006). Esses acontecimentos demonstram que o Brasil seguia essa tendência e, por isso, se fazia necessário a elaboração de políticas públicas e ações para incentivar e desenvolver as indústrias criativas.

Com a criação da Secretaria de Economia Criativa em 2011, vinculado ao Ministério da Cultura (MinC), o projeto de promover o desenvolvimento pautado na inclusão social, na sustentabilidade, valorizando a diversidade cultural brasileira passa a ser política nacional. O MinC, por meio do Observatório Brasileiro de Economia Criativa (OBEC), ficou encarregado de implementar e fiscalizar as políticas de incentivo desse setor econômico, além de investir em pesquisa e difusão de informações sobre a economia criativa no Brasil.

O Plano Nacional de Cultura de 2012 entende a cultura como vetor econômico e considera:

[...] o potencial da cultura para gerar dividendos, produzir lucro, emprego e renda, assim como estimular a formação de cadeias produtivas que se relacionam às expressões culturais e à economia criativa. É por meio dessa dimensão que também se pode pensar o lugar da cultura no novo cenário de desenvolvimento econômico. (BRASIL, 2012, p. 18).

Políticas públicas de fomento à cultura, mais especificamente ao empreendedorismo cultural, ao serem incorporadas nas agendas governamentais da federação, estados e municípios, impactaram na arrecadação do setor. Nos últimos anos, os números de crescimento da economia criativa no Brasil foram bastante expressivos. Em 2015 a receita foi de R\$ 110 bilhões, em 2017, o PIB Criativo totalizou R\$ 171,5 bilhões – cifra comparável ao valor de mercado da sexta marca mais valiosa do mundo, a Samsung (FIRJAN, 2019). Isso quer dizer que a riqueza gerada pelas atividades do setor criativo, representou 2,6%⁴⁷ de toda riqueza gerada em território nacional.

Contudo, com o desmonte do Ministério da Cultura, rebaixado a uma secretaria e incorporado ao Ministério da Cidadania no início de 2019, a cultura perde autonomia de gestão das políticas públicas. O projeto de fusão, que incorporou também outros dois Ministérios, o do Esporte e o do Desenvolvimento Social, faz parte da chamada reforma administrativa promovida pelo governo federal. No final do mesmo ano, a Secretaria Especial da Cultura é

⁴⁷ Participação estimada com base na massa salarial.

transferida para o Ministério do Turismo⁴⁸. Toda essa alteração⁴⁹ também promoveu perdas à Secretaria da Economia Criativa. Em novembro de 2019 a secretaria transformou-se numa subsecretaria, a Secretaria Nacional da Economia Criativa e Diversidade Cultural⁵⁰, vinculada a então Secretaria Especial da Cultura. Depois disso, nenhum outro plano de metas foi apresentado, pois com a alteração reduziu-se a importância da economia criativa e, consecutivamente, perda de investimento estatal. Cenário muito diferente de alguns anos atrás em que a economia criativa aparecia como:

[...] uma mudança das estratégias de desenvolvimento mais convencionais centradas nos determinantes dos termos de comércio e com foco nas *commodities* primárias e na fabricação industrial, para uma abordagem holística multidisciplinar que lida com a interface entre a economia, a cultura e a tecnologia, centrada na predominância de produtos e serviços com conteúdo criativo, valor cultural e objetivos de mercado. (REIS, 2008, p.58).

Todavia, sendo a criatividade elemento central para a geração de propriedade intelectual, haveria uma tendência de “comoditizar a criatividade, na medida em que se enfatiza seu potencial de comercialização” (BENDASSOLI et al., 2009, p.12). Ou seja, por mais que Reis defenda uma mudança na estratégia de desenvolvimento, a racionalização capitalista, como se sabe, tende a padronizar e a enfatizar os objetivos de mercado, o que comprometeria essa abordagem holística multidisciplinar.

Tais afirmações podem levar a pensar que os símbolos e o discurso, a criatividade e a inovação não estavam, anteriormente, presentes na produção e nos produtos, já que “a criatividade sempre esteve presente nos empreendimentos humanos, variando, entretanto, quanto a suas formas de institucionalização” (BENDASSOLI et al., 2009, p.13).

4.2 A pandemia e a suspensão das feiras criativas

Com a falta de efetivo apoio governamental e a suspensão das feiras, produtoras e expositores e expositoras precisaram se reinventar para promover a divulgação dos produtos e

⁴⁸ A extinção do Ministério da Cultura ocorreu por meio do Decreto 9.674, de 02 de janeiro de 2019, e a transferência da Secretaria de Cultura, do Ministério da Cidadania para o Ministério do Turismo, se deu por meio do Decreto 10.107, de 06 de novembro de 2019.

⁴⁹ As mudanças no setor da cultura desde 2019 e o impacto causado por elas são apresentados no podcast Expresso Ilustrada, que contou com a participação do jornalista Gustavo Fioratti e da doutora em sociologia Ana Paula Souza. Episódio disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/podcasts/2019/12/o-que-aconteceu-com-a-politica-cultural-durante-o-governo-bolsonaro.shtml>>. Acesso em: 26 de out. de 2020. Outro material que apresenta um balanço das políticas e ações do primeiro um ano e meio do Governo Bolsonaro estão disponíveis em: <<http://institutodea.com/artigo/um-balanco-do-primeiro-ano-e-meio-do-governo-bolsonaro-na-cultura/>>. Acesso em: 26 de out. de 2020.

⁵⁰ Dados disponíveis em: <<http://cultura.gov.br/secretaria/secretarias/sec-secretaria-da-economia-criativa/>>. Acesso em: 26 de out. de 2020.

viabilizar as vendas. A estratégia criada pelo coletivo Rolê consistiu em criar um site que funcionasse como uma vitrine dos expositores, numa espécie de “feira online”, onde os consumidores pudessem ver os produtos e saber um pouco sobre seus produtores. As vendas ocorriam de maneira virtual, mas a entrega precisaria ocorrer, o que necessitou de mais uma adaptação frente às restrições de saída. Maria Eduarda, por exemplo, optou em fazer as entregas pessoalmente para não expor um entregador ao perigo de contaminação. O site, além de vitrine, também passou a ser espaço de divulgação do histórico do coletivo e da feira, de textos sobre os assuntos pertinentes às fundadoras do coletivo e demais colaboradores.

Victor promoveu uma série de promoções e rifas de suas obras para conseguir obter um valor semelhante ao adquirido com as feiras. Beatriz, mesmo fugindo um pouco de seu propósito, iniciou a produção de máscaras de tecido para aproveitar a alta demanda do produto. Bruna e Hermano decidiram investir na criação de um site e Bruna precisou se adaptar aos atendimentos online:

Quando começou a quarentena foi uma queda nas duas primeiras semanas, queda mesmo. Vendemos zero produtos. Ficamos bem apreensivos, imaginamos que tudo o que tínhamos investido, todo o esforço de chegar até aqui tinha ido por água abaixo, muita gente estava pensando assim. Eu tentei abstrair o máximo possível dessa sensação, não ficar vibrando nessa sintonia pra conseguir pensar o que a gente podia fazer. Daí veio a ideia do site, os atendimentos online. Claro, teve resistência de algumas pessoas em relação aos atendimentos, mas depois viram que não tínhamos o que fazer, a gente ficaria assim por um longo período. (Bruna, 2020).

Em meio às incertezas do futuro do negócio e se as despesas domésticas conseguiram ser pagas, precisaram aprender de que maneira conseguiriam criar um site e colocá-lo na rede:

Arriscamos! Foram quase três semanas intensas, muito cansativas para montar esse site, porque tem que pensar nas fotos, no quanto a gente iria gastar para bancar o site, taxa de maquininha, com envio, o que eu posso fazer para chamar meus clientes, então, é muita coisa nova pra gente pensar. Mas parece que de ter um site as pessoas te dão mais credibilidade, há mais visibilidade. (Bruna, 2020).

Bruna conta que só após contratarem a plataforma de *e-commerce*, que abriga a loja virtual do casal, souberam das mudanças promovidas pelo *Instagram* que facilitou a abertura de um perfil comercial.

Com a pandemia isso foi facilitado, como uma forma de ajudar os pequenos empreendedores, então, qualquer um que colocar que o perfil é comercial e que quer abrir uma loja, o *Instagram* libera. Antes não era assim, tinha que ter um número de seguidores, e é ótimo porque a pessoa não tem custo nenhum (Bruna, 2020).

A ausência das feiras também impactou as vendas de Raissa. Por não dispor de muito tempo para o trabalho devido à vida acadêmica, seu foco era produzir para as feiras ou quando havia alguma grande encomenda. A respeito de como lidou com a baixa nas vendas, ela diz:

Sem as feiras diminuí bastante nossos pedidos, principalmente em abril e maio, mas desde o mês passado (julho) traçamos outras estratégias, bolamos outros produtos. Estamos fazendo cestas com produtos veganos para presentear, e aumentamos as postagens (nas redes sociais) para fazer a divulgação, agora voltamos a vender melhor. Porque as pessoas estão longe uma das outras e acho que por isso estão presenteando mais (Raissa, 2020).

Quem soube se reinventar, quem traçou novas estratégias de divulgação e vendas sentiu menos o impacto do cancelamento das feiras. Entretanto, aqueles menos habilidosos com as tecnologias digitais, com menos traquejo, desembaraço e linguagem apropriada às redes sociais, tiveram mais dificuldade em manter seus faturamentos. Sintomática situação em um período de rápidas e múltiplas inovações tecnológicas, com as novas plataformas como a do *e-commerce* e das redes sociais na divulgação e nas vendas.

É fato que para se manter no mercado e expandir um negócio é necessário que o sujeito adquira certas competências. A adaptabilidade proativa é palavra de ordem nesse momento, exigida pelos mecanismos de competição do mercado aos trabalhadores e trabalhadoras. Dessa forma, a necessidade de adaptabilidade e inventividade não se configuram como algo pontual do momento pandêmico e sim como efeito da mudança de paradigma estabelecido pela racionalidade neoliberal.

5. RACIONALIDADE NEOLIBERAL: SUBJETIVIDADES RECONHECIDAS?

O liberalismo, como expressão da modernidade, construiu-se inicialmente como teoria político-filosófica em que a defesa da liberdade individual⁵¹ e a defesa e preservação da propriedade privada eram centrais⁵². O Estado deveria intervir somente o necessário para garantir o funcionamento do mercado e da livre concorrência (SMITH, 1985).

Com as mudanças tecnológicas e organizacionais iniciadas nas primeiras décadas do século XX, que teve no taylorismo-fordismo sua expressão ao possibilitar a produção em massa, a padronização e a especialização do trabalho, os trabalhadores, já expropriados dos meios de produção e do produto final de seus trabalhos, perderam também o controle sobre o processo de trabalho (PINTO, 2007). Com a separação entre planejamento e execução, ou seja, do trabalho intelectual e gerencial, do trabalho braçal, coube à maioria dos trabalhadores e trabalhadoras a execução de simples tarefa estabelecidas a partir da padronização de tempos e movimentos para executá-las aumentando assim a produtividade. Nesse momento são desconsiderados os saberes e experiências, o que resulta na alienação⁵³, porque os trabalhadores já tinham sido anteriormente expropriados dos meios de produção e com a inserção dessa cultura do trabalho, passariam a não se reconhecer mais no trabalho que realizam (MARX, 2013), enfraquecendo com isso a percepção do trabalho como atividade criadora e capaz de promover as potencialidades humanas (LESSA, 1996).

Devido a primeira grande crise do sistema capitalista, no fim do século XIX (MAURO, 1976), a doutrina liberal começou a apresentar sua debilidade sistêmica, intensificada pela Primeira Guerra Mundial e a crise da bolsa de valores de Nova York em 1929. É nesse momento que o Estado se alinha a um padrão intervencionista, com base na teoria keynesiana e nas propostas dos sociais-democratas, assumindo o papel de investidor e regulador das relações econômicas, utilizando recursos públicos para assegurar a demanda de empregos. Nos países do Norte, a saída para o desequilíbrio social e recessão econômica, abandonando as máximas do liberalismo e sem cair no socialismo, foi aplicar um conjunto de políticas que ficaram conhecidas como Estado de bem-estar social ou *welfare state*. Com o estabelecimento desse modelo de governo o Estado passa a ser interventor e se compromete a garantir o bem-estar

⁵¹ Importante ressaltar que a liberdade defendida era a liberdade de mercado, o indivíduo como parte desse mercado.

⁵² Um dos direitos naturais defendido por John Locke durante o período Iluminista. Sendo ele um dos teóricos contratualista, figurava a relação entre Estado e sociedade na figura do indivíduo.

⁵³ O processo de alienação do trabalho é visto por Marx como o mal-estar da sociedade, um dos pontos que desnuda as contradições intrínsecas ao modo de produção capitalista e inevitavelmente levam à sua autodestruição/autofagia, sendo este processo fruto da separação entre trabalhador e meios de produção decorrente das relações sociais construídas sobre o capital, como propriedade privada. (GRESPLAN, Jorge, 2015)

econômico e social da população, promovendo mais cidadania, por meio da distribuição de recursos e o aumento de oportunidades via parceria público-privado (HABERMAS, 1995; HARVEY, 2003). Os princípios do taylorismo-fordismo se generalizam a partir do momento em que o Estado assume a reprodução social dos trabalhadores.

Estabilizada a economia e com os índices de crescimento apontando para a recuperação, o modelo keynesiano passou a ser contestado. Economistas da Escola de Chicago, como Milton Friedman (1985 [1962]) passaram a questionar os elevados gastos públicos para manter o Estado de bem-estar social e sugeriram a retomada do livre mercado, pois, argumentavam que a economia estava limitada pelo poder do Estado, impedindo sua expansão e inibindo o desenvolvimento dos atributos e habilidades das pessoas (ANDERSON, 1995; COSTA, 2009). Ao Estado caberia conter os sindicatos e os movimentos operários, responsáveis por reprimir os lucros dos empresários, e redirecionar o fundo público para a reprodução ampliada do capital (GENARI, 2001). O intenso esforço e articulação de economistas como Milton Friedman, Ludwig V. Mises, Walter Lipman, entre outros, não só academicamente, como também em organizações com propósito de difundir as novas bases do liberalismo, passaram a difundir esses princípios do que ficou conhecido como neoliberalismo.

Para um sistema socioeconômico e de pensamento tornar-se vigente e hegemônico, além de mudanças nas relações de poder dos atores econômicos e políticos, que resultam em mudanças nas relações sociais e trabalhistas, é preciso que seus aspectos sejam naturalizados na mentalidade dos indivíduos. Segundo David Harvey, “o neoliberalismo se tornou hegemônico como tipo de discurso, disseminando-se pelos modos de pensar e pelas práticas político-econômicas a ponto de se incorporar ao senso comum com o qual interpretamos, vivemos e compreendemos o mundo” (HARVEY, 2006, p.2).

As mudanças administrativas, de gestão das empresas e dos negócios em geral, foram elementares na solidificação da perspectiva neoliberal. Em razão disso, intensificaram-se as reivindicações trabalhistas baseadas na luta por melhores condições de trabalho, por maior controle sobre o próprio tempo e maior autonomia no processo de trabalho. Pelo lado do capital, essa fragmentação de tarefas não resultou na produtividade esperada pelo crescente desinteresse dos trabalhadores, levando as gerências a modificar a cultura do trabalho com elementos que “motivariam” os trabalhadores com benefícios extra trabalho objetivando alcançar maior envolvimento.

Com as mudanças advindas da reestruturação produtiva, da inserção do método toyotista, parte dos trabalhadores deixaram de ser meros apêndices das máquinas não por uma questão humanista e sim pela busca de expropriação de seu conhecimento que, combinado às

inovações tecnológicas, resultantes do desenvolvimento científico, poderia ser aplicado aos novos modos de produção (BOLTANSKI; CHIAPELO, 2009; PINTO, 2007; ANTUNES, 2002; ALVEZ, 2000). Ou seja, em grande medida, o trabalhador continua a mercê das imposições do modo de produção capitalista e tem muito de sua subjetividade objetivada segundo as necessidades do capital.

Essa doutrina efetiva-se concretamente na década de 1970 nos governos de Augusto Pinochet, no Chile, de Ronald Reagan, nos Estados Unidos, e de Margaret Thatcher, na Inglaterra. A aplicação dos preceitos neoliberais ultrapassa o campo da economia e suas formas de espoliação, e dissemina-se nas formas de organização social, na gestão dos sujeitos e suas subjetivações. As ações do Estado sob o imperativo neoliberal se dão no sentido de despolitizar a sociedade, enfraquecendo sindicatos e associações e acentua o individualismo, a tendência à livre iniciativa e a noção empreendedora, concebendo sujeitos atomizados que performam determinação, eficiência e auto avaliação constante visando êxitos (SAFATLE; JUNIOR; DUNKER, 2020).

Em outros termos, a adoção do individualismo e o enfraquecimento de saídas coletivas para solucionar adversidades ligadas ao mundo do trabalho demonstram os valores inerentes à lógica neoliberal (LIMA, 2010). A partir disso, nos pareceu dissonante o quadro apresentado pelos trabalhadores e trabalhadoras criativos dessa investigação, pois ainda que no plano discursivo, é possível notar o senso de solidariedade e a busca pela construção de uma rede de ajuda mútua, notar que não se colocam como sujeitos atomizados e focados em objetivos desinteressados do coletivo, ainda que assumam muitos dos elementos estruturantes neoliberais.

Ainda pensando sobre como as ações são influenciadas pela racionalidade neoliberal, há um sistema de normas e de manipulação dos interesses profundamente inscritas na governamentalidade, nos estilos gerenciais que regulam as práticas e ações dos indivíduos e seus comportamentos (FOUCAULT, 2008). Dentre a variação de comportamentos, os indivíduos passam a gastar com formação, capacitação, vivências e outros componentes agregadores de valor como forma de investimento em si visando ganhos futuros. Os teóricos fundadores do pensamento neoliberal tomam por base a economia de mercado, porém, deslocam a atenção para aquilo que não era propriamente considerado como elemento econômico pela teoria clássica: o comportamento e a subjetividade (COSTA, 2009; LÓPES-RUIZ, 2008). Nesse sentido, apoiado em Foucault, López-Ruiz (2008) considera que a teoria do capital humano:

[...] vai ser a responsável por toda uma mudança na forma de pensar e no tipo de relacionamento entre governantes e governados. Na opinião do autor, ela representa

nada menos que a reinterpretação em termos estritamente econômicos de um domínio que até então era considerado como não econômico. A economia vai tornar-se, assim, a *ciência do comportamento humano*⁵⁴. (LÓPEZ-RUIZ, 2008, p. 128).

Os novos modelos de organização do mundo do trabalho buscam reintegrar o trabalho cognitivo ao trabalho braçal, separados pela divisão do trabalho proposta pelo sistema taylorista-fordista. Ao estimularem a iniciativa criativa e não mais a obediência absoluta, tocam num lugar sensível dos sujeitos que é a suposta valorização de seus saberes. A apropriação da subjetividade no exercício de seus trabalhos, de forma individual ou coletiva, visa o aperfeiçoamento dos meios de controle da classe trabalhadora (HELOANI, 2003).

Trata-se de técnicas muito mais eficientes e engenhosas, por trabalharem com a subjetividade no momento de construção da própria individualidade, em comparação com as que visam apenas o controle dos corpos por meio da coerção. Os corpos dóceis (FOUCAULT, 2014), formados segundo metodologias disciplinares sob a lógica do panóptico⁵⁵ e da vigilância externa constante, foram produtivos principalmente no período de implantação dos modelos taylorista e fordista. No momento presente, no entanto, não só os corpos, e sim, principalmente, as mentes, devem ser “domesticadas”.

Isso porque se espera, hoje, que os indivíduos estejam, em termos subjetivos, inteiramente envolvidos em suas atividades laborais. Ou seja, as atuais técnicas de gerenciamento estariam atentas à parte irreduzível do desejo dos indivíduos, com intuito de melhor controlá-los, sem que esse controle venha de forma coercitiva, como nos espaços tradicionalmente disciplinares, mas sim por uma sedução da subjetividade e do desejo desses indivíduos. Nesse sentido, a ideia acerca do capitalismo, como um sistema que incorpora em seu próprio sistema operacional as críticas contra ele levantadas, se mostra bastante atual (SCHUMPETER, 1997; BOLTANSKI; CHIAPELO, 2009).

Modelos mais horizontalizados e menos autoritários são resultados da reconfiguração do sistema capitalista arquitetado desde a reestruturação produtiva. Nesse novo modelo, a participação, a autonomia e a autogestão controlada são bastante estimuladas nos trabalhadores. De acordo com Lima (2010), “[...] essa ‘autogestão’ significa o autocontrole que garante sua permanência na equipe. A interiorização da cultura empresarial pressupõe o envolvimento pessoal, motivação, o *vestir a camisa*⁵⁶, marcado pela participação” (LIMA, 2010, p.170). Ao “vestirem a camisa” da empresa, trabalham com grande empenho e dedicação. Acreditam fazer

⁵⁴ Grifo do autor.

⁵⁵ Termo utilizado por Jeremy Bentham referindo-se a um projeto de penitenciária modelo. Michel Foucault retoma o termo para discutir sobre os dispositivos disciplinares e as formas de controle.

⁵⁶ Grifo do autor.

parte de um grande todo e que seus esforços, somados ao de todos os demais, têm um mesmo objetivo, que é promover o crescimento não só da empresa, mas o da economia do país.

Dessa maneira, os trabalhadores sentem-se mais motivados em bater as metas de produção por considerarem-se parte de uma proposta de mudança de atitudes que levariam a uma sociedade menos desigual⁵⁷. Agora, se o trabalho para terceiros pode ser assim tão comprometido e ativo, “as estratégias de motivação laboral são ainda mais eficientes quando correspondem diretamente a metas e valores do trabalhador” (TAMAYO; PASCHOAL 2003, p.34), ou seja, é possível supor que o efeito dessa lógica em um trabalho que se desenvolva em benefício próprio é vivenciado de maneira mais intensa por atender as necessidades subjetivas e desejos desses sujeitos. O comportamento motivado, praticado para alcançar um determinado objetivo, estaria ligado, segundo Tamayo e Paschoal (2003), ao impulso, a direção e a persistência.

Diferentemente do que assentiu Taylor em seu livro *Shop Management* (1903) de que o salário seria o motivador fundamental para o bom desempenho do trabalho, a motivação laboral seria algo muito mais complexo e melhor entendido a partir de uma abordagem psicossociocultural, estaria mais ligado a valores e necessidades de outra ordem, sendo exemplos o tipo de ambiente laboral, os companheiros e o quão desafiador e estimulante é o trabalho. Esses valores e necessidades variam de pessoa a pessoa e, por isso, entender “a estrutura motivacional constitui a base ou a matriz para a elaboração do perfil motivacional” (TAMAYO; PASCHOAL, 2003, p.41). Partindo do ponto de que os valores são representações cognitivas de necessidades e motivações e de que esses valores não representam apenas necessidades individuais, mas também coletivas, entender a função dos valores no processo motivacional é importante, pois as necessidades construídas a partir de valores mais facilmente tornam-se metas a serem alcançadas.

Com base em uma grande pesquisa desenvolvida em vários países de todos os continentes, Schwartz e Bilsky (1990, *apud* TAMAYO; PASCHOAL, 2003, p.41) consideraram que alguns valores são elementares na construção de metas motivacionais dos indivíduos e, dentre elas, dez estiveram presentes em quase todos os países participantes da pesquisa. Segundo percepções e organização classificatória elaborada por Schwartz e Tamayo

⁵⁷ Essa estratégia de estimular desempenho e motivação por meio de melhorias no ambiente de trabalho e do compromisso com causas sociais vem sendo cada vez mais utilizada. É possível citar como exemplo a cervejaria Ambev que propõe mudanças na cultura da empresa, no modo em como se relaciona com o mercado e a sociedade, criando um ambiente mais colaborativo entre os funcionários e estimulando a participação no programa social VOA. Informações disponíveis em: <<https://epocanegocios.globo.com/Empresa/noticia/2017/08/por-que-ambev-esta-mudando-sua-cultura-em-nome-do-bem-de-seu-negocio.html>>. Acesso em: 11 de out. de 2021 e <<https://www.ambev.com.br/voa/>>. Acesso em: 11 de out. de 2021.

(2003 *apud* TAMAYO; PASCHOAL, 2003, p.41), elaboraram um quadro com as dez motivações e suas metas a partir da perspectiva dos trabalhadores:

MOTIVAÇÃO	METAS MOTIVACIONAIS
Autodeterminação	Ter autonomia, decidir por si mesmo e/ou participar nas decisões, controlar a organização e execução do seu trabalho.
Estimulação	Ter desafios na vida e no trabalho, explorar, inovar, ter emoções fortes na vida e no trabalho, adquirir conhecimentos novos
Hedonismo	Procurar prazer e evitar a dor e o sofrimento, ter satisfação e bem-estar no trabalho.
Realização	Ter sucesso pessoal, mostrar a sua competência, ser influente, se realizar como pessoa e como profissional.
Poder	Ter prestígio, procurar <i>status</i> social, ter controle e domínio sobre pessoas e informações.
Segurança	Integridade pessoal e das pessoas íntimas, segurança no trabalho, harmonia e estabilidade da sociedade e organização em que trabalha.
Conformidade	Controlar impulsos, tendências e comportamentos nocivos para os outros e que transgridem normas e expectativas da sociedade e da organização.
Tradição	Respeitar e aceitar idéias e costumes tradicionais da sociedade e da empresa.
Benevolência	Procurar o bem-estar da família e das pessoas do grupo de referência.
Universalismo	Compreensão, tolerância, procura do bem-estar de todos na sociedade e na organização onde trabalha, proteção da natureza.

Fonte: TAMAYO; PASCHOAL, 2003, p.42.

Para nossa reflexão, focaremos apenas nas quatro primeiras motivações: autodeterminação, estimulação, hedonismo e realização. Levando em conta o que se busca com essas motivações, quais são suas metas, é possível perceber que para sanar essas necessidades em um ambiente de trabalho formal e assalariado tende a ser difícil. Quando o indivíduo não encontra no trabalho meios de satisfazer suas necessidades pessoais se sentirá desmotivado, ele não se sentirá numa relação de troca, mas de exploração. Partindo desse quadro é possível entender porque cada vez mais a lógica empreendedora tem enlaçado os trabalhadores e trabalhadoras. Empreender num negócio próprio é sentir que o tempo e a subjetividade estão sendo respeitados, é dedicar esforços e energia em algo no qual se acredita, mesmo que para isso seja necessário assumir sozinho os riscos de um trabalho precário e sem seguridade.

O sujeito produtivo da sociedade industrial no neoliberalismo torna-se o “sujeito empresarial” ou o “neosujeito”. A disciplina e o adestramento não são mais alcançados por meio da coerção externa ao sujeito. O trabalho da “neogestão” agora é reconhecer que há um ser com desejo e subjetividade desempenhando funções laborais. Esse reconhecimento é estratégico para “governar um ser cuja subjetividade deve estar inteiramente envolvida na

atividade que ele cumpra” (DARDOT; LAVAL, 2016, p.327). E nada melhor que um trabalho que seja um projeto pessoal para que haja essa dedicação completa e eficaz.

Com isso, colabora-se com a criação do *ethos* do “novo trabalhador” (BOLTANSKI, CHIAPELLO, 2009; HARVEY, 2008), no estabelecimento de uma relação em que o indivíduo estabelece uma conexão consigo semelhante àquela que o capital estabelece com ele mesmo. Se a finalidade do capital é promover sempre seu maior acúmulo, do mesmo modo o sujeito individualizado estabelece como necessidade o crescimento indefinido de seu capital humano. Dessa forma, cada indivíduo terá combinações únicas de habilidades, experiências e conhecimentos que serão aplicados por eles mesmos em negócios próprios ou por seus empregadores visando melhores ganhos. (DARDOT; LAVAL, 2016; LÓPES-RUIZ, 2008).

Isso faz com que o indivíduo se mantenha em constante aprendizado, adquirindo distinto saberes, técnicos, emocionais e de oratória para torna-lo mais apto ao que buscam e mesmo aos ditames econômicos. A teoria do capital humano ao migrar para outros domínios da vida ganhou “um forte poder normativo, instituindo processos e políticas de subjetivação que vêm transformando sujeitos de direitos em *indivíduos-microempresas* – empreendedores” (COSTA, 2009, p. 172). Essa cultura do empreendedorismo, como ele nomeia, faz com que o indivíduo invista em si de maneira contínua e persistente visando aumentar seu valor no mercado de trabalho

5.1. Novas referências, medos antigos: entre o prazer do trabalho e sua instabilidade

No modo de produção atual, o conhecimento, não aquele tão somente aplicado na produção de mercadorias e sim o que atribui novos sentidos às mercadorias, vem tornando-se o elemento central na mediação da construção de valor. Os bens simbólicos e o trabalho imaterial e criativo tendem a ganhar centralidade na criação de valor e de acúmulo de capital. Isso porque o perfil, conhecimento, habilidades e experiências dos indivíduos somam-se ao tempo de trabalho na criação de valor (GORZ, 2009). Vemos, então, a passagem de uma lógica de reprodução a uma lógica de inovação, com a transformação daquilo que se exige dos indivíduos. Se antes, no modelo taylorista-fordista os trabalhos eram meramente repetitivos e a produção padronizada e em massa, no atual momento é necessário que os trabalhadores e trabalhadoras exerçam suas capacidades cognitiva e inventiva na produção de bens e serviços diversificados.

Não que os saberes acumulados, a criatividade e a experiência dos sujeitos empregues na produção do valor sejam características do momento presente. Desde os *Grundrisse* (2011) essa ideia vem sendo trabalhada por Marx a partir do conceito de *general intellect*, em que é

apontada a tendência de centralidade da ciência e da tecnologia em relação à geração de valor capital. E, como afirmam Dardot e Laval (2016), sendo o neoliberalismo o equivalente à mercantilização implacável de toda a sociedade, um processo de mercantilização generalizada das relações sociais⁵⁸, nada mais hábil e poderoso que mercantilizar os afetos, sonhos e desejos. Marx (2011) já havia demonstrado a maneira como os indivíduos e as relações sociais foram mercantilizadas no capitalismo, nada escapa de transformar-se em produto com valor de troca.

Ao afirmar que o neoliberalismo promoveu um processo generalizante de mercantilização, não queremos com isso colocá-lo como algo único e inédito, não há concretamente um novo capitalismo e sim uma nova roupagem que envolve os indivíduos, fazendo com que a exploração de seus trabalhos seja realizada, com as atuais mudanças, de maneira ainda mais consentida e melhor enlaçada, muito em decorrência da crise gerada pela reestruturação produtiva. A construção da perspectiva autônoma empreendedora é resultado disso. Com a mercantilização dos sonhos, a promessa de reconexão dos trabalhadores e trabalhadoras com seus trabalhos, concedendo-lhes uma sensação de satisfação e pertencimento. Em contrapartida, a vida pessoal vira apenas uma face do grande projeto que é o trabalho, algo muito presente nas novas gerações.

A maioria das pessoas que compõem a RolêFeira estão na faixa dos 20 aos 40 anos. Isso quer dizer que esses indivíduos cresceram num momento de rearranjo do sistema produtivo e, muitos deles, presenciaram o desemprego de seus pais e mães, que tiveram que “se virar” para continuarem arcando com as despesas do lar.

Não sei se foi minha criação porque meu pai é autônomo, ele é analista de sistema. Ele já teve uma microempresa e hoje ele é MEI. E acho que foi muito isso, eu nunca tive uma referência de pessoas que trabalham com carteira assinada. Meu tio também é autônomo, a única referência é minha madrinha que é diretora na creche da Unesp, mas meus outros parentes, tios, sempre fizeram bico. Meu tio teve assim alguns trabalhos sérios, na CPFL como electricista registrado, mas eu sempre vi minha família indo de um trabalho pra outro, de um trabalho pra outro, meus tios, meus primos. Eu sou a primeira pessoa a fazer graduação. A informalidade faz parte do meu contexto familiar (Maria Eduarda, 2020).

Ao que parece, a racionalidade neoliberal vai se tornando marcadamente presente nas ações dos sujeitos e, ao atingir corpos e mentes, estimula o afastamento de comportamentos mais tradicionais em relação ao trabalho e a normatização da conduta “trabalhador por conta própria”, em que o desejo por seguridade do trabalho assalariado, ainda que saibamos de sua escassez, dá lugar a busca por uma atuação supostamente mais livre e de maior controle dos próprios caminhos. Muito dessa idealização e dessa busca estiveram presentes nos diálogos que

⁵⁸ Nesse trecho os autores fazem referência a obra de Duménil e Lévy, *Capital Resurgent. Roots of the Neoliberal Revolution*. Referência feita na página 23.

tive com meus interlocutores. A falta de consenso com relação ao entendimento que esses trabalhadores têm sobre si e seus trabalhos faz parte dessa busca por autonomia, de liberdade para escolher até o que se é. Maria Eduarda, Graziela e Fabiana se entendem como trabalhadoras criativas, Beatriz, Janine, Bruna e Hermano se entendem como empreendedoras e empreendedor e demonstram gana de crescer com seus negócios. Para Kamila, Camila e Neusa, o trabalho é como uma atividade prazerosa. Vitor diz que se entende como professor que transita entre linguagens e expressões artísticas. Lívia entende o trabalho como um projeto de vida que ela desenvolve como bordadeira e artista plástica. Raissa, Pedro e Cláudia entendem que são trabalhadores autônomos. Para alguns, o termo empreendedorismo é bem aceito, outros apresentam relutância em denominarem-se como empreendedores e seus trabalhos como um empreendimento devido a crença de o termo apresentar uma conotação “negativa”, carregada de ideias como superação, meritocracia e que, por isso, se afastaria da proposta de um modelo diferenciado de produção e venda, algo que esses sujeitos tentam construir.

Num ponto há convergência, não trabalhar com algo que estimule suas criatividade, ou que estivesse ligado a determinados modos de vida, traria um desgaste, em termos de saúde física e mental, que as incertezas dos ganhos pareciam ser menos preocupantes.

Jamais abandonaria tudo isso para ter uma carteira assinada. A não ser que seja em algo que eu consiga conciliar, na área, como consultora, talvez. Mas abandonar, jamais. E isso acho que é recorrente em todos os empreendedores, de após iniciar seus negócios nem cogitarem em abandonar para voltar ao trabalho com carteira assinada. Porque o empreendimento é um negócio, mas mais que isso é um projeto pessoal, vai além do projeto profissional, é um projeto pessoal de vida, é um estilo de vida, é uma liberdade de decisões. Claro, se você decidir errado terá que lidar com as consequências, mas foi você quem decidiu, você não deve satisfações, você pode mudar o curso a qualquer momento, mudar a estratégia. Então, ao empreender a gente acaba tendo mais liberdade de decisões pessoais e profissionais, eu acho. E isso pra mim é muito importante porque eu não conseguiria ter um trabalho em que eu ficasse presa. (Graziela, 2020).

Enquanto Bruna e Hermana falavam sobre o período em que trabalhavam em empresas era nítida a satisfação por não estarem mais desempenhando aquelas funções. Bruna trabalhava num escritório de contabilidade na área de recursos humanos e se sentia desapontada por ter que agir de maneira contrária ao que julgava justo.

Um pouco antes de eu engravidar eu trabalhava em escritório de contabilidade, em recursos humanos, achando que conseguiria por meio de um olhar mais humano no meu trabalho fazer a diferença no mundo, só que ao longo do tempo fui percebendo que não era bem assim, não era uma questão só de boa vontade. E aos poucos a gente vai sendo consumida por essa *matrix* e eu me sentia contribuindo para a perpetuação desse sistema, mesmo sem concordar com tudo aquilo [...] por conta dessas inquietações, ainda trabalhando, eu comecei a fazer alguns cursos de terapia, *reiki*, massagem, mas eu acho que nunca teria coragem de largar tudo se não fosse pela chegada da Gaia. (Bruna, 2020).

Hermano trabalhava numa empresa de análise de água, mas sentia-se também aborrecido por ter que desempenhar tarefas das quais não concordava: “[...] nesse emprego eu sentia a mesma coisa que a Bruna, fazia uma série de coisas que não condiziam com as coisas que acredito, que estudei, tinha que fazer tudo ao contrário disso, não podia contestar porque era funcionário”.

Segundo eles, trabalhar de forma autônoma traz o alívio de não precisar mais agir de forma contrária ao que acreditavam como certo e, principalmente, ser uma oportunidade a mais de falar sobre o estilo de vida no qual acreditam e vivenciam. Ambos já vinham pensando a possibilidade de abrirem um negócio próprio e, com a chegada da filha, a ideia tomou forma.

“A gente mantinha o emprego por que é aquela coisa, né?! Aquela falsa segurança de que se tem mais estabilidade. Mas o nascimento da Gaia veio para dar um basta nisso”, diz Hermano. Nessa fala, não só o desejo de estar mais presente ao longo do crescimento da filha, que hoje está próxima de completar quatro anos, se evidencia, como também a descrença na seguridade proporcionada pelos trabalhos sob regime CLT. Em outras palavras, a precarização do emprego formal provoca o que Rangel (2019) chama de “desencantamento do assalariamento”. Hermano completa: “uma hora a gente tem emprego e noutra já não tem. Além de ter que fazer algo que a gente não gosta, que não se identifica”. (Hermano, 2020). O relato do casal demonstra a satisfação por eliminar de suas vidas os elementos estressores existente no ambiente formal de trabalho. A insatisfação é presente em outras falas.

Graziela, ao contar sobre os trabalhos que exerceu antes de iniciar seu brechó, demonstrou indignação em relação às situações vivenciadas. Em todo o período em que esteve na clínica de estética trabalhou sem registro, por mais que isso tenha sido prometido no momento da contratação, esperou por sua formalização por meses, e acumulou atribuições. Além do trabalho como social mídia, precisava desempenhar as funções de secretária e recepcionista. Falou também sobre a falta de reconhecimento e de oportunidade em crescer na loja de departamento em que trabalhou e no “esquema” dos demais funcionários em bajular a chefia para garantir privilégios ou chances de progredir, coisa que ela não estava sujeita a fazer: “Trabalhei lá por dois anos e nesse período fiz de tudo para conseguir trabalhar na minha área, trabalhar na área de marketing, mas vi que não iria rolar, não tinha paciência pra ficar adulando chefe, então abandonei” (Graziela, 2020).

Por maior que fosse a frustração, abandonar o emprego foi possível por poder contar com a possibilidade de trabalhar com seu pai. Com a questão material de certa maneira resolvida, pode pensar sobre suas ambições profissionais, sobre o que realmente gostaria de

fazer. Foi nesse momento que surgiu o desejo de iniciar um negócio próprio em que pudesse, de alguma maneira, inserir os conhecimentos adquiridos em sua formação acadêmica. Assim surge o brechó Amor Retrô. Ao pesquisar sobre o mercado de brechó, assuntos como consumo consciente, descarte de resíduo sólidos e *slow fashion* chegaram a seu conhecimento. A partir daí, segundo ela, o trabalho tomou outro rumo.

Ainda que a ética do trabalho, no caso atual, não seja mais a da abnegação (WEBER, 2004) e sim a da busca por contentamento, a de estar comprometido com algo do qual se gosta e que faça sentido, não é possível fazer generalizações quanto à convicção de investir num projeto próprio. Os expositores e expositoras da RolêFeira “acionam um funcionamento que se aloca na própria *tensão*⁵⁹ da solução contingente de um duplo desafio: extrair prazer da profissão e assegurar a estabilidade financeira” (ALMEIDA; MENDES 2011).

Lívia ainda vive às voltas com esse dilema. Começou a trabalhar em uma hamburgueria em 2017, mesmo ano em que abandona a graduação em Educação Especial e inicia o curso de Pedagogia. Ela já bordava há cerca de um ano, aceitando encomendas de pessoas próximas: “Eu já tinha contato com as feiras independentes, foi nesse momento que a RolêFeira ganhou visibilidade, e queria muito participar, mas não dava por conta da hamburgueria”. O trabalho de quinta a domingo a impedia de participar das feiras. Havia o desejo de conseguir atuar mais como artesão, mas a preocupação em manter o ganho fixo era maior.

Em 2018 inscreve-se num edital da Fundação Memória, vinculada à prefeitura, para ministrar uma oficina de bordado durante um semestre. Ao ser chamada, Lívia teve que se desdobrar entre a oficina, a graduação e o trabalho na hamburgueria e afirma que “Foi uma experiência muito boa, porque eu descobri que era possível conciliar o que fazia com a educação, reunir a arte com a educação”.

Essa experiência a encorajou a fazer um acordo para sair do seu emprego fixo e poder dedicar-se apenas ao bordado. No entanto, a realidade não saiu como o almejado:

[...] no quarto mês de seguro desemprego comecei a ficar desesperada, não estava fazendo muitas vendas, então, eu participei de uma feira em São Paulo e foi muito ruim, não consegui cobrir nem o valor gasto para estar lá. (Lívia, 2020).

Por se tratar de uma feira maior, Lívia tinha a esperança de conseguir efetuar mais vendas. O percalço se deu por não ter obtido informações precisas, com outros expositores, como por exemplo sobre o tipo de feira que se tratava. Apesar de constar em suas mídias sociais tratar-se de uma feira alternativa, não se realizou como tal:

⁵⁹ Grifo do autor.

[...] era algo bem diferente da Rolefeira [...] não vi muita gente vendendo coisas artesanais, pessoas que tinham fabricado coisas, via muita gente revendendo, eram revendedores, tinham banca de óculo de sol. Puxa! Óculos de sol! Não era aquela pessoa que tinha feito, ela só estava revendendo. Tinha gente berrando para as pessoas comprarem porque parte do dinheiro seria revertido para ajudar “n” famílias. Acho muito estranho utilizar esse tipo de recurso para estimular venda. (Lívia, 2020).

Esse episódio fez esmorecer um pouco os ânimos da Lívia. E apesar de receber uma pensão e ter uma bolsa estudantil, precisou retornar a um emprego fixo, num *coworking*⁶⁰, dessa vez de maneira não registrada. Conciliou esse trabalho com o de artesã até o início de 2020. Após conseguir guardar uma quantia em dinheiro que lhe permitisse viver durante algum tempo, decidiu abandonar o trabalho no *coworking* e dedicar-se apenas ao seu projeto de trabalho autônomo:

[...] sempre fiquei nisso de buscar um emprego formal por medo de não conseguir viver do que eu gostava de fazer e quando eu não estava trabalhando ficava nessa tensão de ter que fazer, de produzir, mesmo sendo algo que gosto, nessa obrigação de ter que vender e vender. Um dilema. (Lívia, 2020).

Ainda que houvesse a incerteza e a angústia geradas pela falta de constância dos ganhos, ao longo de nossa conversa parecia maior o desejo de não estar subordinado a nenhum tipo de chefia e de se dedicar a algo que correspondesse a seus propósitos de vida, de ter o trabalho reconhecido e, por meio dele, influenciar pessoas a adotar novas práticas para seus cotidianos. A busca por protagonismo é algo notório nos discursos de boa parte dos sujeitos da pesquisa. Ainda focando a experiência de Lívia é possível identificar tal argumento.

Em uma ação para promover seu trabalho, propôs em seu perfil do *Instagram* que as pessoas interessadas em receber a cópia de um desenho autoral em aquarela mandassem um e-mail contando como conheceram a Barrarrosa e o que significava para elas. Sobre o resultado disso, Lívia faz o seguinte comentário:

Nossa! Recebi tantos depoimentos bonitos. Percebi que meu trabalho toca as pessoas, mesmo que elas não venham a adquirir, são tocadas por ele, há uma conexão [...] sei que não é algo só para satisfazer o meu ego. Até é um pouco, enquanto artista que sou, mas sei que meu trabalho atinge muitas pessoas. (Lívia, 2020).

Ou seja, tão importante quanto a venda é ter o trabalho reconhecido e admirado. E o arriscar-se aqui nesse caso, como em vários outros percebidos ao longo das entrevistas e conversas informais, não é um voo cego, não se trata de ações sem respaldo. Mesmo temendo não conseguir viver de sua arte, Lívia afirma que a pensão que recebe pelo falecimento do pai

⁶⁰ Espaço físico colaborativo em que diversas empresas e profissionais utilizam para desenvolver seus trabalhos pagando pelo tempo utilizado.

e a bolsa oferecida pela instituição de ensino superior da qual pertence, por estar cursando Pedagogia, dão a ela a possibilidade de continuar insistindo.

5.2. Criando saberes e habilidades

Esses jovens trabalhadores sentem que precisam criar meios de trabalho, seja mantendo-se em qualificação contínua e trocando de trabalho com frequência para demonstrar que são flexíveis e adaptáveis, seja para criar, a partir de seus capitais social e humano, um trabalho próprio. Segundo Lima e Holzmann, a “individualização do trabalhador, sua responsabilização no trabalho, sua formação visando garantir a empregabilidade, buscam criar uma nova moral ou cultura do trabalho, na qual o trabalhador deve assumir o protagonismo” (LIMA; HOLZMANN, 2015, p.63). Para isso vão apreendendo vários saberes, propondo-se a diferentes experiências laborais para torna-los mais aptos ao que buscam e mesmo aos ditames econômicos.

A trajetória de vida de Maria Eduarda é interessante para ilustrar esse desejo constante de mudanças, inovações e deslocamentos. Seu primeiro trabalho, ainda na adolescência, foi como monitora infantil de um colégio particular, mesmo sem saber ao certo quais funções deveria desempenhar e como realiza-las. Foi aprendendo ao longo dos dias trabalhados.

Após estudar artes cênicas num curso técnico, começou a trabalhar numa companhia de teatro: “trabalhei nessa companhia organizando, escrevendo atrações, também atuando, quando necessário, foi o momento em que aprendi a ser palhaça. Também organizava eventos, escrevia para blogs... então viajei para Alto Paraíso”. A cidade que fica em Goiás é a principal parada de quem viaja a Chapada dos Veadeiros, conhecida pela atmosfera mística, pela diversidade cultural e natural e pelo grande número de espaços de práticas meditativas, atrai principalmente pessoas com estilos de vida alternativos, não padrão. Durante o período em que estive em Alto Paraíso de Goiás, Maria Eduarda teve experiências que, segundo ela, ampliaram seu modo de pensar:

[...] tive contato com a arte de rua, por ser um lugar turístico, mas de um turismo diferenciado, tinha muita arte, muitas expressões de arte, o que fez sentido pra mim por ser algo mais libertário, um jeito de viver mais livre, num outro tempo, um tempo diferente. Ali tive várias experiências, aprendi malabares por exemplo. (Maria Eduarda, 2020).

Por ser também um local em que as práticas sustentáveis são bastante difundidas, sua estadia na cidade goiana, além de ampliar suas habilidades artísticas, a colocou em contato com um modo de vida com impacto ambiental mais reduzido. Relatou que em alguns espaços era

exigido que as pessoas fizessem uso de produtos cosméticos e produtos de higiene pessoal não industrializados ou que tivessem o mínimo de componentes possíveis.

Quando eu fui para essa viagem, fui totalmente despreparada, nem sabia o que era cosmético natural, acho que foi 2012, e lá não podia usar cosmético industrializado porque a gente tomava banho no rio. Então eu pesquisei o que poderia usar e o que achei foi sabão de coco e só. Lá eu achei pessoas que vendiam pó dental e umas moças que faziam absorvente de pano. (Maria Eduarda, 2020).

Ao retornar a Araraquara, os malabares feitos nos cruzamentos da cidade deram a ela algum dinheiro. No início a contribuição dada pelos motoristas e transeuntes era o suficiente para manter-se, já que retornara a casa do pai. Pouco tempo depois, porém, percebeu que precisaria aumentar seu rendimento e iniciou um curso livre de florais e de *reiki*.

Encerrado os cursos iniciou com os atendimentos, o que permitiu aumentar seu rendimento e, com isso, investir no desenvolvimento de outras áreas de interesse, como o artesanato e a produção de cosméticos e produtos de higiene pessoal, influência de sua vivência em Alto Paraíso, especialmente porque os produtos por ela utilizados não eram encontrados em Araraquara.

Quando eu retornei e tive que voltar a usar os produtos convencionais foi um choque, uma repulsa. E como não tinha no mercado, não tinha em nenhum lugar, já que estamos no interior... lá em Alto Paraíso, mesmo sendo interior, por ser um ponto bem turístico e místico, era fácil encontrar esses produtos ecológicos, naturais, *good vibes*. Aqui em Araraquara não tinha nada, então eu comecei a fazer pra mim. (Maria Eduarda, 2020).

Arriscar-se na produção de sabonetes, pó dental e demais produtos naturais e o atendimento das terapias integrativas foram fatores que a levaram a prestar o vestibular para o curso de Farmácia e Bioquímica em 2014.

[...] sai dessa área artística e fui indo para a área da saúde. [...] Entrei no curso de Farmácia em 2015 e a Flores.Seremos⁶¹ foi mudando de artesanato para cosmético. Conforme fui ganhando algum dinheiro fui comprando materiais para fazer os cosméticos, porque esses materiais são caros, para fazer coisas tipo pó dental. Daí vendia o pó dental e juntava mais dinheiro para comprar outras coisas. E testa, o teste não dá certo, daí tem que juntar dinheiro para comprar outros materiais de novo. (Maria Eduarda, 2020).

Com base nessa experiência, além das questões já colocadas sobre mudanças, inovações e deslocamentos, é possível estabelecer um paralelo com algo apontado por Almeida e Eugênio (2011) em relação ao uso do termo “*slash*”. Computacionalmente, *slash* é a barra diagonal utilizada em endereços de web e para indicar “múltiplas habilidades ou funções acumuladas por

⁶¹ Ao iniciar os atendimentos e seu trabalho artesanal, criação de relicários e escapulários, sentiu que precisava criar um nome para seu negócio.

uma pessoa” (p.12). Transpondo para o mundo do trabalho, essas variadas funções desempenhadas, são aprendidas parcialmente por meio de uma formação disciplinar, comumente em cursos de curta duração, mas de fato apreendidas e assimiladas durante o exercício do trabalho, no experienciar da atividade.

Esse novo arranjo formativo cada vez mais assume o lugar da perspectiva de formação de especialistas que construam carreiras sólidas e duradouras, de dedicação a um ramo e local específico de trabalho. Esse padrão deixa de fazer parte do horizonte dos trabalhadores mais jovens. Na vida adulta, os trabalhos já seguem uma lógica muito diferente daquela vivenciada por seus pais. Permanecer muito tempo no mesmo trabalho é sinal de acomodação e pouca inventividade, sinal de que o sujeito não absorveu bem os mandamentos neoliberais de competição generalizada, maleabilidade e constante reinvenção de si e, principalmente, de flexibilidade.

Além disso, é imposta aos trabalhadores e trabalhadoras uma mudança em suas formas de trabalhar, exigindo que assumam um perfil polivalente, desempenhando várias funções dentro do processo produtivo, além de terem incumbência de zelar pela qualidade daquilo que é produzido. Até porque agora os indivíduos são estimulados a desprender o menor tempo possível para obter a formação da atividade que buscam exercer, já que acabam se tornando os profissionais que almejam ser tendo por base o próprio processo de fazer. Em outras palavras, “aprendem fazendo”.

O eco, o natural estão com muita força, mas em 2015 não estava tão forte assim, então, eu não tinha muito como sacar essa informação. Era esse lance de pegar um absorvente, fazer uns moldes, costurar sozinha e fazer uns testes. Todo o meu processo foi autodidata. (Maria Eduarda, 2020).

Exceto por Janine que é graduada em *Design*, todos os demais entrevistados apresentam uma característica em comum, a de chegar ao resultado de um produto a partir de tentativas, sem que houvesse um profundo estudo embasando o processo. Almeida e Eugênio (2011) mencionam uma vertiginosa “obsolescência de saberes”, na qual a aquisição, ou mesmo o despertar de novas habilidades “deixa em grande medida de ser afiançada pelo diploma para tornar-se diversamente acessível e valorizada” (p. 13).

Em lugar de planos a longo prazo, de uma trajetória profissional bem desenhada, apresenta-se a ideia da produção constante de esboços, maleáveis e adaptáveis segundo à necessidade ou ao interesse do momento. Ou melhor, ainda que haja um plano, isso não impede que outros novos planos sejam somados ao primeiro. É o que ocorre com Vitor. Além de músico, ainda acumula os ofícios de professor, artista plástico e gravurista. O processo para torna-se músico foi mais longo, no entanto o mesmo não ocorreu em relação às ilustrações e

gravuras. Embora já tocasse desde a infância, só fez da música trabalho depois de formado pelo conservatório de Tatuí. Como professor de música, o procedimento foi do mesmo modo gradual.

Quase sete anos depois, já estabilizado como professor de música registrado pelo Projeto Guri⁶², Vitor participou de um curso de xilogravura promovido pela Casa da Cultura e seis meses depois já estava ilustrando um livro, criando ilustrações para rótulos de cervejas artesanais e desenvolvendo seu trabalho como gravurista. Desempenhar essas várias funções para ele significava aumentar sua renda, mas especialmente estar envolvido com novas expressões artísticas e não precisar trabalhar com algo que seja tedioso ou sacrificante, como fora sua experiência no trabalho fabril.

Com as gravuras eu tenho uma satisfação muito grande, das coisas que faço é com que eu sinto maior satisfação pessoal. Eu faço encomendas também, mas é raro e isso eu não divulgo. Geralmente eu faço o que quero e quem gosta, compra. Tem muito menos esse lance de atender demanda, como com as ilustrações... e é bem diferente do que faço com a música também, em que eu sou só um replicador. Com as gravuras é um outro tipo de realização, porque são coisas que eu realmente penso em fazer e eu faço sem alguém pedir, tirado as encomendas, mas que é coisa rara. (Vitor, 2020)

Vitor pontuou um sentimento comum e compartilhado entre os demais. A negação de que seus trabalhos sejam mera repetição de procedimentos, sem que haja a impressão de suas subjetividades e leituras de mundo. Fundada em Norbert Elias e Howard Becker, Dabul (2014) argumenta sobre a correlação e a distinção entre o trabalho do artesão e do artista, entre aqueles que reproduz padrões estéticos e os que produzem:

[...] como aponta Norbert Elias (1995), entre, de um lado, a “arte de artesão” e a “arte de artista”, livre e insubordinada, e, de outro, os respectivos lugares na estrutura social que artesãos e artistas ocuparam ao longo do tempo. Parte razoável da literatura sociológica acerca da arte também utiliza classificações apoiadas em distinções dessa ordem, ainda quando, como faz Howard Becker (1982), são assinalados trânsitos e continuidades de fato entre arte e artesanato. O atributo da criatividade é sempre remetido ao artista, ao artesão sendo referidas principalmente as funções utilitárias de sua produção e o virtuosismo de sua prática. (DABUL, 2014, p.167).

Além do desejo de desenvolver e trabalhar com “arte de artista”, outro ponto percebido entre os jovens trabalhadores é a prática de configurar como trabalho, como fonte de renda, algum novo saber ou habilidade desenvolvida, seja por meio de cursos rápidos, seja aprendendo com amigos ou por meio de canais do *Youtube*, seja experimentando. Coisas que antigamente ficavam circunscritas ao momento de lazer, tidas como *hobby*, ganham valor mercadológico. Muito de meus interlocutores começaram a comercializar seus produtos ou serviços pouco tempo depois de aprender como se realizava tal função. Além de Vitor, Maria Eduarda e Bruna,

⁶² Programa sociocultural brasileiro mantido pela Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo que oferece cursos ligados à música para crianças e adolescentes.

já citados ao longo do texto, é possível estabelecer essa aproximação também com Raissa, da Hamburgano, Neusa, da Bilicabiê, Camila e Kamila, da Cata-vento, e mesmo Pedro e Cláudia.

No caso desses dois últimos foi a necessidade, e não a percepção de portarem uma habilidade que poderia ser explorada mercadologicamente, o motivo precedente para iniciarem o trabalho autônomo. Necessidade financeira e também por falta de opções de produtos veganos a preços acessíveis:

Nosso começo está relacionado a permanência estudantil, após o fechamento do R.U.⁶³. Como tínhamos nos tornado veganos ficamos pensando em como o estudante pobre, vegano, faria para se alimentar na universidade. Por conta disso começamos a fazer os salgados e levar ao campus pra ter uma opção pra essas pessoas. (Pedro, 2020).

É, no começo eram só os salgados que a gente vendia no campus, nas festas, só depois partimos pra produção de pães, de comida. Isso depois que saímos da moradia e fomos para uma república que tinha mais estrutura, uma cozinha maior, uma estrutura melhor, que nos permitiu pensar e criar outras coisas. Mas o começo foi mesmo por conta do fechamento do R.U. porque não teríamos nem o arroz e feijão como possibilidade de alimentação. (Cláudia, 2020).

Outros reforçadores foram surgindo ao longo da jornada de Pedro e Cláudia. Além do desejo de proporcionar o consumo de alimentos veganos mais práticos e baratos, de suscitar a discussão sobre especismo e impacto ambiental negativo em decorrência do consumo de alimentos de origem animal, queriam também que esse alimento por eles produzido fosse o mais natural possível. Para garantir isso, compravam as matérias-primas dos assentamentos do município. Conjuntamente, estimulam o consumo de alimentos dos pequenos produtores rurais, pois, fazem questão de salientar que os ingredientes utilizados provêm da agricultura familiar. Para eles isso é uma maneira de fortalecer o movimento de luta por Reforma Agrária e dos assentados⁶⁴ e se posicionar contrariamente à agricultura intensiva.

Raissa também teve, e tem, o veganismo como razão motivadora. Ao sair da casa dos pais e iniciar sua graduação, entrou em contato com mais discussões sobre o assunto, inspirando-a a iniciar alguns experimentos culinários. Quem se aventura na cozinha, criando receitas voltadas para uma alimentação mais saudável, sabe tratar-se de algo prazeroso e estimulante. Mas logo, algo feito apenas para sanar uma necessidade particular de obter uma alimentação vegana mais variada, passou a ser visto como uma oportunidade de ganho.

Como as pessoas que a cercavam elogiavam suas receitas e ela precisava encontrar um trabalho que fosse mais flexível em termos de horários para conseguir, assim, conciliar com as

⁶³ Restaurante Universitário.

⁶⁴ Há três assentamentos rurais na cidade de Araraquara, o de Monte Alegre e o do Horto, no distrito de Bueno de Andrade e o do Bela Vista. Informações contidas em: <<http://www.araraquara.sp.gov.br/importacao/noticias/2018/04/03/coordenadora-ressalta-forca-dos-assentamentos-rurais>>. Acesso em 13 de nov. de 2020.

demandas da graduação, sentiu que os lanches veganos poderiam lhe trazer vantagens. Usando a criatividade, transformou os lanches em produtos, lançando mão de estratégias de apresentação para torna-los mais atraentes ao público e iniciou sua divulgação por meio das redes sociais.

Com as duas artesãs da Cata-vento, transformar o *hobby* em trabalho não se deu por necessidade de fato, mas por identificarem potencial de ganho no artesanato que realizavam. As duas aprenderam a bordar assistindo a canais de bordadeiras no *Youtube*. Por meio de um desses canais, um de maior alcance, uma delas começou a buscar pessoas que fossem da mesma cidade que ela, no caso, Araraquara, para formarem um grupo de bordadeiras, sem nenhum intuito que não fosse o de estreitar laços com outras mulheres com interesses comuns.

Assim, o grupo se formou com quatro mulheres que passaram a se encontrar com frequência para trocar conhecimentos sobre bordado. Pouco tempo depois uniram os trabalhos que tinham realizado e decidiram expor nas feiras da região. Aquilo que era mero hobby tornou-se uma renda extra (ALMEIDA; EUGENIO, 2011). Mediante formas distintas de alcançar os saberes, seja de modo intencional e direcionado, ou apenas por gosto, buscando algo interessante para ser feito nas horas livres, o fato em destaque é que essas trabalhadoras tornaram um saber recentemente apreendido em trabalho. Essa é uma postura frequente entre os trabalhadores criativos.

5.3 O tempo e sua gestão

Elemento tão cobiçado e tido como fundamental para ousar iniciar um trabalho autônomo, o tempo, ou melhor, dispor de tempo, é por vezes não vivenciado como o imaginado. Dentre os entrevistados, especialmente aqueles que têm como principal fonte de renda os ganhos com seus negócios, as horas dedicadas e o envolvimento com o trabalho são elevados. Ao questionar uma das entrevistadas sobre o tempo dedicado ao trabalho, a mesma não soube precisar. Aos risos respondeu:

Todas as horas! Sério, nesse momento eu tenho me dedicado muito. Desde a hora em que acordo até a hora em que vou dormir fico envolvida. De manhã respondo as mensagens das pessoas, passo orçamento, tiro foto, posto foto, preparo material de divulgação, de tarde vou trabalhar nas encomendas, fazer compra de material, de noite faço esboços de desenho. É o dia inteiro nisso. (Lívia, 2020).

Mesmo percebendo que ter todo o tempo do dia voltado apenas ao trabalho seja algo prejudicial em longo prazo, coloca como contraponto positivo a maior liberdade e autonomia:

O bom de trabalhar com o que se gosta, trabalhar por conta é que apesar de ser muito trabalhoso em muitos momentos, em alguns dias, em outros dias você pode escolher

não fazer nada E só me incomoda o tempo em que fico nessa parte de responder as pessoas, em comprar materiais, essas partes mais organizativas, mas bordar e pintar eu fico o dia inteiro e nem sinto. Sei que é prejudicial tanto tempo dedicado ao trabalho, já levei isso à terapia, às vezes o corpo não aguenta esse ritmo e eu preciso ficar atenta aos sinais do corpo para não ficar doente, para não ficar bitolada só no trabalho. (Lívia, 2020).

O envolvimento com o trabalho é tão intenso que, mesmo com cansaço extremo, mantém-se no lema: “seguir fazendo”.

[...] eu tento impor um momento de descanso, mas na real que as coisas não param, elas vão se sobrepondo, se acumulando e eu vou fazendo, mas eu gosto. Porque não dá pra simplesmente falar: “por hoje chega” porque as coisas estão ali para serem feitas. E também não tem férias, isso é uma coisa complicada [...]. Eu tentei me dar férias nesse final de ano que passou. [...] tirei duas semanas e meia para descansar porque estava vindo num fluxo muito intenso de trabalho [...]. Hoje eu já não tenho de fato tanto tempo de lazer, não dá mais pra “maratonar” uma série, por exemplo, ficar de boabeira. Eu acabo fazendo isso de ficar um dia inteiro sem fazer nada quando estou exausta. Enquanto que num empregado CLT acaba o expediente a gente pode descansar, fazer outras coisas, não fazer nada. Às vezes brinco com Duda⁶⁵ falando que dá vontade de fingir que somos CLT por um dia pra ficar de boa. Mas por mais cansativo que seja, diante do que a gente vem construindo, sinto que faz sentido porque tem um propósito. (Lívia, 2020).

O trabalho no qual se emprega todas as faculdades físicas, subjetivas e intelectuais, no qual o envolvimento chega a tal ponto que o trabalho possa ser confundido com o viver, não é similar, no entanto, àquele do período de ascetismo cristão trabalhado por Weber (2004). Na discussão apresentada em *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* é demonstrado que alguns valores da sociedade, no caso os valores religiosos protestantes, teriam colaborado para impulsionar o capitalismo em sua fase inicial. Ainda que não de uma forma diretamente causal, os valores e uma determinada moral estimulados pelas doutrinas protestantes do século XVI ao se difundirem, modificaram os sentimentos das pessoas que passaram a ter ações e comportamentos orientados para o trabalho incessante e o acúmulo.

Ainda que o autocontrole e a dedicação apareçam nos dois momentos de modo intenso, as conjecturas e anseios são bem distintos. Se no segundo caso o comprometimento com o trabalho tinha o intuito de salvação divina, a busca por uma alegria e um contentamento pós-morte, o atual compromisso relaciona-se com uma satisfação presente. A dedicação se dá, nesse caso, pelo envolvimento afetivo com o trabalho, pelo reconhecimento de si e de seus valores na atividade que o trabalhador e a trabalhadora desenvolvem, pela confiança que depositam no sucesso de seus empreendimentos, de que seu esforço será recompensado. Em outras palavras, as razões que levam os indivíduos a se relacionarem com o trabalho são distintas, ainda que o envolvimento seja do mesmo modo intenso.

⁶⁵ Duda é Maria Eduarda da Flores. Seremos, também idealizadora e organizadora da RolêFeira.

Bruna, que além de aromaterapeuta e artesã é também doula, conta um episódio em que foi chamada para realizar doulagem em outro município, o que a obrigaria a um deslocamento e ausência no negócio por alguns dias. Diz que se estivesse “trabalhando para os outros”, como ocorria antes da Raízes de Gaia, quando era responsável pelo RH de um escritório, não poderia aceitar o trabalho.

Mesmo afirmando sobre o domínio do próprio tempo, não aceitou o trabalho de doulagem⁶⁶, pois, segundo ela, seria difícil deixar o negócio e os atendimentos suspensos por alguns dias. Apontei que a liberdade e o controle sobre o próprio, afirmados na fala anterior não se sustentava, pois, não pôde aceitar o trabalho fora da cidade, ao que ela me responde: “tive a possibilidade de escolher e isso já é bastante coisa”. Aqui é possível pensarmos como a categoria autonomia é apreendida pelos sujeitos de maneira muito particular. A possibilidade da negativa já trouxe a Bruna a sensação de liberdade e autonomia pretendidas. O controle do tempo e do espaço é um mecanismo fundamental de poder e de dominação. Assim, ter ainda que um relativo controle do seu próprio tempo e espaço dá aos trabalhadores e trabalhadoras que empreendem uma sensação de poder de atuação no mercado e mesmo de resistência frente à lógica operante. Ainda que o custo seja alto.

Bruna e Hermano lamentam a quantidade de horas que ficam envolvidos com o trabalho, apesar de terem assim desejado:

[...] a questão é que fazemos muita coisa, então, eu posso falar que tem períodos que trabalhamos de 12h a 15h por dia. É horrível isso, mas é verdade. O principal desafio para mim é a questão da Gaia (filha), precisamos fazer, precisamos vender porque se não as contas não são pagas, não conseguimos proporcionar nada de bom a ela, mas ao mesmo tempo isso me exige muitas horas dedicadas ao trabalho e sem dar atenção de qualidade a ela. Desde a hora em que acordamos até a hora de dormir acabamos envolvidos com nosso trabalho. (Bruna, 2020).

[...] ainda mais agora na pandemia. Porque é difícil focar exclusivamente no trabalho com ela aqui o tempo todo, então, acabamos nos distraindo e precisamos fazer depois aquilo que não foi feito no tempo estipulado. Antes da pandemia era mais fácil delimitar o tempo do trabalho e o tempo das coisas pra casa. Por isso que fico sempre batendo nessa tecla de colocar limites, não responder cliente depois de um certo horário, por exemplo. Porque se não, ficaremos como estávamos antes, com o trabalho de antes, ou pior. Porque lá, nos nossos trabalhos anteriores dava 18h batíamos o cartão e pronto, agora não, se não tomarmos cuidado não teremos mais vida. É difícil conseguir gerir esse tempo de maneira saudável e equilibrada. (Hermano, 2020).

A angústia por muitas vezes não conseguirem dedicar presença de qualidade a filha apareceu na fala e na entonação de ambos, no “jogo de cintura” para conversar comigo e atender aos pedidos de Gaia. Ainda assim, reiteram que um dos saldos mais positivos em relação ao

⁶⁶ Doulagem é o ato de apoiar emocionalmente a gestante em trabalho de parto. O papel da doula é sugerir técnicas para aliviar a dor das contrações e a ansiedade da gestante e ainda que não tenha a função de intervir durante o parto, faz a ponte entre as necessidades da gestante e as determinações médicas.

trabalho que desenvolvem é poder estar mais próximos de Gaia ao longo de seu crescimento. Esse sentimento é também o de Janine, mãe de um menino de três anos.

Janine começou como artesã logo após formar-se como designer em uma universidade pública no interior paulista. Ao retornar a casa de seus pais vê o artesanato como um meio de conseguir algum dinheiro. Tempos depois consegue um emprego formal com registro, mas o mesmo não durou mais que oito meses. Quando a empresa faliu passa a se dedicar com mais vigor à sua atividade como artesã, o que se intensifica ainda mais com o nascimento de seu filho, trazendo a certeza de seguir por esse caminho.

Meus pais, meu esposo sempre me incentivaram a trabalhar com isso, nunca disseram que eu deveria encontrar um emprego formal, ao contrário, sempre “abraçaram” toda ideia mirabolante minha. O que é ótimo porque tem muita gente que desdenha do trabalho artesanal. E quando meu filho nasceu, senti uma motivação maior por poder ver o desenvolvimento do meu filho, estar por perto. É um privilégio! Tantas pessoas que não tem essa opção de poder estar com o filho, vê-lo crescer, de poder ensinar as coisas. (Janine, 2020).

Esse não foi o único relato sobre o quanto estar presente na criação dos filhos e não precisar terceirizar essa tarefa é importante e visto como outro motivo primordial para querer manter um trabalho autônomo. Em conversas informais durante as idas ao campo, notei que para algumas mães empreender como meio de conseguir acompanhar o desenvolvimento das crianças, principalmente na primeira infância, é possível por existir uma rede de apoio, inclusive financeiro, que permite algumas horas de dedicação focada no trabalho. Para outras, no entanto, trabalhar por conta foi a maneira encontrada para conseguir “dar conta das contas”, estar com os filhos é a consequência disso, não a motivação. Tanto um caso como no outro, a tendência é que a qualidade do tempo dedicado seja paulatinamente prejudicada com o crescimento do negócio.

No início de 2020, ao participar de um concurso promovido por uma grande empresa de colas para artesanato, Janine foi selecionada para estabelecer uma parceria com a marca. A parceria consiste em divulgação mútua. O negócio de Janine seria divulgado nas redes sociais da empresa e em contrapartida ela também apresentaria os produtos do fabricante como parte da matéria-prima utilizada em seu trabalho. Ela espera aumentar suas vendas a partir disso. Questionada sobre como fará em relação à diminuição do tempo disponível para seu filho, caso ocorra o que se espera em termos de aumento de demanda, Janine não soube me responder como faria.

Essa autonomia e domínio sobre o próprio tempo, demonstrado como um ganho, do ponto de vista dos indivíduos que trabalham de forma autônoma, é questionável, pois, faz parte daquilo que estrutura a racionalização neoliberal. Mesmo apresentando-se contraditório em

relação à disposição e à autonomia sobre o tempo, um elevado número de indivíduos segue almejando e optando por esse estilo de trabalho. Aqui estamos falando especificamente dos trabalhos autônomos, mas essa sensação de liberdade em relação ao tempo destinado ao trabalho é vivenciada também nos trabalhos desenvolvidos em grandes empresas. A tendência das grandes corporações é de horários flexíveis de trabalho, especialmente para trabalhadores e trabalhadoras mais qualificados/as, porém, acabam à mercê dos chamados das empresas.

Outra prática comum é atribuir projeto a ser desenvolvido até uma determinada data, em que os momentos destinados para sua realização são definidos pelo empregado, ou melhor, colaborador, para usar a atual terminologia empresarial, desde que não ultrapasse o limite imposto pelo empregador. Nos dois casos há uma ideia de liberdade, de que o sujeito poderia escolher qual a melhor maneira de dispor seu tempo ao trabalho e, com o arranjo próprio de seu tempo, também dedicar-se a projetos pessoais, como o cuidado dos filhos, a maior e melhor atuação acadêmica, aprender novos saberes, sem necessariamente estar ligado à profissão, o cuidado pessoal, como é o ato de cozinhar, por exemplo.

A valorização da subjetividade, das habilidades e competências, o incentivo a buscar trabalhar com o que se gosta, em dar sentido ao trabalho, o domínio sobre o próprio tempo e caminhos são ideias que estimulam os indivíduos a construir outra moral de trabalho, incutir novos valores, anseios que ficam claramente expressos na prática de trabalhos autogeridos.

6. CONSTRUINDO A VISÃO EMPREENDEDORA

O retrato do empresário construído por Schumpeter (1997) desenha-se não como o empresário que entendemos hoje, tampouco é sinônimo de empreendedor. O autor coloca-o como sujeito que, atento às transformações econômicas, tem uma predisposição às mudanças e a inovação. Não necessariamente o empresário é o empreendedor. Quando isso acontece, e as novas ideias são implementadas como negócio, o caráter empreendedor pode desaparecer. Visto como exceção, por deter qualidades e intencionalidade destoantes do restante da sociedade, o “empresário inovador” se comporta como agente econômico revolucionário, “portador do mecanismo de mudança”, promovendo o rompimento do equilíbrio de mercado ao criar novos produtos e/ou novas combinações de produção e distribuição.

Com suas ideias colaboraria diretamente com desenvolvimento econômico ao dialogar com elementos supra econômicos, como o desejo de realizar algo novo e de liderar um novo modo ou modelo de produzir, ainda que isso fuja do fluxo circular habitual da racionalidade utilitária. O empresário-empendedor, entendido como unidade básica de análise, contribui com a demonstração da fragilidade da teoria do equilíbrio geral e da análise estática da economia elaborada pelos economistas neoclássicos, uma vez que esse ator econômico apresenta interesses, vontades e intencionalidades subjetivas, não se enquadrando perfeitamente, então, nos quesitos meramente econômicos.

Se em Schumpeter (1997) era o empresário criativo que fazia a ocasião, no momento presente é a ocasião que faz o empreendedor, isto é, a necessidade do mercado desperta o espírito empreendedor. Tal disposição torna-se, desse modo, uma manifestação econômica exemplar da atual fase do capitalismo, visto como importante base para o crescimento da economia flexível, uma força propulsora para a geração de novos empregos e renda.

De acordo com Lima (2010) as transformações na cultura do trabalho, sob a égide do empreendedorismo, apresentam “mudanças na percepção do trabalho, dos valores a ele vinculados, do seu caráter coletivo e de suas possibilidades enquanto formadores de identidade e projetos sociais” (p. 159). A retomada da valorização do conhecimento do trabalhador de forma individualizada apresenta a autonomia participativa e, em relação ao tempo, a desverticalização das hierarquias, e até mesmo uma redução da submissão a padrões como vantagens do novo modelo produtivo. Essas máximas reforçariam nos trabalhadores a necessidade de traçar estratégias individuais de sobrevivência por meio do empreendedorismo.

Ainda que o Brasil não tenha vivenciado uma situação de pleno emprego ou, como exposto por Castel (2008), de uma sociedade salarial, é possível perceber o acentuado declínio no número de postos de trabalho sob o regime celetista nas décadas de 1980 e 1990 (CURI;

MENEZES-FILHO, 2006; ALVES, 2012) e o aumento dos trabalhos informais sob a aparência empreendedora⁶⁷. O que antes apresentava ares de excepcionalidade, nas últimas décadas tem se naturalizado, deixando de ser uma forma atípica de trabalho, o que acabou banalizando a noção. A informalidade, segundo Machado da Silva (2002), tem sido empregada com seu sentido esvaziado, indicando situações mais genéricas, e mesmo sendo substituída por outras noções como a de empregabilidade e empreendedorismo. Argumento reiterado por Peres (2015):

[...] a informalidade pode ser pensada como uma resposta popular, espontânea e criativa, em sociedades em que o assalariamento é pouco generalizado. Por outro lado, também pode ser entendida como o resultado da relação entre a oferta e demanda de força de trabalho de um determinado mercado de trabalho, ou mesmo ser tratada como sinônimo de precariedade e vulnerabilidade. (PERES, 2015, p.270)

Inicialmente, nas sociedades de economia subdesenvolvida, a informalidade era interpretada como uma espécie de adaptação dos estratos mais pobres às condições de desemprego. No entanto, no atual cenário, essa situação é a realidade de diversos estratos sociais e está presente em países centrais do capitalismo. Ao pedir a Pedro e Cláudia para falarem sobre suas trajetórias antes de iniciar o trabalho autônomo que desenvolvem, Pedro contou que trabalhou numa escola de inglês na cidade onde vivia, Mogi Mirim – SP, durante dois anos. Nessa escola não teve qualquer registro, nem mesmo um contrato de prestação de serviço, ganhava apenas pelas horas trabalhadas, sem direito a férias, 13º salário ou folga remunerada, ao que ele completa:

E a crueldade tá nisso, em estar num sistema em que a consequência é a gente ter que criar uma forma de ganhar dinheiro com dignidade porque não há emprego pra todos e o emprego que há é insustentável, é indigno, vai sugar sua vida, mesmo se você for trabalhar na sua área. Então, isso que a gente faz é consequência do cenário de desemprego estrutural. A criação de ocupações e de nichos diferentes de mercado... (Pedro, 2020).

Essa busca, no entanto, pode ofuscar aspectos importantes que perpassam esse tipo de trabalho. Dedicar-se ao desenvolvimento de uma ideia e torna-la rentável, nas palavras de Pedro e Cláudia significa:

[...] uma forma de criar sentido, de trabalhar com algo que faz sentido. Tem apelo afetivo e político. Porque o trabalho no capitalismo é desumanizante, em qualquer área. E é aí onde está o jogo do capital, na mentira do empreendedorismo, no cultivar e encorajar a pessoa em ir atrás de fazer aquilo que ela sempre quis, ser seu próprio patrão. Mas não existe isso. Nosso patrão é nosso cliente. Não existe isso de ser o próprio patrão. (Pedro, 2020).

⁶⁷ Importante pontuar que na primeira década dos anos 2000 houve um aumento no número de postos de trabalhos formais, contudo, grande parte dele em regimes flexíveis e precários.

Canzian (2021), a partir de dados da FGV Social⁶⁸, demonstra que o aumento nos anos de estudo não implicam necessariamente na certeza de emprego melhor remunerado. “Nos últimos anos, milhões de brasileiros que estudaram mais visando aumentar a renda acabaram na informalidade, subutilizados ou desempregados” o que vai ao encontro da realidade do relato acima. A informalidade expõe os trabalhadores à instabilidade do mercado, com altos e baixos na renda, “entre períodos de atividade e desocupação – numa espécie de ‘ioiô’ [pois] inexistem rede de proteção aos que trabalham e perdem renda abruptamente” (CANZIAN, 2021, online).

Ainda que nem todo trabalho informal seja sinônimo de trabalho precarizado, é problemático apoiar o discurso de liberdade do sujeito social como se o caminho tomado não estivesse diretamente relacionado com o novo paradigma do capital, ou seja, sua flexibilização, que coloca os trabalhadores e trabalhadoras como empreendedores em potencial. O atual modo operante da economia leva os sujeitos a responsabilizarem-se por sua maior ou menor empregabilidade, que depende de que invistam em si próprios em termos de formação e de inovação no trabalho.

A disposição do trabalhador em assumir a responsabilidade dos fatos segundo Sennett (2009) mostraria uma qualidade de caráter: “a flexibilidade forçou-o a afirmar a pura força de vontade como a essência de seu próprio caráter ético” (p. 31). Há um esforço em atenuar o aspecto deletério do atual modo de desenvolvimento, responsável pela situação de desemprego estrutural, sendo que “essa nova mentalidade resulta em sofrimento para os sujeitos, carregados de expectativas, descolados de suas condições objetivas e totalmente responsabilizados por seus fracassos” (SAFATLE; JUNIOR; DUNKER, 2020, p. 71). Sobrevém a construção de um discurso que responsabiliza individualmente o trabalhador pela superação, ou não, de sua condição de desemprego (ALVEZ, 1999). Para Tommasi (2016), o encorajamento dado às pessoas, em especial aos mais pobres, a empreender estaria ligado a nova forma de gerenciamento da pobreza. Desse modo, os empreendedores:

[...] seriam movidos por uma mistura entre senso de oportunidade e necessidade de sobrevivência. O peso distinto de cada um desses fatores depende, provavelmente, de onde os indivíduos estão colocados na escala social.[...] Os indivíduos contemporâneos são incitados a viver como se fossem projetos [...]. (TOMMASI, 2016, p.59-60).

De acordo com essa lógica, o indivíduo estará fora do mercado de trabalho caso não se adapte ao que for necessário para tornar-se “empregável”, se não souber ser “empresário de si

⁶⁸ Reportagem em que os dados são apresentados disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/10/emprego-informal-dobra-e-ioio-na-renda-empobrece-brasileiro.shtml>>. Acesso em: 29.

mesmo”. A assimilação e a introjeção dessa perspectiva ocorrem anteriormente ao momento em que o indivíduo adentra o mundo e trabalho; já na escola essa lógica é incutida e disseminada (SILVIA; CÁRIA, 2015). Não é surpresa o grande número de escolas que contam, dentre as disciplinas e cursos livres ofertados, o tema empreendedorismo⁶⁹.

Não para que crianças e jovens aprendam como iniciar e gerir um negócio, o que é possível, mas não o principal foco, e sim para que construam em si estruturas de pensamento e de ação empreendedoras, quer dizer, para que sejam desenvolvidas ou reforçadas nesses estudantes em formação, habilidades como autoconfiança, planejamento, liderança, trabalho em equipe, propositura de ação individual, criatividade e inventividade⁷⁰. Tudo para deixá-los mais aptos às constantes transformações do mundo moderno⁷¹. Isso demonstra o quanto o ensino está cada vez mais subordinado aos interesses econômicos, e o ambiente de educação formal, especialmente, torna-se local de reprodução e naturalização do discurso meritocrático e competitivo, situação essa explicitada na reforma do ensino médio de 2016, após o golpe jurídico parlamentar.

Trata-se de uma reforma na grade curricular que alterou as diretrizes e bases da educação nacional, adotando uma base nacional curricular comum, não se atentando às especificidades de cada região do país, a partir de itinerários formativos que deve ser escolhido pelo estudante a partir de seus interesses e projeto de vida. Se num primeiro momento isso possa parecer interessante, num olhar mais atento verifica-se que do mesmo modo que a responsabilização pela falta de emprego ou pelo trabalho precário é lançada ao trabalhador, ao estudante ficará o peso de ter feito uma escolha de itinerário não condizente com seu projeto de vida, único responsável por seu fracasso. A formação discursiva neoliberal e a introjeção do funcionamento competidor são tamanhas que não se compete apenas uns com os outros e sim, ainda mais, consigo mesmo, em que habilidades e competências dos estudantes são valoradas como num mercado. O indivíduo é instado a se pensar como uma empresa.

Os meios de comunicação, do mesmo modo, desempenham papel fundamental na difusão da retórica empreendedora (TOMMASI, 2020) por meio da construção de crenças

⁶⁹ A reforma do ensino médio do governo Temer, substituiu disciplinas de Humanidades por Educação Financeira.

⁷⁰ A atuação do SEBRAE em projetos escolares é cada vez mais presente. Antônio C.T. Liberato, consultor do SEBRAE/RN, colaborou na elaboração do projeto de educação empreendedora, proposto pela Secretaria de Educação do estado do Rio Grande do Norte e SEBRAE. Estudo disponível em: <[http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/3CBF34B0D06A6941832572B1006F3722/\\$File/NT00035112.pdf](http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/3CBF34B0D06A6941832572B1006F3722/$File/NT00035112.pdf)>. Acesso em: 04 de nov. de 2021.

⁷¹ A inserção da lógica empreendedora tem sido veiculada pela grande mídia nos últimos anos e debatida entre educadores e gestores escolares. Uma amostra disso pode ser conferida na reportagem disponível em: <<https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,empreendedorismo-agora-e-disciplina-que-se-aprende-na-escola,7000304836>>.

(BOURDIEU, 2006b). Está no imaginário das pessoas que o brasileiro teria uma criatividade vigorosa, empreendedor nato, inventivo e destemido, que não se envergonha de começar com tão pouco, de modo improvisado, mas vislumbrando o sucesso. Essa concepção é continuamente reproduzida⁷², seja em programas jornalístico ou telenovelas, ao apresentar pessoas, reais ou fictícias, que conseguiram “vencer na vida” mesmo em meio a tanta dificuldade, ou que abandonaram seus empregos para viverem de um sonho.

Os exemplos da dramaturgia são muitos, exibidos em horário nobre pela rede de televisão aberta mais assistida do país: Raquel Accioli, em “Vale Tudo” (1988); Maria do Carmo, em “Rainha da Sucata” (1990); e Maria da Paz, em “A Dona do Pedaço” (2019). Também são apresentadas histórias daqueles que foram em busca do sonho de fazer o que gostam⁷³. Os casos são muitos e demonstram as dificuldades e as vitórias, tanto de quem empreende, quanto dos que conseguiram emprego nesses pequenos empreendimentos⁷⁴, porém não faltam reportagens em que a busca por sobrevivência seja interpretada de forma distorcida em que a precariedade é lida como percalços para se alcançar o sucesso. O fato de o sujeito conseguir “reinventar-se” iniciando um trabalho por conta e, a partir dele, garantir sua subsistência, é exibido como algo excepcional, exemplo de superação⁷⁵.

O que está sendo modelado é o que Boltanski e Chiapello (2009) chamaram de o indivíduo do terceiro espírito do capitalismo. A mentalidade dos indivíduos passaria a operar segundo a ótica da meritocracia e da competição. Desse modo, quanto antes se der o contato com as disposições e capacitações necessárias para lidar com um mundo de relações efêmeras e flexíveis, mais cedo se estabelecerá disposições interiores para a construção de um “novo trabalhador” (HARVEY, 2008) submetido aos imperativos desse novo espírito do capitalismo, ou seja, mais versátil para lidar com adversidades e condescendente com a flexibilidade de funções e ganhos e com o mercado não regulado. Para Machado da Silva, cria-se a imagem desse “novo trabalhador”:

⁷² Reportagem apresentada no programa “Fantástico”, emissora Globo, em 2016 mostrou o crescimento do empreendedorismo no Brasil. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=17x7xoq-1fw>>. Reportagem apresentada no programa “Fantástico”, emissora Globo em 2017 mostrou histórias de mulheres empreendedoras. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=0xZINwwy5gU>>. Acesso em: 20 de setembro de 2021.

⁷³ Reportagem apresentada no programa “Globo Repórter” sobre empreendedorismo e liberdade financeira. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KsLKCOWf484>>. Acesso em 07 de set. de 2021. Outra reportagem veiculada pela TV Senado do Espírito Santo mostra alguns casos de pessoas que abandonaram seus empregos para empreendedores. Um deles chama a atenção, pois, trata-se de uma “escolinha para empreendedores”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=r8OiT414Bmg>>. Acesso em: 07 de setembro de 2021.

⁷⁴ Reportagem apresentada no Programa “Domingo Espetacular” em setembro de 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=HlxFINX54Rk>>. Acesso em: 07 de set. 2021.

⁷⁵ Reportagem apresentada no Programa “Fantástico” que tratou trabalho informal como empreendedorismo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ahDUIYY2Fmw>>. Acesso em 07 de set. de 2021.

[...] como um ser que substitui a carreira em um emprego assalariado de longo prazo pelo desenvolvimento individual através da venda de sua força de trabalho em uma série de ocupações contingentes, obtidas através da demonstração pública de disposição e competência para atividades e condições de trabalho em constante mudança, isto é, como empresário de si mesmo (MACHADO DA SILVA, 2003, p. 166).

Conseqüentemente, ao ser impactados pela construção de uma nova cultura do trabalho e seduzidos pelo discurso empreendedor, quando os jovens entram na vida adulta já não vislumbram um emprego formal sob regime CLT. Imersos nos discursos de despertar o líder que há em si, de trabalhar com o que se ama, de ser dono do seu próprio tempo, esses indivíduos correntemente iniciam suas vidas no mundo do trabalho de maneira informal, a partir de uma perspectiva empreendedora. Algo que é visto com entusiasmo pelos capitalistas que não precisam mais firmar contratos de trabalho e sim contratos comerciais empresa-empresa ao subcontratar os serviços autônomos e pejotizado desses trabalhadores. Desse modo, são desonerados dos custos ainda assegurados pelas leis trabalhistas.

Ao tornarem-se responsáveis por sua própria reprodução social, arcam com todos os ônus de “empresariar” a si mesmo, como o pagamento de impostos, recolhimento previdenciário e o investimento para seguir em contínua atualização. As contratações sem registro, ou que burlam as legislações trabalhistas, assim como as ocupações informais, comprometem o sistema de seguridade social. Nesse sentido, “[...] essas práticas impõem prejuízos à receita e às políticas públicas, além de projetarem valores contrários ao bem público e à solidariedade social” (CACCIAMALI; JOSÉ-SILVA, 2003, p.12). O impacto da informalidade na arrecadação da previdência social fez com que medidas governamentais fossem tomadas a fim de promover a formalização dos trabalhadores por conta própria.

Como política de regularização dos trabalhadores informais, o Simples Nacional⁷⁶ é o melhor exemplo. Trata-se de uma política com intuito de favorecer micros e pequenos empreendimentos a partir de um regime de tributação diferenciado e simplificado. Segundo o SEBRAE (2011) a ação trouxe um impacto positivo por promover a formalização do trabalho autônomo, reduzindo, assim, os níveis de desemprego e aumentando a contribuição. A nós interessa apresentar as especificidades da figura jurídica intitulada como MEI – microempreendedor individual.

O programa criado em 2006 tem como objetivo simplificar a tributação e oferecer alíquotas menores, com valores fixos. Para inscrever-se o trabalhador precisa exercer sozinho alguma das dezenas de atividades econômicas listadas pelo programa, ou com no máximo de

⁷⁶ Instrumento validado segundo a Lei Complementar 123/06, conhecida como “Lei Geral da Micro e Pequena Empresa”.

um empregado, e ter faturamento anual máximo pré-estipulado. Realizado o registro, o MEI recebe um código nacional de pessoa jurídica – CNPJ e fica isento de todas as taxas para efetuar o registro da empresa. É paga uma contribuição mensal fixa, o DAS – unificação dos tributos INSS, ICMS e/ou ISS Além do direito à emissão de nota fiscal, ao efetuar o pagamento mensal sem atraso do DAS (Documento de Arrecadação do Simples Nacional), o MEI e sua família têm direitos previdenciários como aposentadoria por idade ou invalidez, auxílio doença e salário-maternidade, no caso do contribuinte, e auxílio-reclusão e pensão por morte, no caso dos familiares⁷⁷.

Dados de 2019 apresentados pelo Portal do Empreendedor do governo federal apontam para um total de 8,1 milhões de microempreendedores formais, com crescimento de mais de 120% nos últimos cinco anos⁷⁸. Outro dado interessante apontado é o de que quase 25% dos microempreendedores estão na faixa etária dos 21 aos 30 anos. Segundo levantamento realizado pela *Global Entrepreneurship Monitor* em 2008, a participação do jovem empreendedor alcança e supera os demais segmentos etários analisados. Essa é uma característica acentuada principalmente entre empreendedores culturais.

A facilitação de crédito⁷⁹ e os incentivos legais para a abertura de pequenos empreendimentos (ações que mostram a importância das instituições políticas e econômicas para impulsioná-los), a literatura sobre o assunto⁸⁰ e o investimento educacional para estimular o ideário empreendedor são algumas das medidas que têm fomentado a tendência ascendente do empreendedorismo no Brasil. Dados recentes do Ministério da Economia apontam para a existência de mais de dez milhões de microempreendedores individuais. Só entre os meses de janeiro e abril de 2019, quase seiscentos mil novos registros foram realizados, vistos com entusiasmo pelos representantes do governo. Essa situação foi ilustrada pela seguinte fala de um dos assessores do ministério: “esse é o caminho da prosperidade, a pessoa ser patrão de si mesma, um sonho de liberdade”⁸¹.

⁷⁷ Dados retirados da aba Empresas e Negócios no site do Governo Federal. Disponível em: <<https://www.gov.br/empresas-e-negocios/pt-br/empreendedor/quero-ser-mei/direitos-e-obrigacoes>>. Acesso em: 26 de out. de 2021.

⁷⁸ ALVARENGA, Darlan. País já tem 8,1 milhões de microempreendedores formais, **G1**, Rio de Janeiro, 03 de abr. de 2019. Disponível em: < <https://g1.globo.com/economia/noticia/2019/04/03/pais-ja-tem-81-milhoes-de-microempreendedores-formais-veja-atividades-em-alta-entre-meis.ghtml>>. Acesso em 02 de ago. de 2019.

⁷⁹ A facilitação de crédito, com taxas mais baixas e menos burocracias para contrai-los foi vivenciado nos primeiros anos após a criação do Simples Nacional, porém, não se mantém no atual momento. Ao contrário, a política econômica atual, em especial nesse momento de pandemia, volta-se ao grande empresariado em detrimento do pequeno e microempreendedor.

⁸⁰ HUNTER, James. O monge e o executivo: uma lição sobre a essência da liderança; DWECK, C. S. Mindset: A nova psicologia do sucesso; CORREA, Cristiane. Sonho Grande, entre outros.

⁸¹ Dado disponível em: <<https://www.gov.br/economia/pt-br/assuntos/noticias/2020/abril/brasil-ultrapassa-a-marca-de-10-milhoes-de-microempreendedores-individuais->

Para Neri e Fontes (2010), independente dos motivos que levam os trabalhadores a migrarem para o trabalho autônomo, os expressivos números evidenciam que a informalidade deixou de ser exceção há muito tempo.

A decisão de ser trabalhador por conta própria ou microempreendedor pode ser determinada pela escassez de empregos formais (teoria da exclusão) ou uma decisão voluntária (visão integrada) tomada a partir da avaliação dos custos e benefícios, pecuniários ou não-pecuniários. A maior parte dos microempreendedores iniciou seu próprio negócio por desestímulos do mercado de trabalho gerados pelo desemprego e os baixos salários: 30% abriram o negócio por não encontrarem emprego e 18% para complementar renda. Em outras palavras, grande parte desses negócios não surge por espírito empreendedor dos seus proprietários, mas como uma alternativa de sobrevivência. (NERI; FONTES, 2010, p. 38).

De acordo com Pochamann, ainda que alguns empreendimentos sejam exitosos,

[...] parece não ser o caminho que possibilite a incorporação da grande massa de trabalhadores que se encontram fora do mercado de trabalho. Em grande medida, por que muitas das iniciativas de negócios autônomos dependem da renda gerada no setor organizado da economia e, portanto, seu desempenho está diretamente ligado ao desempenho daquele setor. (POCHAMANN, p. 16, 1998).

A argumentação de Pochmann faz ainda mais sentido ao pensarmos em nossos sujeitos de pesquisa. Com exceção de Maria Eduarda, uma das organizadoras da RolêFeira, e Pedro e Cláudia, todos os demais iniciaram seus projetos com renda obtida no acerto de contas do antigo emprego assalariado, com ou sem registro, com reserva acumulada ao longo da elaboração do projeto ou por terem rendimentos de outras fontes, que é o caso de Neusa. Um ano antes de se aposentar, na área e administração hospitalar, começou a desenvolver bolsas, carteiras e necessários, mas sem muitas pretensões. Vendia pouco, para pessoas conhecidas e familiares, mas isso não a preocupou porque não contava com o faturamento da Bilicabiê para aumento de seu orçamento. A costura era uma distração, uma forma de se conectar com a mãe que falecerá há pouco tempo: “Ela era costureira e o gosto pela costura veio dela. O nome da marca é uma homenagem a ela. A meus pais na verdade porque é a junção dos nomes dos dois”, contou com olhos marejados. Além das lembranças da mãe, acessadas por meio do ato de costurar, Neusa disse que esse trabalho gera prazer e satisfação por perceber que as pessoas gostam muito dos produtos que desenvolve e isso a motiva. Nesse caso, ainda mais, o trabalho é tido como meio para obtenção de prazer, de satisfação pessoal. O retorno que se espera está para além do material.

7. APONTAMENTO FINAIS

As transformações do capitalismo contemporâneo concebem um novo paradigma econômico mundial baseado no conhecimento, na cultura, na criatividade, como potenciais elementos de desenvolvimento socioeconômico e produção de valor. Tratando-se de países economicamente subdesenvolvidos, o emprego da cultura e da criatividade nas políticas públicas era uma aposta para a geração de renda e de emprego, algo disposto no Brasil até 2016.

Nesse paradigma está inserido a ideologia do empreendedorismo que, em grande medida, busca reinterpretar nossa histórica informalidade como potencialidade empreendedora. Nesse contexto, a economia criativa surge como forma de legitimação a formas de trabalho que sempre estiveram fora dos esquemas de proteção social das relações de assalariamento: a intermitência, o trabalho por projetos, a inexistência de jornadas de trabalho regular, a falta de direitos sociais vinculados ao trabalho. Construiu-se com a economia criativa uma divisória entre o trabalho qualificado, trabalho intensivo e o desqualificado presente na informalidade tradicional dos vendedores de rua e de outras formas de viração

O discurso acerca de uma cultura empreendedora dá sustentação a uma nova cultura do trabalho (LIMA, 2010) em que se faz necessário aos trabalhadores e trabalhadoras assegurarem sua empregabilidade, assumirem riscos, mostrarem-se flexíveis, polivalentes, ou seja, que pensem a si próprios como uma empresa (COSTA, 2009; LIMA; HOLZMANN, 2015; MACHADO da SILVA; 2002; 2003). Outra característica preponderante dessa nova cultura do trabalho sob a égide do neoliberal é a mobilização da experiência, da subjetividade e dos saberes dos sujeitos para serem empregados na reprodução ampliada do capital (DARDOT; LAVAL, 2016; LÓPES-RUIZ, 2008). Nesse sentido, o empreendedorismo criativo exprime importantes aspectos do “novo espírito do capitalismo” (BOLTANSKI; CHIAPELO, 2009).

No decorrer da pesquisa buscamos compreender de que maneira se enlaçam as noções de criatividade e de empreendedorismo, compreender como essas trabalhadoras e trabalhadores percebiam a si mesmos e os trabalhos que desenvolviam, o que os motivavam a trabalhar por conta própria e quais afetos e desejos estavam sendo atendidos ou que se esperava sanar por meio do trabalho. Nossa linha argumentativa buscou demonstrar que a construção da conduta desses sujeitos inseridos no movimento de feiras criativas seria reflexo das mudanças culturais do capitalismo que estimulam a individualidade, a busca por autonomia e a vivência de subjetividades.

A partir do quadro teórico e da análise empírica foi possível apreender a maneira como a criatividade é “comoditizada” (BENDASSOLI et al., 2009) e transformada em mecanismo valorização do capital, com a eliminação de custos, assim como estratégia de políticas públicas

(REIS, 2006). A noção de criatividade, que pode ser entendida como uma característica humana universal, resultado de processo racional e consciente (HOWKINS, 2003), que quando estimulada tende a gerar inovação, acaba sendo para grande parte das trabalhadoras e trabalhadores no contexto brasileiro, matéria-prima estimulada pela necessidade. Nesse caso nos referimos a necessidade material, a que obriga o sujeito sem trabalho “correr atrás” de forma criativa para conseguir alguma renda, contudo a necessidade pode ser também de ordem subjetiva, a ação criativa pode surgir por desejo e não apenas para “dar conta da vida”. Não queremos com isso dizer que se trata de uma conduta desinteressada de ganhos materiais (BOURDIEU, 2006) e sim que a isso somam-se outros interesses de ordem não material, como buscamos demonstrar.

A ênfase dada pelas trabalhadoras/es criativas às atividades que desenvolvem alça o trabalho como projeto de vida, como expressão de identidade e de singularidade, nas quais vida pessoal e trabalho se misturam no compartilhamento do espaço e no tempo mal dividido. Todo o tempo foi possível perceber a tensão entre autonomia e escolhas limitadas e como isso se enlaça à racionalidade neoliberal, mas não de maneira inteiramente irredutível a ela., pois a lógica empreendedora utilitária não responde totalmente à forma como esses sujeitos se relacionam com seus trabalhos, nem aos seus discursos, como o desejo de que com seus trabalhos possam impactar positivamente o coletivo, que tenha consequências para além da esfera pessoal.

É inegável que o envolvimento total com o trabalho, encarado como projeto de vida, como aquilo que dá sentido à vida gera saldos positivos, contudo acaba escondendo precariedades no que se refere às incertezas de futuro, em relação a faturamentos e continuidade do empreendimento, e mesmo no cotidiano das horas de execução do trabalho. A sentença “trabalhe com que ama e nunca mais precisará trabalhar” na realidade poderia ser reescrita: trabalhe com que ama e nunca mais deixará de trabalhar. Algo que não foi demonstrado como fator de problematização para a maioria dos entrevistados porque, com base em seus discursos, conseguir vivenciar um estilo de vida no qual acreditam e, por meio daquilo que produzem, propagar suas visões de mundo eram os motivadores que compensavam as extenuantes horas de trabalho.

Os discursos apresentados foram congruentes em relação a ter o trabalho como expressão de suas identidades e que isso os mantém firme em seus propósitos. Em todas as falas apareceu a dimensão simbólica como motivação, seja de ordem pessoal, como acompanhar o crescimento dos filhos; como meio de conectar-se a pessoas queridas; não ter mais que responder a chefias; busca por autonomia e domínio do próprio tempo, seja de ordem coletiva:

como a valorização da economia local; a valorização de símbolos da cultura popular e a preocupação ambiental, manifesta em noções e práticas como o veganismo, a reutilização de materiais e o anticonsumismo.

A busca por trabalhar com algo que faça sentido, que seja gratificante, que explicita valores éticos e políticos, mas além disso, a busca por trabalhar por conta própria também se deve ao desencantamento com o trabalho fixo, seja por sua escassez, seja pelos baixos salários. Por não terem nem patrão, nem salários e horários fixos demonstraram ter consciência da necessidade de constante adaptação e desenvolvimento pessoal para conseguirem se manter no mercado e sem consideráveis quedas no faturamento, dominar saberes e ferramentas que os permita seguir trabalhando independente do cenário posto, de usar a criatividade não apenas como insumo para a criação de seus produtos e para traçar estratégias de divulgação de seus trabalhos e ideias, e sim também como ferramenta para saber lidar com crises, como essa que vivenciaram e ainda vivenciam causada pela pandemia de COVID 19, já que caberia somente a esses empreendedores de si suas “glórias” ou “derrotas”. Isso ficou aparente quando, do dia para noite, foi necessário ter a virtualidade das redes como único local de trocas. O domínio das ferramentas e linguagens digitais mostrou-se como mais uma forma de exclusão social porque no atual contexto, além do letramento, é cada vez mais necessário ser um alfabeto digital.

Em vista disso, o movimento de feiras criativas responde às necessidades dessas trabalhadoras e trabalhadores ao viabilizar espaços em que possam promover trocas materiais e simbólicas, ainda que os imperativos neoliberais incitem a competição, observamos que a mobilização e o engajamento do coletivo Rolê demonstram senso de cooperação e coletivismo. Tal afirmação sustenta-se a partir da vivência de campo, ao notar o quão trabalhoso é para elaborar e executar cada uma das edições da feira, e que tal esforço não se realiza por interesse financeiro e sim para unir pessoas com ideias semelhantes, para ser um espaço de lazer e entretenimento, de divulgação de ideias e de debate, e de construção de identidade coletiva, dado que as organizadoras ganham apenas o que vendem em suas bancas e todo o dinheiro arrecado com as inscrições é revertido em benefício de todos os expositores e expositoras, vivências que resultaram no estímulo da economia local, na construção de redes e na ações formativa.

Notável o envolvimento das organizadoras da RolêFeira e demais expositores na construção do movimento, no engajamento em suscitar reflexões e debates, na intenção de fornecerem produtos e serviços que transmitam os valores que sustentam o viver dessas pessoas, na proposta de levantar críticas ao status quo e colaborar na criação de uma alternativa às práticas econômicas hegemônicas, em um outro modo de produção, circulação de produtos e

consumo. Contudo, é importante pontuar que a cultura do trabalho na atual configuração de reprodução do capital aprecia as iniciativas individuais, a busca por autonomia e a realização das subjetividades. Nesse sentido, os questionamentos e reflexões incitados por esses sujeitos, por não irem ao cerne da problemática que levantam, não demonstram força suficiente para fazer frente aos impositivos neoliberais, apresentando-se como ações muito mais reformistas que transformadoras.

Nossa intenção não é de maneira alguma deslegitimar ou invalidar os esforços e processos demonstrados pelo movimento de feiras criativas, as potencialidades e feitos da RolêFeira e seu engajamento, buscamos apenas refletir sobre alguns limites entre o discurso e a vivência, pois nos parece correto afirmar que trabalhadoras e trabalhadores criativas e alternativas ao incorporarem o *ethos* individualista manifesto pelo empreendedorismo de si, aceitam vivenciar a situação de instabilidade permanente de suas condições de trabalho, naturalizada como inerente às atividades criativas, por acreditarem que seus trabalhos carregam os valores por eles manifestos.

Em outras palavras, a intencionalidade e o engajamento desses sujeitos na busca por outro modo de desenvolvimento socioeconômico e alimentar, pela valorização de aspectos culturais brasileiros e o posicionamento em defesa das causas das minorias não deixa de ser relevante, embora longe de qualquer ação coletiva mais radical e transformadora. Possuem potencialidades e limites enquanto parte de movimentos sociais alternativos que buscam relacionar os anseios individuais e subjetivos de autonomia e liberdade laboral demonstrados nos discursos das trabalhadoras/es criativas, com as dinâmicas neoliberais de dominação, de mercantilização dos afetos e de precarização do trabalho e da vida.

8. REFERÊNCIAS

- ABÍLIO, L. C. Uberização do trabalho: subsunção real da viração. **Passa Palavra**, 2017. Disponível em: <<http://passapalavra.info/2017/02/110685>>. Acesso em: 22/12/2021.
- ABRAMOVAY, R. Anticapitalismo e inserção social dos mercados. **Tempo Social**, Revista de Sociologia da USP, São Paulo, v. 21, n. 1, jun. 2009.
- ALMEIDA, M. I. M.; EUGENIO, F. Autonomias táticas: criatividade, liberação e inserção profissional juvenil no Rio de Janeiro. **Política & Trabalho** - Revista de Ciências Sociais, Paraíba, n.35, p.11-28, out.2011.
- ALVES, G. **Trabalho e mundialização do capital**: a nova degradação do trabalho na era da globalização. (2ª edição). Londrina: Práxis, 1999.
- ALVEZ, G. **O novo (e precário) mundo do trabalho**: reestruturação produtiva e crise do sindicalismo. São Paulo: Boitempo, 2000.
- _____. Trabalho e nova precariedade salarial no Brasil. Morfologia Social do Trabalho na década de 2000. **Oficina do Centro de Estudos Sociais**, Faculdade de Economia, Universidade de Coimbra. 2012. Disponível em: <<https://estudogeral.uc.pt/bitstream/10316/87521/1/Trabalho%20e%20nova%20precariedade%20salarial%20no%20Brasil.pdf>>. Acesso em: 17 de abr. de 2022.
- _____. **Dimensões da precarização do trabalho** – Ensaios de Sociologia do Trabalho. Bauru: Canal 6 Editora, 2013.
- ANDERSON, P. Balanço do Neoliberalismo. In SADER, E. (Org). **Pós-neoliberalismo** - As políticas Sociais e o Estado Democrático. São Paulo: Paz e Terra, 1995.
- ANDION, C.; SERVA, M. Por uma visão positiva da sociedade civil: uma análise histórica da sociedade civil organizada no Brasil. **CAYAPA - Revista Venezuelana de Economía Social**, ano 4, n. 7, p. 7 – 24, dezembro, 2004.
- ANTUNES, R. As novas formas de acumulação de capital e as formas contemporâneas do estranhamento (alienação). **Caderno CRH**, Salvador, n. 37, p. 23-45, jul./dez. 2002.
- BENDASSOLI, P.F.; JR. WOOD, T.; KIRSCHBAUM, C.; CUNHA, M.P. Indústrias criativas: definição, limites e possibilidades. **RAE**, São Paulo, v.49, n.1, jan/mar.2009.
- BOECHAT, P. T. V.; SANTOS, J. L. **Feira livre**: dinâmicas espaciais e relações identitárias. (Dissertação de mestrado) – Universidade Estadual da Bahia, Bahia, 2015. Disponível em <<https://docplayer.com.br/7418705-Feira-livre-dinamicas-espaciais-e-relacoes-identitarias.html>>. Acesso em: 09 nov. 2021
- BOLTANSKI, L.; CHIAPELO, È. **O Novo Espírito do Capitalismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BOTH, L. J. R. G. **Faça você mesmo:** os “alternativos” Mercado Mundo Mix e Bazares em registro etnográfico. (Dissertação de Mestrado) - Universidade Federal do Paraná. Curitiba, p. 116. 2006.

BOURDIEU, P. O capital social: notas provisórias. In NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (Org.). **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 2007.

_____. **A Distinção:** crítica social do julgamento. Porto Alegre: Zouk, 2006a.

_____. **A produção da crença:** contribuição para uma economia dos bens simbólicos. Porto Alegre: Zouk, 2006b.

BRASIL. Plano da Secretaria da Economia Criativa: políticas, diretrizes e ações (2011-2014). Brasília: **Ministério da Cultura**, 2011.

_____. As metas do Plano Nacional de Cultura. Brasília: **Ministério da Cultura**, 2012.

BURGOS, F.; MICHETTI, M. Fazedores de cultura ou empreendedores culturais? Precariedade e desigualdade nas ações públicas de estímulo à cultura. **Políticas Culturais em Revista**, Salvador, v. 9, n. 2, p. 582-604, jun./dez. 2016.

CACCIAMALI, M. C.; JOSÉ-SILVA, M. F. Mais informalidade, menos cidadania. Os efeitos criados por esse círculo vicioso sobre a formulação da política social na América Latina. **Cadernos PROLAM/USP**, São Paulo, v. 2, n.1, p. 7-22, 2003.

CAMPOS, C. B.; PORTO, J. B. Escala de valores pessoais: validação da versão reduzida em amostra de trabalhadores brasileiros. **Psico**, v. 41, n. 2, p. 208-213, 2010.

CANZIAN, F. Emprego informal dobre e ‘ioiô’ na renda empobrece brasileiro. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 07. out. 2021. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/10/emprego-informal-dobra-e-ioio-na-renda-empobrece-brasileiro.shtml>>. Acesso em: 22 de nov. 2020.

CASTEL, R. **As metamorfoses da questão social:** uma crônica do salário. Petrópolis: Vozes, 2010.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CATANI, A. M.; NOGUEIRA, M.A.; HEY, A.P.; MEDEIROS, C.C.C. **Vocabulário Bourdieu**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

COLEMAN, J. S. *Social Capital in the Creation of Human Capital*. **The American Journal of Sociology**, Supplement: Organizations and Institutions: Sociological and Economic Approaches to the Analysis of Social Structure, v. 94, p. S95-S120, 1988.

COSTA, S. S. G. Governamentalidade, neoliberal, Teoria do Capital Humano e Empreendedorismo. **Educação & Realidade**, v. 34, n. 2, p.171-186, mai/ago, 2009,

CURI, A. Z.; MENEZES-FILHO, N. A. O mercado de trabalho brasileiro é segmentado? Alterações no perfil da informalidade e nos diferenciais de salários nas décadas de 1980 e 1990. **Estudos Econômicos**, v. 36, n. 4, p. 867- 899, dez. 2006.

DABUL, L. Artes plásticas em feira de artesanato: venda, criação e os olhos para ver a arte. **Sociologia & Antropologia**, v.04.01, p.163-183, 2014.

DARDOT, P.; LAVAL, C. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

DIB, S. K.; CASTRO, L. R. (2010). O trabalho é projeto de vida para os jovens? **Cadernos De Psicologia Social Do Trabalho**, v.13, n.1, p. 1-15, 2010.

DOMINGUES, I.; MIRANDA, A. P. **Consumo de ativismo**. Barueri: Estação das Letras e Cores, 2018.

DUISENBERG, E. S. Economia Criativa: uma opção de desenvolvimento. In REIS, A.C.F. (Org.). **Economia Criativa como estratégia de desenvolvimento**: uma visão dos países em desenvolvimento. São Paulo: Itaú Cultural, 2008. Disponível em <<https://garimpodesolucoes.com.br/wp-content/uploads/2014/09/Economia-Criativa-como-Estrat%C3%A9gia-de-Desenvolvimento.pdf>> Acesso em 13 dez.2021.

ENTREPRENEURSHIP MONITOR (GEM). **Empreendedorismo no Brasil**. Relatório de Pesquisa 2008. Curitiba: IBQP, 2009.

FIRJAN. Federação das Indústrias do Rio de Janeiro. **Mapeamento da Indústria Criativa no Brasil**. Rio de Janeiro: Sistema Firjan, 2019.

FLORIDA, R. **A ascensão da classe criativa**. Porto Alegre: L&PM, 2011.

FOUCAULT, M. **Segurança, território e população**. (Tradução de Eduardo Brandão). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2014.

FRIEDMAN, M. **Capitalismo e liberdade**. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

GENNARI, A. M. Globalização, neoliberalismo e abertura econômica no Brasil nos anos 90 global. **Pesquisa & debate**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 30-45, 2001.

GONDIM, L. M. P.; LIMA, J. C. **A pesquisa com artesanato intelectual**: considerações sobre método e bom senso. João Pessoa: Manufatura, 2006.

GOHN, M. G. **Mai de 1968 na França e a Teoria Social Contemporânea**. In Encontro Anual da ANPOCS, Caxambú. Anais do Encontro Anual da XXX ANPOCS. São Paulo: ANPOCS, 2008.

GORZ, A. **O imaterial**: conhecimento, valor e capital. São Paulo: Annablume, 2009.

GRANOVETTER, M. Ação econômica e estrutura social: o problema da imersão. **RAE-eletrônica**, v. 6, n. 1, Art. 9, jan./jun. 2007.

GRESPLAN, J. Crítica da economia política, por Karl Marx. In NETTO, J.P. (Org). **Curso livre Marx-Engels: a criação destruidora**. São Paulo: Boitempo, 2015. p. 139-162.

HABERMAS, J. **O Estado-nação europeu frente aos desafios da globalização. O passado e futuro da soberania e da cidadania**. (Tradução de Antônio Sérgio Rocha). São Paulo: Novos Estudos, CEBRAP, n. 43, nov. 1995.

HARVEY, D. **A Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Edições Loyola, 2008. p. 115-184.

_____. Neoliberalismo como destruição criativa. **Interfacehs**, v.2, n.4, p.1-30, 2006.

Disponível em: < <http://www3.sp.senac.br/hotsites/blogs/InterfacEHS/wp-content/uploads/2013/07/trad-2007.pdf>>. Acesso em 20 set. 2021.

HELOANI, J. R. **Gestão e organização no capitalismo globalizado: história da manipulação psicológica no mundo do trabalho**. São Paulo: Atlas, 2003.

HOWKINS, J. **Economia criativa: como ganhar dinheiro com ideias criativas**. São Paulo: M.Books, 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Estatística de empreendedorismo 2011**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

KANAN, L. A.; ARRUDA, M. P. A organização do trabalho na era digital. **Estudos de Psicologia, Campinas**, São Paulo, v. 30, n. 4, p. 583-591, 2013.

LAZZARATO, M.; NEGRI, A. **Trabalho imaterial: formas de vida e produção de subjetividade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2001.

LESSA, S. A Centralidade Ontológica do Trabalho em Lukács. **Serviço Social & Sociedade**, n. 52, ano XVII, dez.1996.

LÓPES-RUIZ, O. A técnica como capital e o capital humano genético. **Novos Estudos** 80, p. 127-139, mar/2008.

_____. *Ethos* empresarial: el ‘capital humano’ como valor social”. **Estudios Sociológicos**, vol. 25, n. 74, p. 399-425, mai-ago.2007.

LIMA, A. A. Excurso Sobre o Conceito de Contracultura. **Holos (Natal. Online)**, v. 4, ano 29, p. 183-192, 2013.

LIMA, J. C.; HOLZMANN, L. Tempo, espaço e trabalho. In ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. (Org.). **Etnografias do trabalho, narrativas do tempo**. Porto Alegre: Marcavísal, 2015.

LIMA, J. C.; CONSERVA, M. S. Redes sociais e mercado de trabalho: entre o formal e o informal. **Política e Trabalho**, João Pessoa, n.24, p.73- 98, abr. 2006.

LIMA, J. C. A teoria do capital social na análise das políticas públicas. **Política e Trabalho - Revista de Ciências Sociais**, João Pessoa, n. 17, p. 46-63, set. 2001.

_____. Participação, empreendedorismo e autogestão: uma nova cultura do trabalho? **Sociologias** [online], vol.12, n.25, pp.158-198, 2010. Disponível em <<https://doi.org/10.1590/S1517-45222010000300007>> Acesso em 13 nov.2021.

_____. Modernidade, informalidade empreendedorismo e barbárie. Boletim Lua Nova, 2019. Disponível em: < <https://centro.upsites.dev/2020/10/22/modernidade-informalidade-empreendedorismo-e-barbarie/>>. Acesso em 07 dez.2021.

_____. Participação, empreendedorismo e autogestão: uma nova cultura do trabalho? **Sociologias**, Porto Alegre, ano 12, nº 25, p.158-198, set./dez. 2010.

MACHADO DA SILVA, L. A. Da Informalidade à Empregabilidade: reorganizando a dominação do mundo do trabalho. **Caderno CRH**, Salvador, n. 37, p. 81-109, jul./dez. 2002.

_____. Mercado de Trabalho, ontem e hoje: informalidade e empregabilidade como categorias de entendimento. In SANTANA, M. A.; RAMALHO, J. R. (Org.). **Além da Fábrica: trabalhadores, sindicatos e a nova questão social**. São Paulo: Boitempo, 2003.

MARTES, A.C.B. Weber e Schumpeter. A ação econômica do empreendedor. *Revista de Economia Política*, v. 30, n. 2 (118), p. 254 – 270, abr/jun. 2010.

MARTINS, R. D. S. S; ASHTON, M. S. G. As feiras e bazares colaborativos no contexto das cidades criativas. *Trama: Indústria Criativa em Revista*. **Dossiê Gênero e Indústria Criativa: produção, representação e consumo**, ano 4, vol.6, n.1, p. 190 – 206, jul. 2018.

MARX, K.; ENGELS, F. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MARX, K. **O Capital**. Livro I. São Paulo: Boitempo, 2013.

_____. **Grundrisse**: manuscritos econômicos de 1857-1858. São Paulo: Boitempo, 2011.

MAURO, F. **História econômica mundial 1790-1970**. (2ª edição). Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

NERI, M.; FONTES, A. **Informalidade e Trabalho no Brasil: Causas, Consequências e Caminhos de Políticas Públicas**. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

NEWBIGIN, J. *What is the creative economy?* *British Council*. Disponível em: <<https://creativeconomy.britishcouncil.org/guide/what-creative-economy/>>. Acesso em: 02 de jul. 2021.

OLIVEIRA, P. S. Economia Solidária: entrevista com Paul Singer. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 22, n. 62, p. 289-314, 2008.

PAIVA, C. C.; SILVA, E. A política pública de economia criativa e solidária do município de Araraquara/SP. *Mercado de Trabalho: conjuntura e análise*, Brasília, n. 70, 2020.

PARK, Robert Ezra; BURGESS, Ernest Watson. Competição, conflito, acomodação e assimilação. **RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 13, n. 38, pp. 129-138, agosto de 2014.

PEREIRA, C. A. **O que é contracultura**. (Coleção Primeiros Passos). Rio de Janeiro: Brasiliense, 1992.

PERES, T. B. Informalidade: um conceito em busca de uma teoria. **ABET**, v. 14, n. 2, jul/ dez. 2015.

PINTO, G. A. **A organização do trabalho no século 20: taylorismo, fordismo e toyotismo**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

PIRES, A. S. **Autogestão, economia solidária e gênero: as trabalhadoras de cooperativas incubadas na cidade de São Carlos**. (Dissertação de Mestrado em Sociologia). Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2010.

POCHAMANN, M.; MORETTO, A. A retomada do emprego numa economia em marcha lenta: implicações para as políticas públicas de mercado de trabalho. XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, **ABEP**, Caxambú, 2006.

RANGEL, F. Novas experiências, outros significados: repensando o trabalho no comércio popular. **Rev. Colomb.**, v. 40, n. 2, p. 67-85, 2017.

_____. **A empresarialização do comércio popular em São Paulo: trabalho, empreendedorismo e formalização excludente**. (Tese de Doutorado em Sociologia). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2019.

REIS, A. C. F. Transformando a criatividade brasileira em recurso econômico. In REIS, A. C. F. (Org.). **Economia Criativa como estratégia de desenvolvimento: uma visão dos países em desenvolvimento**. São Paulo: Itaú Cultural: Garimpo de Soluções, 2008.

_____. **Economia da cultura e desenvolvimento sustentável – o caleidoscópio da cultura**. Barueri: Manole, 2006.

ROSENFELD, C. Autonomia outorgada e apropriação do trabalho. **Sociologias**, v. 6, n. 12, p. 202-227, 2004.

SAFATLE, V.; JUNIOR, N. S.; DUNKER, C. **Neoliberalismo como Gestão do Sofrimento Psíquico**. São Paulo: Autêntica, 2020.

SCHERER-WARREN, I.; LÜCHMANN, L. H. H. Situando o debate sobre movimentos sociais e sociedade civil no Brasil. **Revista Política & Sociedade**, Florianópolis, v. 3, n. 5, p. 13-35, 2004.

SCHUMPETER, J. A. **Teoria do Desenvolvimento Econômico**. São Paulo: Editora Nova Cultura, 1997.

SEBRAE. As Pequenas Empresas do Simples Nacional. Brasília: Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - **Sebrae**, 2011. Disponível em: < https://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/As_pequenas_empresas_SN.pdf >. Acesso em: 02 set. 2020.

SEGNINI, L R. P. Educação e trabalho: uma relação tão necessária quanto insuficiente. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 72-81, 2000.

SENNETT, R. **A corrosão do caráter**: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. (Tradução de Marcos Santarrita). Rio de Janeiro: Record, 2009.

SILVA, F. M. B. **Empreendedorismo no campo da economia criativa**: um estudo sobre a feira de artesanato da Beira Mar. (Dissertação de Mestrado em Administração e Controladoria). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

SILVIA, F. G.; CÁRIA, N. P. A inserção do empreendedorismo na educação básica. **Seminário Internacional de Profissionalização Docente**, v. 5, 2015.

SMITH, A. **A Riqueza das Nações**: investigação sobre sua natureza e suas causas. (Tradução de Luiz João Baraúna). (2ª edição). São Paulo: Nova Cultural, 1985.

TAMAYO, A; PASCHOAL, T. A relação da motivação para o trabalho com as metas do trabalhador. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 7, p. 33-54.

TOMMASI, L. Cultura da Performance e Performance da Cultura. **Crítica e Sociedade – Revista de cultura política**, v.5, p. 100 – 126, 2016.

TOMMASI, L.; MORENO DA SILVA, G. Empreendedor e precário-: a carreira “correria” dos trabalhadores da cultura entre sonhos, precariedades e resistências. **Política & Trabalho**, n. 52, p. 196–211, 2020.

WAUTIER, A. M. Do ator ao sujeito: ainda existe um lugar para a ação coletiva pelo trabalho?. **Contexto e Educação**, Editora Unijuí, ano 16, n. 63, p. 35 – 56, jul./set. 2001.

WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.